

JOSÉ EMANUEL QUINTELA CARDOSO

**PERSONALIDADE E AGRESSIVIDADE: UM ESTUDO
EM MILITARES DE PROTECÇÃO E SOCORRO**

Orientador: João Pedro Oliveira

Universidade Lusófona Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Psicologia

Lisboa

2010

JOSÉ EMANUEL QUINTELA CARDOSO

**PERSONALIDADE E AGRESSIVIDADE: UM ESTUDO
EM MILITARES DE PROTECÇÃO E SOCORRO**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de
Mestre em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapias,
conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias.

Orientador: Professor Doutor João Pedro Oliveira

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Psicologia

Lisboa

2010

*...”não houve forte capitão,
que não fosse também douto e ciente,
da Lácia, Grega, ou Bárbara nação,
senão da Portuguesa tão somente”...*

Luís de Camões
Lusiadas, Canto-V, Soneto-97

Agradecimentos

Em primeiro lugar à minha esposa Marta por toda a compreensão, entusiasmo, amparo e inspiração durante mais esta etapa da nossa vida.

Ao meu filho Miguel pelas alegrias diárias que me deram força para chegar até aqui.

Aos meus pais, que muito admiro neste mundo, por se dedicarem sempre aos filhos e por estarem sempre disponíveis em todas as alturas possíveis e imaginárias.

Ao meu irmão, pela experiência que me proporcionou e pelo carinho.

Ao Senhor Professor Doutor João Pedro Oliveira, cuja orientação científica decorreu, não podendo deixar de lhe endereçar uma palavra de reconhecimento, admiração, gratidão, disponibilidade, apoio e compreensão. Agradecer também o seu cuidado na transmissão de conhecimentos, esclarecimentos e pelo incentivo nas alturas mais críticas. Sem o seu saber, exemplo de rigor e exigência científica, não poderia ter atingido este grau de proficiência.

Ao Comandante do Grupo de Intervenção Protecção e Socorro da Unidade de Intervenção da GNR, Senhor Tenente Coronel António Paixão, pela amizade, reconhecimento, aceitação e apoio neste estudo.

Ao Senhor Major Ilídio Canas, Senhor Cabo Chefe Matos e ao Senhor Cabo Pereira pela disponibilidade constante, competência, experiência, apoio e esclarecimentos que me prestaram.

Aos militares do GIPS que colaboraram voluntariamente e possibilitaram a recolha dos resultados.

Ao meu grande amigo Mário Rui, pelo apoio e ajuda. À minha amiga e colega de curso Mara Dias pelo companheirismo e entreajuda.

Aos meus avós e sogros pelo apoio.

Dedico-vos este trabalho.

Resumo

A Protecção e Socorro é das missões mais recentes na instituição militar em Portugal, nomeadamente a Intervenção em Catástrofes. As características individuais têm um papel decisivo, pois podem condicionar de forma determinante o sucesso da missão. O discernimento do indivíduo é imperativo nas situações, não pode haver erros, pois os custos humanos e económicos são demasiado elevados.

Foi estudada uma amostra de 535 militares Portugueses de uma força de elite helitransportada que actua em catástrofes, em que a média de idades é de 28 anos (DP=4,4), tendo o militar mais novo 20 anos e o mais velho 49 anos. O escalão etário mais representado é o escalão dos 26 -30 anos que compreende 52,7% desta força militar operacional.

Para esta investigação utilizámos como medidas de avaliação o *Inventário de Personalidade Neo Revisto*, NEOPI-R (Costa & McCrae 1992), o *Questionário de Agressividade*, AQ (Buss & Perry, 1992) e a *Escala de Desejabilidade Social de Paulhus*, PDS (Paulhus, 1998) para aceder à relação entre personalidade, agressividade e desejabilidade social em militares de protecção e socorro.

Conclui-se que os militares de protecção e socorro demonstram valores elevados de conscienciosidade e valores mais baixos ao nível do domínio do neuroticismo. Demonstraram resultados mais elevados na dimensão Gestão da imagem e mais baixos na dimensão de Auto apresentação favorável. Apresentam ainda níveis de agressividade física bastante elevados e níveis de irritabilidade mais baixos.

Palavras-chave: Protecção e Socorro, Personalidade, Agressividade.

Abstract

Rescue and Protection is one of the latest missions in the Military Corps in Portugal, namely the Disaster Intervention. It depends directly on individual characteristics such as personality and how the military deal with extreme and tension situations. These characteristics have a decisive role, as they contribute to the success of decisive missions. The discernment of the individual is imperative in situations where there can be no mistakes, because the human and economic costs are too high.

The studied sample consisted of 535 soldiers of the military Portuguese Protection and Rescue, an elite force heliborne, where the average age is 28 years (DP = 4,4 years), having the younger military 20 years and the oldest 49 years. The age group most represented is the level 26 – 30 years comprising 52.7% of this military operational force.

In order to make this investigation we used the following measures: the Neo Personality Inventory Revised, NEOPI-R (Costa & McCrae, 1992), the Aggression Questionnaire, AQ (Buss & Perry, 1992), and the Paulhus Deception Scale, PDS (Paulhus, 1998) to access the relationship between personality, aggressiveness and social desirability in Rescue and Protection military.

It is concluded that Rescue and Protection military show high values of conscientiousness and lower values of neuroticism. They also show higher scores on the Impression Management and lower scores on the Self-Deceptive Enhancement dimension. Subjects also present high levels of physical aggression and lower levels of anger.

Keywords: Rescue and Protection, personality, aggressiveness.

Índice

Introdução.....	10
 Capítulo 1 – Personalidade e agressividade.....	12
1.1 – Personalidade.....	12
1.2 – Domínios da personalidade.....	15
1.3 – Agressividade.....	28
 Capítulo 2 – Protecção e Socorro Militar.....	39
2.1 – Profissão Militar.....	39
2.2 – Instituição Militar Guarda Nacional Republicana.....	41
2.3 – Grupo de Intervenção Protecção e Socorro.....	46
2.4 – Missões de Protecção e Socorro.....	49
 Capítulo 3 – Método.....	50
3.1 – Objectivo do estudo	50
3.2 – Descrição da amostra.....	51
3.3 – Descrição dos instrumentos de avaliação.....	54
3.4 – Procedimento.....	61
3.5 – Resultados.....	63
3.6 – Discussão dos resultados.....	82
 Conclusão.....	88
 Bibliografia.....	91

Índice de Abreviaturas

ADM	–	Administrativo
BDHI	–	Inventário de Hostilidade de Buss e Durkee
BREC	–	Busca e Resgate em Estruturas Colapsadas
BRM	–	Busca e Resgate em Montanha
BPAQ	–	Questionário de Agressividade de Buss and Perry
BS	–	Intolerância ao Aborrecimento
CARI	–	Comando de Administração e Recursos Internos
CDF	–	Comando Doutrina e Formação
CEO	–	Chefe de Equipa Operacional
CIEEI	–	Centro de Inactivação de Engenheiros Explosivos Improvisados
CFFF	–	Centro de Formação da Figueira da Foz
CFP	–	Centro de Formação de Portalegre
CG	–	Comando Geral
CSO	–	Comandante de Secção Operacional
CO	–	Comando Operacional
CT	–	Comando Territorial
DIS	–	Desinibição
EG	–	Escola da Guarda
ES	–	Procura de experiências
FM	–	Modelo dos Cinco Factores
GIPS	–	Grupo de Intervenção Protecção e Socorro
GIOP	–	Grupo de Intervenção em Ordem Pública
GIOE	–	Grupo de Intervenção em Operações Especiais
GNR	–	Guarda Nacional Republicana
GM	–	Guarda Municipal
GR	–	Guarda Real
GRP	–	Guarda Real da Polícia
IG	–	Inspecção da Guarda
LOG	–	Logística
MP	–	Matérias Perigosas

NEOPI-R – Inventário de Personalidade NEO Revisto

NRBQ – Nuclear Radiológico Biológico e Químico

OP – Operacional

ONG – Organização não-governamental

PDS – Paulhus Deception Scales

TAS – Procura de emoção e de aventura

TMS – Transmissões

UAF – Unidade de Acção Fiscal

UCC – Unidade de Controlo Costeiro

UI – Unidade de Intervenção

UNT – Unidade Nacional de Trânsito

USHE – Unidade de Segurança e Honras de Estado

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Escalões Etários	51
Tabela 2 – Caracterização sociodemográfica	52
Tabela 3 – Missões de Protecção e Socorro	53
Tabela 4 – Destino das missões Internacionais	53
Tabela 5 – Missões de paz e guerra	53
Tabela 6 – Valores de α de Cronbach do Inventário de Personalidade NEO Revisto.....	59
Tabela 7 – Estatística descritiva: Neo-PI-R	63
Tabela 8 – Estatística descritiva: PDS	64
Tabela 9 – Estatística descritiva: AQ	64
Tabela 10 – Comparação dos valores médios das dimensões da personalidade, agressividade e desejabilidade social em função da execução missões de protecção e socorro...	65
Tabela 11 – Comparação dos valores médios e desvios padrão das dimensões da personalidade, agressividade e desejabilidade social em função da classe hierárquica	70
Tabela 12 – Comparação das médias das dimensões da personalidade, agressividade e desejabilidade social em função do tipo de missão	72
Tabela 13 – Teste de Tukey – Neuroticismo	73
Tabela 14 – Teste de Tukey – Depressão	74
Tabela 15 – Teste de Tukey – Autoconsciência	74
Tabela 16 – Teste de Tukey – Impulsividade	74
Tabela 17 – Teste de Tukey - Auto-apresentação favorável	75
Tabela 18 – Teste de Tukey – Hostilidade	75
Tabela 19 – Comparação das médias das dimensões da personalidade, agressividade e desejabilidade social em função do desempenho	76
Tabela 20 – Teste de Tukey – Assertividade	77
Tabela 21 – Correlação entre dimensões e facetas do Neo-PI-R e factores da PDS	78
Tabela 22 – Correlação entre dimensões e facetas do Neo-PI-R e factores do AQ	80

Introdução

Os profissionais que actuam em catástrofes podem enfrentar situações adversas, onde o cenário é de destruição, amargura e morte. Por vezes, a crueldade das atrocidades provocadas pelos seres humanos ultrapassa tudo o que é considerado num mundo justo, com sentido, previsível e seguro. Os profissionais, perante esta realidade e nestas condições, sentem muitas vezes impotência face à grandiosidade da catástrofe, colocando muitas vezes a vida em perigo.

Uma das grandes questões, que suscitou o interesse da opinião pública em Portugal, foi a atribuição da missão de protecção e socorro à Guarda Nacional Republicana (GNR) em 2005, com implementação do Grupo de Intervenção Protecção e Socorro (GIPS), no ano seguinte, no Regimento de Infantaria (actualmente Unidade de Intervenção). Desde então, esses militares desempenham missões de protecção e socorro em cenários de catástrofe. O GIPS desempenha missões no nosso país e a nível internacional, com uma taxa de sucesso extremamente elevada (99%). As opiniões dividem-se sobre a atribuição desta missão a uma força de segurança de cariz militar e manifestam-se das mais variadas formas e perspectiva.

Uma instituição gendármica como a GNR gere com cuidado uma vivência saudável dos seus valores tradicionais e mantém relações flexíveis com a envolvente social: ser militar com missão policial. Não há instituição sem pessoas; na Guarda, militares e civis são profissionais. As profissões, sendo formas de organização do trabalho, incluem um corpo regulador, um código de conduta, uma gestão do conhecimento enquanto perícia e ainda o controlo do número, selecção e treino dos novos candidatos. Impõe-se aperfeiçoar as perícias profissionais, formar generalistas de alta qualidade e formar especialistas em profundidade. É com base nesta ideia do Senhor Coronel Carlos Alves que surge o GIPS, com a característica singular de ser uma força militar, com missão policial de protecção e socorro.

Por ser uma novidade, não existem estudos anteriores em militares de protecção e socorro. Em todo o mundo existe apenas uma força posterior desta natureza e com algumas diferenças: a Unidade Militar de Emergência (UME) pertencente às Forças Armadas Espanholas.

O mundo está atento a admirar e analisar os resultados positivos desta inovação Ibérica iniciada em Portugal em 2005. Membros do governo do Chile, após visita a Portugal, declararam vontade em criar uma força militar deste género. Ainda este ano várias delegações

internacionais visitaram esta Unidade de elite da GNR, nomeadamente a Policia Armada do Povo Chinês, Comandante da Policia de Timor, Comandante da Policia de Angola e uma Delegação da União Europeia de Apoio a Vítimas – Projecto PAX entre outras.

É neste sentido que consideramos pertinente analisar os traços de personalidade e os níveis de agressividade dos militares que integram esta força especial da GNR que dá cumprimento ao objectivo específico atribuído pelo Estado Português. Além desta análise poderemos contribuir para a intervenção técnica junto dos profissionais competentes da área da saúde bem como nos processos de selecção de candidatos a esta força da Unidade de Intervenção da GNR.

Este estudo tem como base o estudo dos traços de personalidade, os níveis de agressividade e desejabilidade social. Iremos comparar classes, funções atribuídas, experiência em missões internacionais de paz e teatro de guerra, e por fim comparar também militares que nunca desempenharam missões de protecção e socorro e militares que já têm pelo menos um ano de serviço.

A missão atribuída à GNR, em particular ao GIPS, exige uma atitude orientada de constante actividade por parte dos militares na procura da perfeição durante a prática profissional, bem como uma constante aquisição e actualização de competências.

Assim, estes profissionais devem procurar conservar e desenvolver as suas capacidades cognitivas, sociais e afectivas, com a finalidade de melhorar o desempenho da sua missão (ao nível pessoal e institucional) tendo como objectivo a perfeição.

Capítulo 1 – Personalidade

1.1 - Personalidade

A personalidade começou a ser estudada cientificamente no século XX, podendo ser delimitada como um conjunto de expressões não-verbais, acções observáveis, motivações, crenças, atitudes, desejos, estilos de organização da informação e estilos de experienciar emoções, que projectam a individualidade exclusiva de cada indivíduo numa determinada altura (Singer, 1984).

É enorme a variedade de definições do conceito de personalidade, não existindo uma definição aceite universalmente; não obstante, existe concordância em considerar a personalidade como algo estável, único e específico que caracteriza e permite distinguir o indivíduo, conferindo-lhe individualidade. O termo personalidade é frequentemente considerado um sinónimo de honestidade, força de vontade e rectidão, características que instigam empatia nos outros (Mischel, 1981). A personalidade consiste na organização dinâmica intra-individual dos sistemas psicofísicos que determinam os seus ajustamentos ao meio, não sendo porém sinónimo de comportamento, mas algo subjacente aos actos exclusivos do próprio (Allport, 1961).

Como refere Oliveira (2002, p. 52), a análise da personalidade do indivíduo *“pressupõe a compreensão da organização idiossincrática de todos os seus atributos mentais e dos registos em que estes se manifestam”*.

Relativamente aos traços de personalidade, Hampson (1988) constatou que nas diferentes definições de personalidade são abordados com frequência factores internos. Refere ainda que o conceito mais utilizado seria o traço, podendo ser encarado como uma característica ampla e durável. Sendo os traços inferidos de observação do comportamento passado, fornecem um meio de descrever os padrões consistentes do comportamento, bem como de antever o comportamento futuro.

Tendo em conta os traços de personalidade, a caracterização dos indivíduos aparenta ter as raízes históricas. Na tipologia descrita por Hipócrates, no século IV a.C., são delimitados quatro tipos de indivíduos segundo os humores corporais: bÍlis amarela, bÍlis negra, sangue e fleuma.

O traço define-se como uma característica que se encontra entre duas dimensões contrariamente unidas e condicionadas pelo indivíduo, manifestando-se de forma estável em

situações diferenciadas. Apesar de não existir uniformidade relativamente ao número e nome dos traços, é universalmente reconhecido que a componente estrutural da personalidade é originada pela organização dos diversos traços e que estes podem ser inatos, adquiridos, profundos ou superficiais.

McCrae e John (1992) consideram a personalidade um sistema constituído por traços e processos dinâmicos onde o funcionamento psicológico do indivíduo é condicionado e influenciado.

As emoções ostentam uma função importante no progresso da personalidade humana (Izard, 1989; Gross, 1999). Em grande parte dos modelos teóricos de personalidade, as emoções são mencionadas de forma superficial. No entanto noutros modelos teóricos, as emoções, são encaradas como um dos níveis da personalidade.

Izard (1998) sublinha as emoções como elemento fundamental no desenvolvimento de uma personalidade saudável. Allport e Vernon (1933) sustentam a importância do estudo directo na expressão emocional, porque se trata da abordagem mais genuína do estudo da personalidade. Para Izard (1989) a personalidade está estruturada em seis subsistemas: homeostático, impulsivo, emocional, perceptivo, cognitivo e motor, sendo a base do comportamento humano constituído pelos quatro últimos subsistemas. Watson e Tellegen (1985) apresentaram como factor geral o Afecto Positivo que, fundamentalmente, traduzia a predisposição de um estado de humor positivo. Este factor é muito semelhante ao traço extroversão dos cinco grandes factores da personalidade (Avia, 1997). Os traços de personalidade são propensões essenciais e endógenas, desenvolvendo-se ao longo da infância e alcançando a maturidade na idade adulta, mantendo-se estabilizados. A teoria dos cinco factores aceita indirectamente a teoria da personalidade como traço, com atributos temporalmente estáveis (McCrae & Costa, 1999).

Ao relacionar a personalidade com o afecto podemos concluir que o afecto representa estados mentais em que o indivíduo experimenta conforto ou desconforto com a situação que lhe está a acontecer (Watson, 2000). O afecto é considerado temporário e relativo a uma situação, sendo descrito através de emoções breves, como alegria, tristeza e entusiasmo (Langelaan et al., 2006). A personalidade refere-se a características pessoais relativamente estáveis que reflectem diferenças individuais no estilo emocional, inalteráveis temporalmente e que influenciam a generalidade das respostas emocionais (Warr, 1999).

Afecto Positivo e Afecto Negativo são variáveis que estão relacionadas directamente com dois dos cinco factores de personalidade do *big five*, nomeadamente a extroversão e o

neuroticismo. A extroversão considera-se um factor impulsionador do bem-estar, aumentando a probabilidade de um estado óptimo à medida que aumentam os valores da extroversão e diminuindo os valores do neuroticismo (Langelaan et al., 2006). O neuroticismo caracteriza-se pela propensão geral de experienciar emoções perturbadoras, como a depressão, medo e frustração (Gross, 1999; MCrae & Costa, 1999). Desta forma podemos verificar que as emoções se entrelaçam com a personalidade.

Emoção tem origem no Latim, *emovere*, que significa movimento, comoção, acto de mover. É constituída por duas palavras, *emo*, (fora, para fora) e *movere*, (movimento, gesto, acção) (Ekman, 1992; Izard, 1991).

As emoções fazem parte da comunicação desempenhando um papel de orientação cognitiva (Damásio, 2004), recorrendo a estágios biológicos e de construção social (Gross, 1999), pelo que se pode afirmar que o campo da Emoção é complexo e multidisciplinar (Izard, 1989). Sem elas o mundo não teria cor (Gross, 1999), uma vez que ao condicionar objectivos e estratégias de acção encaminham-nos num dado rumo, afastando-nos de outros rumos, por mais válidos que o sejam. Da emoção também partem o sentimento e a razão, os estados psicológicos e biológicos, pelo que dela se articulam processos de avaliação mental, com repercussões a nível corporal, cerebral e intelectual (Damásio, 2004). Por outro lado, Ekman (1992) relata a emoção como o gatilho para a reacção, com base em actividades pré-estabelecidas, tais como a história da espécie ou passado do indivíduo.

A emoção pode ser caracterizada como modificadora da atenção, sendo determinante em comportamentos que irão desencadear uma hierarquia de respostas e que por sua vez activem com alguma relevância aspectos de redes associativas que se encontram memorizadas (Vaz Serra, 1999). Ainda a nível psicológico mas especificamente em termos de saúde mental, poderão existir deficiências de emoção positiva ou excessividade de emoções da personalidade histriónica. Por outro lado, a inibição da emoção relativamente à saúde física, pode acatar ou promover males, como por exemplo a hostilidade crónica, que pode ser associada à Hipertensão, doença coronária e em situações mais graves, a tumores (Gross, 1999). Sabe-se que na grande maioria dos casos as emoções são racionais. Passam por uma panóplia de processos mentais que envolvem, entre outros, a vontade do indivíduo (Damásio, 2004). As emoções são também por vezes inatas, resultando do desenvolvimento cognitivo e sociocultural do indivíduo, com base no meio onde este está integrado (Vaz Serra, 1999).

As emoções podem ser manifestadas tanto verbal como não-verbalmente e, segundo Damásio (2004), nem todas as emoções comportamentais podem ser reduzidas apenas à expressão facial.

O estudo das emoções tornou-se importante para explicar a psicopatologia, nomeadamente quando se tratava de emoções intensas e extremas, com o intuito de eliminar ou reduzir as emoções demasiado negativas ou fora de contexto. Com base em inúmeros estudos chegou-se à conclusão que indivíduos que estejam sob a influência de emoções positivas evitam centrar-se em emoções negativas e nos aspectos negativos que delas advêm que por sua vez poderão ter consequências nas relações interpessoais e nos objectivos individuais.

Em suma, as emoções são entidades complexas que afectam o comportamento, possuindo características inatas e natas, resultando em respostas fisiológicas, subjectivas, expressivas e comportamentais, sendo que o equilíbrio delas depende de como cada indivíduo escolhe quais as emoções relevantes a manifestar (Gross, 1999).

No contexto de uma missão de protecção e socorro, em relação às equipas helitransportadas do GIPS da GNR, os militares, quando nomeados ou voluntariamente incluídos para integração, podem começar por experimentar emoções negativas, como por exemplo o medo pelo desconhecido, a incerteza da missão, a contracção de uma doença respiratória, um possível acidente aéreo, entre outros. Assim sendo, o medo é a primeira emoção a ser instalada, emoção biologicamente programada na preservação da vida. (Rodrigues & Pina Cabral, 1985). O medo, como percepção primária, está sempre presente em situações de conflito, pelo que pode determinar o comportamento do militar (Cunha Rodrigues, 1998).

1.2 – Domínios da Personalidade

A estrutura dos traços de personalidade é composta pelo modelo dos cinco factores. Apesar da grande aceitação deste modelo, ao longo de vários anos foram encontradas algumas limitações e reservas. Para que possa ser considerada uma teoria científica, a taxonomia dos *big five* necessita de alguns elementos base para que efectivamente seja considerada uma teoria científica (Eysenck, 1993). Uma das grandes limitações deste modelo é sua falta de especificidade no que respeita à descrição objectiva dos seus cinco factores, resultado do empirismo (Briggs, 1992). Começaram a emergir esforços no sentido de encontrar uma justificação teoricamente alicerçada para as regularidades empíricas e estatísticas encontradas,

tal como o entendimento da existência de cinco factores, a origem, a base do modelo e relevância para o estudo da personalidade.

A generalidade das investigações sobre personalidade é realizada de forma descritiva, explicativa, ideográfica, molar e molecular (Allport, 1946). Em 1995, Costa & McCrae, publicaram um artigo sobre as explicações fundamentadas nos traços da psicologia da personalidade e um ano depois, em 1996, publicaram um capítulo denominado “*Em direcção a uma nova geração de teorias da personalidade: Contextos teóricos para o modelo dos cinco factores*”. Ambas as publicações são apresentadas como inspirações que tentam direccionar para a teorização do modelo dos cinco factores, sugerindo um modelo geral de teorias da personalidade.

McCrae & Costa (1996) direccionam-se fundamentalmente para a identificação das categorias das variáveis que devem fazer parte de uma teoria da personalidade completa, propondo instituir critérios que permitam a construção de novas teorias e a confrontação das teorias existentes. As variáveis estruturantes seriam representativas dos constituintes básicos e universais de grande parte das teorias da personalidade, podendo essas variáveis ser reduzidas às seguintes: tendências básicas, adaptações características, autoconceito, biografia objectiva e influências externas.

McCrae & Costa (1996) afirmam que as propensões básicas são as capacidades e disposições fundamentais, sendo mais inferidas do que observadas, podendo ser hereditárias ou terem origem nas primeiras experiências. As tendências básicas constituem o potencial e a orientação básica do indivíduo em qualquer momento da sua vida.

As manifestações concretas das tendências básicas são as adaptações características que resultam da interacção do indivíduo com o seu ambiente. Estas adaptações explicam a forma como as dimensões universais da personalidade podem existir numa grande diversidade de culturas. Dentro das adaptações características, o autoconceito destaca-se traduzindo conhecimentos, perspectivas e avaliações relativas ao próprio indivíduo.

Na teoria dos cinco factores da personalidade, no grande agrupamento das tendências básicas, encontramos as características genéticas e físicas, bem como os traços da personalidade. Nas adaptações características encontramos variáveis como as competências adquiridas, as atitudes e as crenças. No que diz respeito ao autoconceito, encontramos os pontos de vista implícitos e explícitos sobre o próprio indivíduo, a identidade e a auto-estima. Quanto à biografia objectiva, encontramos o curso de vida e o comportamento manifesto. No que diz respeito às influências externas encontramos as variáveis desenvolvimentistas e as

variáveis macro e microambientes (McCrae & Costa, 1995). Todas estas categorias estão relacionadas entre si, mediante processos dinâmicos subjacentes às categorias que referem a existência de postulados específicos (McCrae & Costa, 1996).

As tendências basilares referem a suposição de que todos os adultos podem ser caracterizados através da sua posição diferencial, num conjunto de traços de personalidade, sendo que esses traços influenciam os seus pensamentos, sentimentos e comportamentos. Sendo detentores de um considerável valor hereditário, os traços formam-se a partir da infância, para alcançarem a maturidade, na idade adulta, mantendo-se estáveis após os trinta anos de idade. Os traços organizar-se-iam de forma graduada, do mais particular para o mais genérico, estabelecendo os cinco grandes factores da personalidade os níveis mais elevados da referida graduação (McCrae & Costa 1996).

A categoria das adaptações características requereu que, ao longo dos tempos, os indivíduos interajam em relação ao seu ambiente, desenvolvendo, assim, sentimentos e comportamentos adaptados aos seus traços de personalidade. No entanto, a qualquer momento, podem surgir incompatibilidades (ou desajustes) entre as disposições do indivíduo e o seu ambiente, levando-o, em casos extremos, a desordens da personalidade (McCrae & Costa 1996). Por vezes, as adaptações características apresentam um grau de maleabilidade tal que podem modificar-se em resposta ao desenvolvimento biológico, às modificações no ambiente ou em consequência de intervenção deliberada (McCrae & Costa, 1996).

Relativamente ao autoconceito, os indivíduos sustentam uma visão cognitivo-afectiva deles próprios, sendo a informação seleccionada tendo em conta a sua consistência, os traços de personalidade e o sentido de coerência do indivíduo (McCrae & Costa 1996).

No que respeita à biografia objectiva, esta é multideterminada, ou seja, um dado comportamento é consequência da totalidade das adaptações características desencadeadas pela situação. A biografia objectiva está também correlacionada com os planos e metas individuais, que se ajustam aos traços de personalidade de cada indivíduo.

Comparativamente às influências externas, McCrae & Costa (1996) defenderam que estas formam-se através dos dinamismos e interacção dos próprios com outros níveis da personalidade. Todavia, é de referir que cada indivíduo tem parte activa na construção do seu próprio ambiente, de modo ajustado aos seus traços de personalidade.

Como já foi afirmado, as diferentes categorias inter-relacionam-se através dos processos dinâmicos. Quanto a esses processos, McCrae & Costa (1996) defendem que um indivíduo cria continuamente adaptações que, por sua vez, manifesta através de

pensamentos, sentimentos, e comportamentos, pautados em parte por mecanismos cognitivos e afectivos universais. Esta dinâmica é diferencial, uma vez que alguns processos dinâmicos são afectados pelas tendências básicas do indivíduo, incluindo os traços de personalidade.

Assim o aparecimento destes cinco factores lexicais possibilitou a realização de uma taxonomia, pela qual é possível classificar todos os traços de personalidade reconhecidos tanto por psicólogos como por leigos (McCrae, 2006). Além disto, possibilitou também a criação de novos instrumentos criados especificamente para avaliar os factores.

Considerando os traços de personalidade biologicamente fundamentados, o modelo dos cinco factores admite a existência de adaptações psicológicas aprendidas através das experiências quotidianas (McCrae, 2006). Assim, os traços de personalidade servem de ponto de partida à forma como avaliamos o nosso ambiente e organizamos as nossas respostas, aspecto que determina as diferenças entre os indivíduos. Este modelo defende que os traços com base biológica interagem no ambiente social para orientar o comportamento a cada instante (McCrae, 2006).

A teoria da personalidade argumentada por McCrae & Costa não se centraliza nos aspectos universais da personalidade ao nível das tendências básicas. O objecto assenta nas diferenças individuais na adaptação, relacionadas com a personalidade. Estas diferenças são encaradas como consequência da perspectiva dos indivíduos nos cinco factores de personalidade (McCrae & Costa, 1996).

Actualmente ainda existe alguma controvérsia em relação à designação de cada um dos cinco grandes factores da personalidade (Silva, Schlottfeldt, Rozenberg, Santos, & Lelé, 2007). Contudo, a designação mais utilizada considera a extroversão, neuroticismo, abertura à experiência, conscienciosidade e amabilidade (Goldberg, 1981).

A personalidade “*consiste num sistema constituído pelos traços de personalidade e pelos processos dinâmicos, que afectam os processos psicológicos do indivíduo*” (McCrae & Costa, 1996, p. 67). Resumindo, trata-se de uma teoria dos traços da personalidade.

O modelo dos cinco factores da personalidade que enquadra teoricamente o Inventário de Personalidade NEO Revisto é, por conseguinte, uma das mais debatidas propostas no domínio da psicologia da personalidade. Apesar do seu historial agitado, o modelo é na actualidade um conjunto útil de dimensões das diferenças individuais, com possibilidade de serem avaliadas com grande precisão e validade, facultando uma boa resposta à questão da estrutura da personalidade e às solicitações de várias áreas da psicologia (Digman, 1990; Hogan, 1985; John, 1989; McCrae & Costa, 1989).

O modelo dos cinco factores é uma versão da teoria dos traços. Considera que as diversas expressões comportamentais se podem sintetizar em cinco domínios fundamentais: Extroversão, Neuroticismo, Amabilidade, Conscienciosidade e Abertura à Experiência. A robustez do modelo reside, sobretudo, na sua fundamentação empírica.

Efectivamente, as cinco dimensões atravessam as metas balizadoras dos métodos e dos observadores. Ao longo do tempo, começam a aparecer na maioria dos instrumentos extraídos de fontes teoricamente diferentes, fazendo a discriminação entre medidas de personalidade e outras aptidões, como a cognitiva, que proporcionam uma linguagem comum. Através desta, diferentes resultados podem ser integrados, servindo de fundamento para uma análise mais sistemática de novas escalas propostas para a avaliação compreensiva dos indivíduos. O modelo sustenta a ligação entre o psicólogo e o estudo da personalidade, assim como entre o cientista e o leigo, quando confrontado com a descrição da personalidade, ou seja, pode constituir um elo de comunicação, uma linguagem que congrega os diferentes investigadores. Tendo como fundamentação a linguagem diária e o que foi sistematizado por diversas taxonomias da personalidade, pode aumentar-se a aproximação entre disciplinas e a variabilidade entre diferentes avaliadores.

A argumentação empírica e estatística é suficiente para justificar a sua utilização, nem que seja como um instrumento, ainda que numa fase inicial para a descrição compreensiva da personalidade a proliferação recente de perspectivas teóricas sobre o FFM veio desenvolver a proposta, condicionando-a para o lugar principal nas discussões sobre a personalidade e situando-o contextualmente.

Estas novas disposições, a necessitar de apuramento, vieram evidenciar as futuras teorias sobre a personalidade, mesmo que não tenham como sustentação os cinco factores têm que certamente os incluir.

O modelo incluiu diferentes pressuposições para determinados tópicos principais da psicologia da personalidade e da psicologia da idade adulta. No que concerne à estrutura da personalidade, apresenta uma taxonomia sólida e compreensiva face ao caos conceptual que existia, oferecendo uma solução harmonizadora que organiza e categoriza a multiplicidade de conceitos existentes.

Finalmente, no que respeita à polémica questão da mudança na personalidade do adulto apresenta muitos dados empíricos que sublinham particularmente, a perseverança. Mas se a grande quantidade de dados neste sentido é admirável, do nosso ponto de vista, a flexibilidade da personalidade só poderá ser compreendida tendo em conta a sua capacidade de

mudança. Na verdade, o desenvolvimento parece ser formatado de tal forma que usufruamos de uma certa dose de perseverança no desenvolvimento, mas também um considerável potencial para mudança. Os cinco factores necessitam de ser entendidos num demarcado nível de análise da personalidade, onde a estabilidade relativa dos cinco factores permitiu executar um estudo meticuloso sobre as pressuposições do modelo para a prática psicológica. Através da compreensão das diferenças individuais avaliadas através dos cinco factores podemos prever trajectórias, consequências de determinados percursos existenciais e a capacidade de adaptação a ameaças, perdas e desafios da vida adulta.

Operacionalizado em particular através do NEO-PI-R, o modelo dos cinco factores mostrou-se bastante produtivo em aplicações de ordem prática. No que diz respeito à Psicologia Clínica, tem sido utilizado numa multiplicidade de funções, designadamente na compreensão do paciente, no diagnóstico, na empatia e *rapport*, *feedback* e *insight*, na antecipação do desenrolar da psicoterapia e na selecção do tratamento adequado. No domínio da psicopatologia, destaca-se o facto de o modelo representar uma alternativa à classificação das desordens da personalidade. Na Psicologia da Saúde, as investigações recentes distinguem a forte relação entre a personalidade, as doenças físicas e os comportamentos saudáveis. A sua aplicação nas áreas de orientação, do trabalho e das organizações, embora polémica, tem sido fortalecida.

Tendo em conta a abordagem do modelo dos cinco factores, a personalidade é composta por cinco domínios gerais, subdivididos em facetas específicas. Esses domínios são o Neuroticismo, a Extroversão, a Abertura à Experiência, a Amabilidade e a Conscienciosidade. De seguida irei abordar cada um dos supracitados domínios, bem como as suas respectivas facetas.

O domínio do Neuroticismo, segundo Costa & McCrae (1992), é distintivo de pessoas nervosas e emocionalmente inseguras, com tendência para a descompressão emocional, com desejos e necessidades excessivas, preocupadas, hipocondríacas, com ideias irrealistas, sentimentos de incompetência e respostas de *coping* desadequadas. A principal característica deste domínio é a propensão para experienciar afectos negativos, tais como a tristeza, o medo ou a culpa. Costa & McCrae (1992) referem que o tipo de emoções subjacente ao Neuroticismo interfere com a adaptação, condicionando que pessoas com elevado Neuroticismo tenham dificuldade em controlar os seus impulsos ou em lidar com o stress. Por outro lado indivíduos com baixo Neuroticismo são normalmente calmos,

relaxados, com humor constante, seguros, satisfeitos e com capacidade para fazer frente a situações de tensão, sem que isso os transtorne.

Conforme Costa & McCrae (1992), as facetas de personalidade que compõem o domínio do Neuroticismo são a Ansiedade, a Hostilidade, a Depressão, a Autoconsciência, a Impulsividade e a Vulnerabilidade.

Quanto à Ansiedade, predomina em indivíduos tensos, preocupados e apreensivos. Indivíduos com níveis baixos de Ansiedade são, por sua vez, indivíduos calmos, estáveis e pouco apreensivos.

No que diz respeito à Hostilidade, esta faceta, segundo Costa & McCrae (1992), correlaciona-se positivamente com um baixo índice da faceta de Amabilidade. Indivíduos com elevada Hostilidade são tendentes a sentir raiva, amargura e frustração, ficando facilmente zangados. Por sua vez, indivíduos com baixa Hostilidade são calmos, dificilmente se ofendem ou zangam e evidenciam um temperamento moderado.

Quanto à faceta da Depressão é característica de indivíduos que evidenciam pouca esperança e experienciam sentimentos de tristeza, solidão, desespero, melancolia e culpabilização. Indivíduos com índices baixo nesta faceta são, normalmente, confiantes e raramente estão tristes ou experienciam as emoções características dos indivíduos com nível elevado de Depressão.

A faceta Autoconsciência está relacionada com emoções de embaraço e vergonha, sendo característica de indivíduos que se sentem pouco à vontade ao pé de outros e que apresentam propensão para se sentirem inferiores e tímidos. Por outro lado, indivíduos com baixo nível de Autoconsciência são mais seguros de si próprios e são socialmente mais adequados.

A faceta da Impulsividade diz respeito à incapacidade para controlar e resistir às tentações. Os indivíduos com baixos níveis de Impulsividade são mais resistentes às tentações e manifestam uma tolerância à frustração mais alta.

Por fim, a faceta da Vulnerabilidade corresponde a indivíduos que se enervam facilmente e que, quando confrontados com situações de emergência, entram em pânico, sendo incapazes de lidar com a tensão. Os indivíduos com baixos índices de Vulnerabilidade são mais resistentes e competentes, sendo capazes de manter a cabeça fria quando confrontados com situações difíceis.

Entrando no domínio da Extroversão, segundo Costa & McCrae (1992), este é característico de indivíduos sociáveis, optimistas, afectuosos, conversadores, activos, afirmativos e apreciadores de diversão.

A Extroversão reflecte a intensidade e quantidade das interações interpessoais, do nível de actividade, da capacidade para exprimir alegria e da necessidade de estimulação. Sendo a extremidade oposta da Extroversão, a introversão é uma característica típica de indivíduos reservados, pouco exuberantes, com um ritmo de vida calmo, tímidos, solitários e independentes, sem que isso signifique, no entanto, que sejam indivíduos pessimistas, infelizes ou pouco amigáveis.

Segundo Costa & McCrae (1992), os indivíduos extrovertidos encaram as situações de competição de forma mais favorável do que os indivíduos introvertidos, sendo que estes preferem situações de cooperação e colaboração. As facetas da personalidade subjacentes ao domínio da Extroversão são, segundo Costa & McCrae (1992), o Acolhimento Caloroso, a Gregariedade, a Assertividade, a Actividade, a Procura de Excitação e as Emoções Positivas.

O Acolhimento Caloroso é encarado por Costa & McCrae (1992) como sendo a faceta mais importante no domínio da Extroversão, no que respeita às questões da intimidade interpessoal, considerando também os autores que esta faceta é a que mais se aproxima da dimensão da Amabilidade. Esta faceta é característica de indivíduos amigáveis, afectuosos e capazes de estabelecer estreitos laços afectivos. Por outro lado, os indivíduos com menor nível de Acolhimento Caloroso são mais distantes e formais.

Quanto à faceta Gregariedade, esta corresponde a indivíduos que pretendem o contacto social e que mantêm um grande círculo de amigos, sendo que os indivíduos com baixo nível nesta faceta são mais solitários e evitam as multidões.

A faceta da Assertividade, é evidenciada em indivíduos dominantes, com força de vontade, decididos e confiantes, que falam sem hesitação e que tomam frequentemente o papel de líder. Os indivíduos com baixos níveis de Assertividade são mais reservados, procuram não dar nas vistas, evitam afirmar-se e preferem deixar os outros falar.

No que diz respeito à faceta da Actividade é respeitante a indivíduos enérgicos, com um ritmo de vida ligeiro e que sentem carência de estar ocupados. Por outro lado, indivíduos com baixa Actividade vivem sem pressas e são mais vagarosos, sem que isso seja sinónimo de preguiça.

A faceta Procura de Excitação corresponde à procura de estimulações fortes, à aceitação de riscos e ao gosto por ambientes exuberantes. Indivíduos com baixo nível de

Procura de Excitação, por sua vez, são cautelosos, sérios e procuram evitar estimulações excessivas.

Por fim, a faceta das Emoções Positivas, defendida por Costa & McCrae (1992) como a faceta do domínio da Extroversão que se relaciona mais com a satisfação com a vida, está afirmativamente correlacionada com indivíduos alegres, divertidos e com tendência para vivenciarem emoções positivas como o amor, a alegria e a felicidade. Indivíduos com um baixo nível de Emoções Positivas são, por sua vez, mais sérios, menos exuberantes e pouco entusiastas.

No que diz respeito ao domínio da Abertura à Experiência, Costa & McCrae (1992) consideram este domínio como o mais valioso para o estudo da cognição, da imaginação e da personalidade. A Abertura à Experiência é intérprete de uma apreciação pela experiência, de tolerância e da exploração do desconhecido. Este domínio é relativo a indivíduos curiosos pelo seu mundo interior e exterior, dispostos a levar em consideração novas ideias e valores, experimentando um mais variado conjunto de emoções positivas e negativas. São indivíduos curiosos e imaginativos, com uma grande multiplicidade de interesses e que colocam em causa a autoridade, procurando novas ideias (McCrae, 1993). Por outro lado, os indivíduos com índices mais reduzidos de Abertura à Experiência são mais conservadores e convencionais, escolhendo ficar pelo que já conhecem, sem interesse no desconhecido, tendo geralmente uma variedade de interesses mais reduzidos.

As facetas de personalidade respectivas ao domínio da Abertura à Experiência, segundo Costa & McCrae (1992), são a Fantasia, a Estética, os Sentimentos, as Acções, as Ideias e os Valores.

A Fantasia é relativa a indivíduos com uma imaginação e fantasia activa que apreciam sonhar acordados, criando assim um mundo interior mais rico e criativo, enquanto os indivíduos com menor Fantasia admiram mais o pensamento realista e são mais práticos.

No que diz respeito à faceta Estética, esta corresponde de forma positiva a indivíduos apreciadores da arte e da beleza, que valorizam a experiência estética e pretendem aprofundar os seus conhecimentos nessas áreas. Indivíduos não apreciadores de arte e que valorizam pouco a beleza ostentam índices baixos na faceta da Estética.

No que diz respeito à faceta dos Sentimentos, esta caracteriza-se por uma disposição de receptividade relativa aos sentimentos e emoções interiores, pela atribuição de importância à avaliação da emoção. Esta faceta corresponde a indivíduos sensíveis, empáticos e que valorizam os próprios sentimentos. Por outro lado, indivíduos com baixo índice nesta faceta

conferem menor importância aos diferentes estados emocionais, demonstrando também uma diversidade de emoções mais limitado.

A faceta das Acções é respectiva a indivíduos que procuram a novidade e a variedade nas suas experiências. Pelo contrário, indivíduos com baixo índice nesta faceta da personalidade preferem seguir rotinas, preferem o familiar face à novidade e acomodam-se na sua vida.

No que diz respeito à faceta das Ideias, esta relaciona-se com a procura activa do conhecimento e também com a capacidade e a vontade de considerar novas ideias, não implicando obrigatoriamente uma inteligência elevada (Costa & McCrae, 1992). Esta faceta é referente a indivíduos intelectualmente curiosos, apreciadores da resolução de quebra-cabeças e de argumentos filosóficos. Por outro lado, indivíduos com baixo índice nesta faceta são mais pragmáticos, não demonstram tanta curiosidade intelectual e não apreciam desafios intelectuais.

Para finalizar, a faceta dos Valores implica uma disposição para a crítica dos valores políticos, religiosos e sociais, relativo a indivíduos tolerantes, não conformistas e abertos a novas ideias. Por outro lado, indivíduos com menor índice nesta faceta são dogmáticos e conservadores.

No domínio da Amabilidade, tal como no da Extroversão, este encontra-se ligado às tendências interpessoais, nomeadamente a qualidade da orientação interpessoal (Costa, McCrae & Dye, 1991). Este domínio da personalidade é referente a indivíduos amáveis, altruístas, benevolentes, inclinados para o perdão, dignos de confiança e dispostos a acreditar nos outros. Opostamente apresentam-se indivíduos hostis, que se revelam egocêntricos, irritáveis, desconfiados, mais vocacionados para a competição e manipuladores.

Entrando no domínio da Amabilidade, segundo Costa & McCrae (1992), este executa enorme ascendência na produção da auto-imagem, bem como da constituição das atitudes sociais e da filosofia de vida. Os indivíduos com baixo índice de Amabilidade estão associados a distúrbios anti-sociais, narcísicos e paranóides da personalidade, opostamente, os indivíduos com um elevado índice de Amabilidade estão relacionados a distúrbios dependentes da personalidade (Costa & McCrae, 1990).

As facetas de personalidades relativas ao domínio da Amabilidade, segundo Costa & McCrae (1992), são a Confiança, a Rectidão, o Altruísmo, a Complacência, a Modéstia e a Sensibilidade.

A confiança, como variável clássica da psicologia, foi considerada o alicerce do desenvolvimento psicossocial (Erickson, 1950/1971). Já Costa, McCrae e Dye (1991) consideraram a confiança como um dos fundamentais componentes de determinação da filosofia individual, relativamente à natureza humana. Indivíduos com alto índice de Confiança demonstram propensão para considerar outros indivíduos como honestos e bem-intencionados, conferindo-lhes boas intenções. Por outro lado, indivíduos com fraco nível de Confiança têm propensão a serem cínicos e cépticos, desconfiando que os outros indivíduos são desonestos e perigosos.

A faceta Rectidão é característica em indivíduos frontais, sinceros e que convivem naturalmente com outros indivíduos. Indivíduos com baixo índice desta faceta são calculistas e manipuladores. Apesar de não serem obrigatoriamente desonestos, estes indivíduos tendem a esconder a verdade e esconderem os seus verdadeiros sentimentos, encarando essa conduta como uma necessidade na sua vida social.

Relativamente à faceta do Altruísmo, esta é referência de indivíduos que se preocupam constantemente com os outros, evidenciando generosidade, cortesia, interesse social e auto-sacrifício. Por outro lado os indivíduos com fracos índices nesta faceta dificilmente se envolvem nos problemas dos outros, centralizando a atenção mais em si próprios (Costa & McCrae, 1992).

A faceta da Complacência manifesta a intenção de ajudar e a tolerância, sendo própria de indivíduos afáveis que reconhecem a opinião de outros e que preferem perdoar e esquecer, minimizando a sua agressividade. Por outro lado, os indivíduos com fraco índice de Complacência são agressivos, não minimizam as suas irritações, são contestatários e favorecem a competição.

Por fim, a Sensibilidade é uma faceta relativa a comportamentos de simpatia e de preocupação, sendo característica de indivíduos que são movidos pelos seus sentimentos, principalmente simpatia, ao determinarem juízos e ao adoptarem atitudes, tendo também estes indivíduos propensão para o destaque do lado humano. Por outro lado, os indivíduos com fraco índice de Sensibilidade, não se deixam comover com facilidade e crêem-se a si próprios como mais racionais e realistas.

Para terminar, apresentamos a Conscienciosidade, o ultimo domínio da personalidade conceptualizada por Costa & McCrae (1992), como um domínio que ostenta vertentes proactivas e inibidoras. Os aspectos proactivos potenciam-se na indispensabilidade de

realização e de tenacidade ao trabalho. Por outro lado, os aspectos inibidores demonstram-se pela precaução e pelos escrúpulos sociais.

Os indivíduos conscienciosos demonstram autodisciplina, força de vontade, confiança, ambição, pontualidade, determinação e organização. Os indivíduos com valores de Conscienciosidade baixos são menos ambiciosos, não evidenciam tanta força de vontade, são despreocupados e negligentes, não significando a condição de terem falta de princípios.

Altos valores de Conscienciosidade, segundo Costa & McCrae (1992), podem relacionar-se com o sucesso académico e profissional; no entanto, podem relacionar-se também com a limpeza compulsiva e com o vício do trabalho.

As facetas de personalidade, relacionadas com a Conscienciosidade, são a Competência, a Ordem, a Obediência ao Dever, o Esforço de Realização, a Autodisciplina e a Deliberação (Costa & McCrae, 1992).

A faceta Competência é determinada por Costa & McCrae (1992, p. 18) como “o sentimento de que se é capaz, sensível, prudente e eficaz”. Indivíduos com valores altos de Competência apresentam-se mais capazes e bem preparados para com a vida. Por outro lado indivíduos com fracos valores de Competência apresentam-se incapazes e mal preparados para lidar com a vida, tendo fracas concepções relativamente às suas competências. Esta faceta da personalidade é a que mais se relaciona com a auto-estima e com o *locus* de controlo interno (Costa & McCrae, 1991).

No que concerne à faceta da Ordem, esta é própria de indivíduos com tendência para conservarem o seu ambiente organizado e limpo. Em casos extremos poderá existir uma valorização alta desta faceta, o que pode condicionar uma perturbação compulsiva da personalidade (Costa & McCrae, 1992). Por outro lado, indivíduos com baixo valores nesta faceta de personalidade demonstram incapacidade para se organizarem, caracterizando-se como pouco metódicos.

A faceta Obediência ao Dever está associada ao cumprimento das imposições e à obediência aos princípios, não devendo estar associada ao desenvolvimento moral ou ao raciocínio (Rest, 1979). Esta faceta é evidente em indivíduos que cumprem exactamente os seus padrões de conduta, as suas obrigações morais e os seus princípios éticos. Indivíduos com valores baixos de Obediência ao Dever são menos rigorosos relativamente aos seus padrões de conduta e aos seus princípios éticos, bem como no que diz respeito ao cumprimento das suas obrigações morais, podendo por vezes ser considerados irresponsáveis (Costa & McCrae, 1992).

O Esforço de Realização é uma faceta que caracteriza indivíduos empenhados, com sentido e objectivos de vida, apresentando forte motivação para atingir esses objectivos. Em oposição, os indivíduos com valorização inferior nesta faceta de personalidade, são mais despreocupados, apresentam falta de ambição e sentem-se satisfeitos com o seu nível de rendimento, chegando mesmo a ser preguiçosos (Costa & McCrae, 1992).

A faceta da Autodisciplina é relativa à aptidão para iniciar uma tarefa e terminá-la, tendo em conta o desagrado e as distrações que possam existir, ou seja, a subsistência da capacidade de motivação para a execução de um determinado objectivo. Indivíduos com valorização inferior de Autodisciplina desistem mais facilmente face à frustração inerente à conclusão de determinada execução ou objectivo.

Por fim, a faceta da Deliberação, segundo Costa & McCrae (1992), refere-se à tendência para pensar com prudência, avaliar e planificar antes de tomar decisão. Por outro lado, os indivíduos com baixos valores nesta faceta têm propensão para falar e agir sem pensar nas consequências das suas acções.

Ao longo dos anos a comunidade científica demonstrou curiosidade pelos perfis de personalidade dos profissionais com missão policial. Investigações realizadas determinam a existência de influência da perspectiva do temperamento e não da socialização na modelagem e adopção destes comportamentos desde que sejam avaliadas variáveis de personalidade estáveis e não as que dependem da experiência e prática policial diária. Spielberger (1979), concluiu que a percepção e capacidade de interpretação eram condições determinantes para os resultados obtidos na Academia mas não para o desempenho da função policial, nos Estados Unidos da América (EUA). Alguns anos mais tarde, Aylward (1985), afirmou que o quociente de inteligência contribuía apenas com 7% para a selecção dos candidatos. Segundo Eber (1991), depois de analisar os resultados relativos a 15000 candidatos a polícias, concluiu que haveria um perfil de personalidade para os candidatos a polícia nos EUA, atribuindo-lhes a classificação de extremamente controlados, com baixos valores de ansiedade, um carácter determinado e alguma independência. Homant e colaboradores (1993), num estudo também decorrido nos EUA, verificaram que a função policial é detentora de alguma quantidade de risco, tendo descoberto uma vontade por comportamentos de risco na condução de veículos usados e na intercepção de indivíduos suspeitos. Diversas investigações empíricas realizadas no nosso país confirmam igualmente a existência de uma forte relação entre procura de sensações e diferentes traços de personalidade em polícias e profissionais de segurança (Oliveira e Queirós, 2008, 2009, 2010; Oliveira, 2010)

Relacionando o traço com os *big five* factores de personalidade de McCrae & Costa (1999), Zuckerman (2003) afirma que a abertura à experiência emerge como o factor que se correlaciona mais fortemente com a dimensão procura de experiências. O *sensation seeker* parece ser motivado pelo prazer intrínseco derivado das sensações e actividades. Para muitas pessoas, as experiências reais são geralmente mais estimulantes. Para indivíduos com baixos níveis de Procura de Sensações, as experiências passivas podem proporcionar-lhes o nível de estimulação que desejam, ao passo que a experiência real poderia exceder os níveis de estimulação, raiando o incómodo (Zuckerman, 1994). A impulsividade, embora não equivalente à Procura de Sensações, é um traço altamente correlacionado com este, nomeadamente nos aspectos que se referem ao não planeamento e à assunção de riscos.

1.3 – Agressividade

A agressividade entre os seres humanos tem sido abordada em disciplinas tão distintas como a sociologia, a biologia, a antropologia e a psicologia. Cada área do conhecimento atribui a esta temática diferentes perspectivas e desenvolve hipóteses, algumas mais amplas, com a utilização de factores demográficos, culturais ou mesmo princípios evolucionistas, outras mais específicas que se sustentam nas alterações metabólicas ou processos cognitivos para explicar as origens da agressividade (Tedeschi & Felson, 1994).

A origem da palavra Agressividade deriva do latim (*ad gradior*), significando um movimento (*gradior*) para a frente (*ad*) e, portanto, uma forma de ir à procura de metas, de não recuar (Zimerman, 2001).

Os termos agressão e violência, apesar de semelhantes, não designam exactamente o mesmo conceito. A agressão do latim (*aggression*), significa disposição para agredir, disposição para o encadeamento de condutas hostis e destrutivas (Ferreira, 1999). Significa ainda ataque à integridade física ou moral de alguém ou acto de hostilidade e provocação (Houaiss, Villar & Franco, 2001).

Violência deriva do latim *violentia*, significando a qualidade de violento, qualidade daquele que actua através da força ou forte impulso, empregando a acção violenta, opressão ou tirania, ou mesmo qualquer força contra a vontade, resistência ou liberdade de um indivíduo ou coisa. Pode manifestar ainda, constrangimento físico ou moral praticado sobre um indivíduo para obrigá-la a resignar-se à determinação de outrem (Ferreira, 1999). Violento, por sua vez, é uma condição que declara aquilo que sucede através da utilização de uma força extrema ou uma enorme intensidade (Houaiss et al., 2001).

A agressão é um comportamento adaptativo compreendido como a aplicação de força física ou verbal em resposta a uma percepção de ameaça (Niehoff, 1999).

A violência caracteriza-se como um comportamento mal adaptativo, que consiste numa agressão dirigida ao alvo errado e desadequada na intensidade, tempo e local onde ocorre.

O comportamento agressivo é uma qualidade que abrange actos, variando de acordo com manifestações características da idade, austeridade e escolha do adversário ou vítima (Loeber & Hay, 1997). Violência é uma particularidade de certas formas de agressão com a finalidade de causar dano extremo (Anderson & Bushman, 2002) entre elementos de uma espécie bem particular: os seres humanos.

Numa perspectiva etiológica, o comportamento humano era controlado pelos mesmos mecanismos pertencentes às restantes espécies (Darwin, 1872/1998).

Por volta dos anos quarenta, os etólogos, Konrad Lorenz e Tinbergen, modificam o modelo biológico, aumentando a complexidade quando demonstraram que os instintos traduziam as práticas comportamentais, alegando assim um comportamento genético. Nesta perspectiva, considera-se instinto a resposta dada, em simultâneo, pelo organismo a determinados estímulos, não existindo qualquer envolvimento de um centro cerebral, ficando cada vez mais complexo à medida que o sistema nervoso de uma espécie se torna mais complexo (Kristensen, Lima, Ferlin, Flores, & Hackman, 2003).

Em 1966, Lorenz desenvolveu uma teoria que simplificava as perspectivas precedentes, denominando-a de instinto da agressão, na qual aponta como preservador de vida o comportamento agressivo. De acordo com Lorenz, as pulsões agressivas aparecem como consequência da pressão da selecção intra-específica, fazendo surgir o comportamento que é reprovável nas sociedades actuais.

Existem críticas à utilização do termo instinto relativamente às influências biológicas no comportamento agressivo em seres humanos. Um exemplo disso relaciona-se com o “instinto da agressão”, que foi descrito por Lorenz (1966) não como um princípio que tem por objectivo a destruição e a morte, mas como um contribuinte da protecção e natureza da vida. Entre todos os conflitos entre espécies diferentes, a função preservadora é evidentemente a agressão intra-específica.

Para Lorenz, as funções básicas do comportamento agressivo animal são reguladas pelos instintos de hierarquia, territorialidade e defesa. Dependendo da situação em que o animal se encontre estes instintos irão actuar ou serão suprimidos.

Dollard, Doob, Miller, Mower e Sears (1939), definiram frustração como um acto ou evento que impede alguém de atingir um objectivo, como uma barreira física, social (regras, leis) ou uma simples interrupção. A frustração condiciona a produção de energia agressiva e esta, por sua vez, induz o comportamento agressivo. A frustração não parece vincular a ocorrência da agressão e tende a incitar diferentes tipos de resposta, sendo a agressividade uma das formas de instigação (Miller, Sears, Mowrer, Doob, & Dollard, 1941).

A manifestação da agressividade é condicionada, entre muitos factores, pela posição hierárquica ocupada pela instigação à agressão. A intensidade de resposta varia conforme diversos factores, nomeadamente, a força com que se tenta atingir o objectivo e a valorização atribuída a este e o grau de interferência. Tendo em conta este princípio, as reacções agressivas e as reacções catárticas são auto-reforçadoras, por minimizarem a energia negativa incitada pela frustração, diminuindo a probabilidade do indivíduo voltar cometer o comportamento agressivo contra alguém.

No entanto, estudos recentes demonstraram o contrário, confirmando que reacções catárticas aumentam ainda mais a agressividade (Tedeschi & Felson, 1994). A título de exemplo, a exposição a mensagens pró-catárticas e a possibilidade de manifestar fisicamente a raiva, aumentaram a probabilidade de desenvolvimento do comportamento agressivo, sendo esperado que favorecesse o relaxamento e a redução da raiva (Bushman, Baumeister & Stack, 1999). O redireccionamento, que consiste na substituição do alvo a ser atacado em resposta a um estímulo, também foi tido em consideração. Quanto maior forem as coincidências com a fonte de frustração, maior é a probabilidade de um indivíduo ser vítima de comportamento agressivo.

Numa perspectiva diferente, Albert Bandura (1973), desenvolveu a teoria da aprendizagem social, onde a agressividade não apresenta qualquer dependência de impulsos internos, nem é incitada pela frustração. A maior fonte da agressão é o incentivo e as recompensas oferecidas pelo acto (Bandura, 1973). O indivíduo, confrontado com a situação, avalia os benefícios e os potenciais custos em expressar um comportamento agressivo.

Após a avaliação, caso os benefícios sejam maiores, optará pela agressão, a fim de atingir os seus objectivos. Bandura não concorda com a presença de um impulso inato de agressão diante de um estímulo repulsivo (Tedeschi & Felson, 1994). Defende ainda que os actos excessivamente violentos não podem ser naturais, mas precisam de ser aprendidos e treinados para que sejam executados. Além disto, eles são apreendidos lentamente e necessitam de modelos que os pratiquem (família, sociedade ou ídolos), que evidenciem modalidades de

acções que são recompensadoras ou susceptíveis de punição.

A aprendizagem da agressividade, através da modelação, efectua-se através de quatro processos integrados: o indivíduo deve estar atento às orientações que lhe são dadas; as observações devem ser codificadas, a fim de serem representadas na memória; essas representações são transformadas em padrões de reprodução de comportamento e são imprescindíveis incentivos adequados à actuação do que foi aprendido (Bandura & Cervone, 1983).

Ao escolher o tipo de modelo a ser seguido, o indivíduo é influenciado a aplicar critérios como a inteligência e *status*, sendo provável que alguém que ocupe uma posição mais alta que o dele na hierarquia social seja o modelo eleito. Durante uma investigação clássica, Bandura, Ross e Ross (1961) demonstraram a forte influência da modelação no comportamento agressivo em crianças. Depois de aprendido o comportamento agressivo, basta haver uma condição apropriada para que ele se manifeste. O indivíduo passa então a fazer uma antecipação da recompensa ou punição resultante do acto; conforme o resultado desta avaliação cognitiva, o comportamento agressivo será expresso. É interessante verificar que não é vinculativo que a punição evite a continuação do comportamento agressivo. No final da década de 50, um estudo realizado por Bandura e Walters (1959), divulgou que a punição física em crianças, contrariamente ao que se esperava, leva-as a aumentar desavenças, fornecendo um reforço do modelo agressivo.

Os modelos integrativos mais recentes focalizam-se na diversidade dos factores utilizados na definição da agressividade em seres humanos. Vários autores determinaram, a partir da década de 90, a formulação detalhada que pudesse abranger toda a diversidade da agressividade.

Seguidamente serão desenvolvidos os modelos teóricos que se têm destacado recentemente, nomeadamente, cognitivismo neo-associacionista, processamento de informação social, interacção social e modelo geral de agressão baseado em estruturas de conhecimento.

Numa perspectiva cognitivista neo associativista, em plena Segunda Guerra Mundial, Miller et al. (1941) definiu que uma tentativa deve ser elaborada para aperfeiçoar ou reformular a hipótese basilar da frustração-agressão. Berkowitz (1998) tem como fundamento a perspectiva do cognitivismo neo-associacionista, definiu frustração como a não atribuição de uma gratificação esperada. Para Berkowitz, as experiências desagradáveis são valorizadas e, conseqüentemente, geram um sentimento negativo que desencadeia atitudes primitivas de

fuga e confronto, encaradas como redes de atribuições cognitivas, emocionais, e fisiológicos e motores conexos (Berkowitz, 1998). Esse ponto de vista contextualiza a existência de uma associação entre os sinais manifestados durante determinada situação desagradável e as consequências na situação actual (Anderson & Bushman, 2002).

Segundo Geen (1998), a perspectiva neo-associacionista tenta definir um potencial de agressividade através do aproveitamento de outros constructos, atribuindo uma causa através da definição de afecto negativo. No conceito de Berkowitz, nem toda frustração leva obrigatoriamente à manifestação do comportamento agressivo, porque nem sempre a frustração apresenta uma perspectiva lesiva, subordinando-se fundamentalmente à experiência do indivíduo em determinada ocorrência.

Nesta perspectiva, podem ser executados dois sistemas de comportamento agressivo: agressão reactiva ou afectiva e agressão instrumental. A agressão reactiva define-se como a reacção agressiva fomentada por estímulos negativos, dependendo da disposição inata de interiorizar impulsivamente a origem do estímulo negativo ou outro alvo designado. Um indivíduo expressará menos agressividade imediatamente após ter dado uma resposta agressiva porque a finalidade de agredir foi alcançada; no entanto, não será impeditivo de ser mais agressivo numa próxima situação em que for estimulado (Berkowitz, 1984). O factor raiva, nesta perspectiva, actua como um catalisador e não como determinante da resposta violenta. O estímulo negativo exercido sobre um indivíduo será determinado por um sistema de cognições sistematizadas que induzirá determinada intensidade, subordinando-se à qualidade do estímulo e à potencial reacção agressiva (Berkowitz, 1993). Berkowitz analisa um segundo sistema de comportamento agressivo: a agressão instrumental. Contrapondo-se a uma potencial reacção, relaciona-se com um comportamento apreendido com a determinação de conseguir a recompensa e evitar punições. Apesar do sistema de agressão instrumental se basear no sistema anterior, é o sistema de agressão reactiva impulsiva mais significativo na compreensão da agressão em humanos (Tedeschi & Felson, 1994).

Ponderando ambos os sistemas, Dodge e Coie (1987) demonstraram que os sistemas cognitivos abrangidos no comportamento agressivo estão presentes na forma de mecanismos similares tanto na agressão reativa como na instrumental, embora a finalidade seja diferenciada. Bushman e Anderson (2001) compartilham esta perspectiva, afirmando que a distinção deve ser constituída em relação à finalidade imediata e posterior do comportamento. Estes autores defendem que dualidade dos sistemas seja deixada, beneficiando assim a formulação de novos modelos teóricos, representando uma segunda geração de paradigmas.

A perspectiva de Dodge foi inicialmente desenvolvida tendo em conta a capacidade de adaptação social em crianças a partir de quatro processos mentais: codificação dos sinais situacionais, representação e interpretação desses sinais, busca mental por possíveis respostas à situação e por fim escolha de uma resposta (Dodge & Coie, 1987). Sustentados nas reformulações da ciência cognitiva, Dodge e colaboradores (1994), incrementaram um modelo com estruturação periódica, tentando representar o processamento da informação em paralelo.

Neste novo modelo, são descritos seis passos: codificação de sinais internos e externos, interpretação e representação mental dos sinais, clarificação ou selecção de um objectivo, construção ou acesso à resposta, decisão da resposta e realização do comportamento.

A criança alcança um reflexo de seu comportamento no sexto estágio e este reflexo concorre para a codificação do estímulo (ou sinal) no início da sequência, concluindo então o carácter cíclico do modelo (Geen, 1998). Depende do tipo de sistematização entre o indivíduo e o ambiente, que será possível desenvolver uma propensão hostil, no qual o indivíduo tende a atribuir objectivos agressivos. Crick e Dodge descrevem diferentes investigações identificando uma correspondência forte entre este tipo de disposição e o comportamento agressivo em crianças e pré-adolescentes (Crick & Dodge, 1994). A abordagem de Dodge centralizou-se fundamentalmente nas percepções e atribuições do indivíduo, Huesmann (1988) consagrou inicialmente um modelo direccionado para a aprendizagem observacional. Mais tarde, Huesmann (1998) apresentou um modelo unificado de processamento de informação para a agressão.

O argumento de Huesmann ambiciona integrar o seu modelo anterior e também aquele proposto por Dodge, numa tentativa anteriormente proposta (Lima, Ferlin, Stangherlin & Kristensen, 2000). Um dos conceitos fundamentais na abordagem de Huesmann é o de *script* mental. Um *script* mental sugere ao indivíduo que eventos que ocorreram num determinado ambiente possam volta a acontecer, originando estratégias de como o indivíduo se deveria comportar e reagir a essas duplicações de eventos e fazer uma previsão dos resultados mais prováveis dos seus comportamentos. Dessa forma, fantasias e expectativas sobre a agressão estão fortemente correlacionadas com a expressão de muitos tipos de comportamento agressivo em ambos os sexos. Estas cognições desenvolvem-se na infância e, uma vez enraizadas, tornam-se resistentes à mudança (Huesmann, Moise, Podolski & Eron, 1997).

No modelo unificado de Huesmann (1998), o processamento de informação social

envolve quatro partes: a primeira refere-se à percepção de hostilidade frente a situações ambíguas. Por exemplo, as crianças agressivas são mais propensas a interpretar actos ambíguos praticados por outros como hostis, ainda que estes não o sejam.

A segunda parte consiste na aquisição, permanência e recuperação de *scripts* e esquemas mentais para o comportamento social (Beck & Freeman, 1993). As primeiras experiências de aprendizagem de uma criança têm um papel fundamental na aquisição destes esquemas, que são compostos pela interacção de diferenças biológicas e ambientais, e moldarão tanto o mecanismo do processamento cognitivo, como o comportamento apresentado pela pessoa. Outro factor importante na obtenção e estabelecimento de esquemas mentais consiste em observar certos comportamentos, bem como a obtenção de reforço. Quanto à activação de esquemas mentais, a memória de acções recentemente observadas, assim como o estado emocional em que a pessoa se encontra, exercem grande influência sobre a manifestação de determinados comportamentos (Beck, 2000; Huesmann, 1998). Já a permanência de um *script* dependerá de quanto o seu uso produzirá as consequências desejadas pelo indivíduo, factor que constitui a chamada aprendizagem instrumental

Na interacção social desenvolvida por James T. Tedeschi e Richard B. Felson (1994), a questão fundamental é compreender porque é que os indivíduos têm comportamentos agressivos (acções coercivas). Nesta perspectiva, é empregue um modelo de decisão no qual o indivíduo determina meios alternativos para chegar a um objectivo ou, especificamente, a um dos seguintes objectivos: controlar os comportamentos dos outros, restaurar a justiça e assegurar e proteger identidades. Na busca destes objectivos, o autor tem suas escolhas direccionadas pelas recompensas esperadas, custos e probabilidades de resultados (Anderson & Bushman, 2002).

É curioso constatar que a opção por adoptar um vocabulário próprio enquadra-se na teoria destes autores. Desta forma, estão determinados termos, nomeadamente, acção coerciva e actores, que atribuem uma maior identificação com a literatura relacionada com poder, conflito, justiça e identidades sociais.

Na perspectiva de Tedeschi e Felson (1994), a utilização de termos como agressão direcciona a análise para aspectos internos, como processos psicológicos e biológicos, visando ignorar os intuitos sociais dos actores na utilização da coerção.

Conforme já foi referido, define-se a agressividade ou o comportamento agressivo como a intenção de prejudicar. Mas intenção é um conceito extremamente ambíguo. Nesta abordagem, intenção fica considerada no contexto de tomada de decisões, atribuindo um valor

associado à acção (atitude) escolhida. Logicamente existe um objectivo (ou consequência imediata) que é a submissão, relacionado um objectivo final designado de motivo. Assim, mesmo a agressão reactiva pode ter um fundamento racional subjacente, como punir o provocador com o objectivo de reduzir futuras provocações (Anderson & Bushman, 2002).

O modelo geral de agressividade baseada em estruturas do conhecimento (Anderson & Bushman, 2002; Anderson & Dill, 2000; Bushman & Anderson, 2001) traduz-se numa das mais recentes tentativas de integração teórica sobre a agressividade humana. A fundamentação deste modelo determina estruturas de conhecimento para percepção, interpretação, tomada de decisão e acção (comportamento). São definidos especificamente três subtipos de estruturas: esquemas perceptuais, esquemas pessoais e *scripts* comportamentais.

Estas estruturas, que se desenvolvem através da experiência dos indivíduos, acabam por condicionar as percepções em níveis diferentes. No entanto, uma vez que vão sendo utilizadas, tendem a automatizar-se, mantendo-se associadas a estados emocionais, direccionando a resposta comportamental do indivíduo face ao ambiente.

Segundo Anderson e Bushman (2002), o modelo direcciona-se para o indivíduo na acção (situação), chamada de um episódio, fundamentando-se num ciclo de interacção social continuada. Este raciocínio encontra-se sustentado na psicologia social, especialmente na perspectiva apresentada por Higgins (1990). Na óptica de Higgins (1990), os padrões e o conhecimento social (crenças pessoais) são uma função do indivíduo e da situação, são fundamentos basilares do significado das situações (acções, eventos ou episódios) ao nível psicológico, influenciando assim as reacções.

O modelo geral de agressão baseia-se nas estruturas do conhecimento e pode utilizar-se na compreensão de comportamentos agressivos que ostentem múltiplos motivos. Proporciona um esforço de ligação entre a agressão instrumental e a reactiva (Bushman & Anderson, 2001).

Existem três aspectos fundamentais neste modelo: *inputs* referentes ao indivíduo (traços, sexo, crenças, atitudes, valores, objectivos e *scripts*) e à situação (incentivos, frustração, provocação, drogas, dor e desconforto e dicas agressivas), situação interna actual (cognição, afecto, excitação) e os resultados decorrentes dos processos de avaliação (imediata ou automática e secundária ou controlada) e decisão. O carácter cíclico deste modelo é destacado quando os resultados finais do processo de decisão servem como *inputs* a um próximo episódio (Bushman & Anderson, 2001).

Comparando as teorias apresentadas neste capítulo, se por um lado os modelos recentes atribuem importância a causas próximas, por outro lado, alguns dos modelos clássicos atribuem importância a causas últimas. Porém, parecem não conseguir uma resposta abrangente e profunda ao problema da agressão humana.

Ao longo deste capítulo pretendeu-se demonstrar a compreensão da agressividade através uma abordagem multifacetada. Se, por um lado, as perspectivas clássicas (Bandura, 1973; Dollard et al., 1939; Lorenz, 1966) apresentaram teorias abrangentes sobre o ser humano, os modelos mais modernos, como cognitivismo, neo-associacionista, processamento de informação social, interaccionismo social e modelo geral da agressividade, descrevem mais detalhadamente os processos cognitivos, compreendidos na agressividade humana. Efectivamente, nestes modelos mais recentes é mais evidenciada a falta de ponderação das causas últimas na expressão da agressividade (comportamento agressivo). Uma das formas de solucionar esta insuficiência pode ser a utilização de uma abordagem biológica, tanto pelo poder explicativo da teoria evolucionista em definir as condicionantes ambientais ao longo da filogenia, quanto pela compreensão da neurobiologia humana ao longo do processo de desenvolvimento.

Ambas as abordagens, evolucionista e neurociências, parecem ser duas consistentes sustentações para teorias psicológicas que sugerem o conhecimento, a compreensão e o comportamento.

A agressividade humana não tem origem na componente biológica, no entanto admite-se uma relação perceptual e motora para manifestar esse comportamento. Os factores determinantes da cognição são as experiências sociais ao longo do desenvolvimento neurológico, que permite o processamento de informações. São essas experiências que influenciam o indivíduo a interpretar as informações exteriores (ambientais) como potencialmente ameaçadoras, admitindo um comportamento de forma mais ou menos agressiva.

Pode concluir-se que a agressividade se manifesta pelo comportamento agressivo, como resultado da neuroadaptação aos factores psicossociais e ambientais, enquanto consequência dos efeitos biológicos no desenvolvimento psicossocial (Grisso, 1996). Esta tese tem igualmente vindo a ser desenvolvida por Oliveira (2007, 2008, 2009) e por Oliveira e colaboradores (1999).

É através da agressividade que o indivíduo se protege e se mantém vivo; o comportamento de agressividade é habitual numa sociedade animal e é considerado

fundamental no que concerne à sobrevivência do indivíduo ou da espécie. (Haller e Kruk, 2006).

Apesar de não ser uma pesquisa muito usual em militares, existem estudos que se relacionam com a agressividade.

Em 1997, Rothschild e os seus colaboradores, estudaram os perfis da personalidade de veteranos em tratamento por violência doméstica. De acordo com o MCMI-II (Million Clinical Multiaxial Inventory - II), os perfis encontrados foram agrupados em três *clusters*: narcisismo clínico, perturbação narcísica da personalidade e psicopatologia geral/dependência de substâncias. As características de cada perfil de personalidade foram descritas e explicadas no contexto da violência doméstica, contribuindo para esclarecer aspectos importantes no diagnóstico, tratamento e prevenção da violência doméstica por militares.

Três anos depois, Russel, num artigo de 2000 da revista *Military Review*, considera que no meio militar predominam dois *clusters* de personalidade: tipo B (ligeiramente anti-sociais ou narcisistas) e tipo C (sobretudo variantes dos estilos obsessivo-compulsivos ou personalidade dependente). De acordo com as suas características, os indivíduos tendem a preferir missões de paz (Tipo C) ou cenários de guerra (Tipo B). Russel defende que os dois tipos de personalidade devem coexistir em ambas as forças e que não deve ser favorecida a sua dissociação ou separação. Ressalva ainda que a exigência da vida militar e a flexibilidade que a implica faz com que indivíduos com perturbações da personalidade não consigam prosperar neste meio, pelo que, no geral, as forças militares são compostas por indivíduos saudáveis e eficientes (Russel; 2000). Também os estudos de Oliveira (2008, 2010) e de Oliveira e Queirós (2008, 2009, 2010) têm contribuído para uma melhor compreensão destas relações.

No ano de 2001, Hull e o seu grupo de investigadores, estudaram a relação entre irritabilidade, psicopatologia e função neurocognitiva numa amostra de militares. Foi aplicada uma bateria de testes neurocognitivos, incluindo o *Anger Expression Inventory* (STAXI), que identifica diferentes componentes de experiência e de expressão da irritabilidade. Com base nos resultados obtidos, os autores concluíram que a irritabilidade parece ser uma manifestação de psicopatologia não específica (ansiedade, humor depressivo, sintomas de stress pós-traumático) e que a eventual relação entre irritabilidade e função cognitiva é provavelmente mediada pela depressão. (Hull, Farrin, Unwin, Everitt, David, 2001)

Surís e colaboradores (2005) avaliaram as propriedades psicométricas dos testes de agressividade e impulsividade: AQ (*Agression Questionnaire*; Buss & Perry, 1992), OAS-M

(*Overt Aggression Scale – Modified*; Coccaro, Harvey, Kupsaw-Lawrence, Herbert, & Bernstein, 1991) e BIS-11 (*Barratt Impulsiveness Scale–11*; Barratt, 1994). As pontuações da subescala do BIS e do AQ não forneceram informação adicional em relação ao *score* total e a pontuação da subescala do OAS-M não foi tão confiável como a total. No entanto, concluíram pela análise dos resultados que, de um modo geral, estes testes podem ser utilizados de forma fidedigna em amostras de veteranos de guerra (Surís, A. M., Lind, L. M. and Kashner, M. T.; 2005).

Mais recentemente, no ano de 2007, Sisto e os seus colaboradores, num estudo de agressividade em jovens, evidenciaram uma relação estreita com os traços de personalidade, sendo a Escala de Agressividade para Crianças e Jovens - EACJ (Sisto & Bazi, 2000) um instrumento aparentemente confiável para esta avaliação (Sisto & Oliveira; 2007).

Capítulo 2 – Protecção e Socorro Militar

2.1 – Profissão Militar

Huntington (1957) considera a carreira militar uma profissão completamente desenvolvida, porque nela se verificam as três características principais do tipo ideal de profissão: destreza (no caso militar, para o manuseamento dos meios militares), o espírito de corpo (uma consciência esclarecida da identidade que liga todos os militares) e responsabilidade (na designação dos militares mais capazes para ocupar os cargos de direcção). Apenas os militares directamente empenhados no domínio da administração da violência são, para Huntington, membros da profissão militar. As características destes profissionais derivam do conteúdo e da função do seu empenho militar. Assim, o profissional militar é, nomeadamente: obediente e leal para com a autoridade do Estado; competente nos assuntos militares; dedicado na utilização da sua capacidade para proporcionar segurança. O seu sentido de responsabilidade profissional é enquadrado por uma ética militar que reflecte um conjunto, cuidadosamente inculcado, de valores e atitudes que constituem uma particular perspectiva profissional como realista e conservadora. O militar permanece vinculado à sua profissão. (Videira, 2001).

A característica comum a todos aqueles cidadãos que, em permanência, se integram na componente militar da segurança e defesa nacional, os profissionais militares, reside no facto serem os administradores da violência armada, legítima e organizada, directamente empenhados na sua aplicação e na sua preparação, atribuindo a direcção e controlo ao poder político democraticamente instituído. Desta característica decorre outra, também ela essencial, que é a eventualidade do cumprimento da missão de defesa militar poder ir até ao sacrifício da própria vida (Roqueplo, 1979).

Existem constrangimentos, ao mesmo tempo as garantias e as compensações que um estatuto específico confere aos cidadãos-militares. Essa especificidade de carácter absoluto da missão e da obrigação de disponibilidade implica a legítima especificidade do estatuto militar.

Segundo Luís Cupertino (1985), a deontologia militar é a ciência que trata da aplicação das regras gerais da moral no caso concreto da profissão das armas, descrevendo e justificando a conduta do bom soldado, não porém ao nível das prescrições legais, mas sim das exigências da sua natureza de homem.

Ao longo da sua carreira, o militar convive de perto com o risco. Seja na instrução, exercícios, na sua vida diária ou na guerra, a possibilidade iminente de um dano físico ou da morte é uma característica permanente da sua profissão. O exercício da actividade militar, por sua natureza, exige o comprometimento da própria vida.

Ao ingressar na instituição militar, o indivíduo tem de obedecer a normas disciplinares e a princípios hierárquicos, que condicionam toda a sua vida pessoal e profissional. O militar em actividade não pode exercer qualquer outra profissão, pois tem que se manter disponível para o serviço ao longo das 24 horas do dia, sem, por isso, ter direito a reivindicar qualquer remuneração extra. O militar pode ser movimentado em qualquer época do ano, para qualquer região do país, indo residir, em alguns casos, em locais inóspitos e destituídos de infra-estrutura de apoio à família.

As atribuições que o militar desempenha, não só por ocasião de eventuais conflitos, para os quais deve manter-se sempre preparado, mas também, quotidianamente, nos tempos de paz, exigem-lhe elevado nível de saúde física e mental.

O militar é submetido, durante toda a sua carreira, a periódicos exames médicos e a testes de avaliação física que condicionam a sua permanência no serviço activo. O militar no activo é proibido de filiar-se a partidos e de participar de actividades de carácter político-partidário.

O impedimento de sindicalização e de participação em greve decorre dos princípios da hierarquia e disciplina e fundamenta-se na concepção de que o militar jamais deve contrapor-se à instituição a que pertence e ao próprio Estado, devendo-lhes fidelidade irrestrita.

O militar não dispõe de alguns dos direitos sociais, de carácter universal, que são assegurados aos demais trabalhadores, por exemplo: remuneração do trabalho nocturno superior ao trabalho diurno; jornada de trabalho diário limitada a oito horas; repouso semanal remunerado; remuneração de serviço extraordinário que ultrapasse as oito horas diárias estabelecidas pelo Código do Trabalho Português e pela Constituição da República Portuguesa, como limite ao trabalho normal para as demais categorias.

Os militares fora da situação de activo, quando não reformados, constituem a situação de reserva, serão um primeiro reforço, caso haja necessidade por parte do Estado Português, devendo manter-se prontos para responder a eventuais convocatórias e ao retorno ao serviço activo, conforme prevê a lei, (Estatuto dos militares das Forças Armadas e Estatuto

dos Militares da GNR), mesmo que se encontrarem a exercer outra actividade profissional, não podendo, por esse motivo, recusar a convocatória.

As exigências da profissão militar não ficam restritas ao militar como pessoa singular. Existe uma sobrecarga que afecta intensamente a vida familiar, a tal ponto que a condição do militar e a condição da respectiva família se tornam indissociáveis. Consequentemente interfere com a manutenção da estabilidade familiar, a formação do património familiar e a educação dos filhos podem ficar bastante prejudicados. Pode ficar alterado o exercício profissional remunerado por parte do cônjuge; o núcleo familiar não estabelece relações duradouras e permanentes no local geográfico onde reside. Apesar de ser bastante difícil tem que existir um equilíbrio entre a família e as exigências da profissão militar. O mediador e gestor destas dificuldades é o próprio militar. Caso esse equilíbrio se desvaneca o militar será o mais prejudicado, e ninguém será vencedor.

A profissão militar é um completo estilo de vida, marcado essencialmente pelo espírito de missão, código de ética e mecanismos de decisão" (Morris Janowitz 1977).

2.2 - A Instituição Militar Guarda Nacional Republicana

A Guarda Nacional Republicana (GNR) é herdeira de uma tradição de duzentos anos de serviço e de fidelidade à Lei e à Grei, tendo sido iniciada em 1801, data em que foi fundada a Guarda Real da Polícia (GRP). A criação da GRP sucedeu quando era Intendente Geral da Policia da Corte e do Reino, Diogo Inácio de Pina Manique, na época tempo de D. Maria I e durante a regência do príncipe D. João.

No reinado de D. José com a criação, em 1760, do cargo de Intendente da Polícia da Corte e do Reino e com outras disposições no âmbito da administração policial, a que não foi estranho o carácter conhecido do Marquês de Pombal e a severidade com que reprimia os perturbadores da ordem pública, Lisboa, cujas ruas vinham a ser palco constante das cenas mais vergonhosas e sangrentas, tornou-se mais habitável. Porém, quando o Marquês de Pombal saiu do poder, foi nomeado Intendente o Desembargador Dr. António Gonçalves de Miranda. Este descuro o rigor que as suas funções exigiam e uma onda de crime invadiu o País, motivada não só pela inércia do magistrado, mas também por uma crise de trabalho, que ainda se prolongou pelo reinado de D. Maria I. A fraquíssima organização do Corpo de Quadrilheiros revelava uma incapacidade absoluta de repor a ordem na Capital. A disciplina severa que o Conde Lippe impusera no Exército perdera-se completamente e os soldados

tomavam parte nos roubos e formavam quadrilhas que infestavam a cidade, não tendo quem os vigiasse e policiasse nos quartéis e fora deles.

Em 1780 por decreto de 18 de Janeiro, D. Diogo Inácio de Pina Manique inicia diligências com a finalidade de criar em Lisboa um Corpo de Polícia, que pudesse proteger os seus habitantes, à imitação dos Guet e da Maréchaussée da França. Tem contudo que lutar contra a apatia geral, apesar da audácia das quadrilhas chegar ao ponto de assaltarem navios ancorados no Tejo e a casa da Alfândega de Lisboa (1783) onde, em cofre especial, se encontravam as jóias da coroa, que só por engano escaparam. Em 1796, a Revolução Francesa levou muitos exilados a refugiarem-se em Portugal, sendo alguns deles assassinados por salteadores que infestavam Lisboa.

O Intendente da Polícia da Corte e do Reino, Pina Manique obtém então a colaboração do Exército no combate ao banditismo e consegue finalmente impor a sua vontade (1801) formando um corpo militar de 600 homens a pé e a cavalo, instituindo assim a “Guarda Real da Polícia”. Promove a iluminação pública da capital e cria os meios e disposições legais necessários ao sucesso da intensa acção policial que passa a desenvolver e que lhe permite conseguir a desejada pacificação da vida nocturna de Lisboa. Portugal foi, assim, um dos países pioneiros a dispor de um corpo militar especialmente votado à manutenção da segurança dos cidadãos e da ordem pública.

A Guarda Real da Polícia, pelas suas características militares, dependência, recrutamento, organização e enquadramento, pode ser considerada a verdadeira antecessora da Guarda Municipal e da Guarda Nacional Republicana.

Em 1802, dá-se a vinculação da Guarda ao Exército e por insuficiência de meios, o Marechal General Beresford reorganizou definitivamente a GRP, articulando-a em dez companhias de Infantaria e quatro de Cavalaria. Inicialmente, a Guarda Real surge apenas em Lisboa. Só em 17 de Fevereiro de 1824 é criada a Guarda Real da Polícia da Cidade do Porto. A Guarda Real era uma Força Nacional que assegurava a tranquilidade interna da Capital e vigiava a conservação da boa ordem e execução das leis. Já na altura para desempenhar tal missão era necessário um efectivo não só numeroso, mas também seleccionado. Por isso, no Plano de Criação da Guarda Real da Polícia, no que se refere ao recrutamento, lê-se: “ *será formado pelos melhores soldados escolhidos em todo o Exército, não só entre os mais robustos, firmes, solteiros e até aos 30 anos de idade, por serem as funções a que são destinados mais penosas ainda que as da Guerra, mas também de boa morigeração e conduta.*”

Na sua curta vida de 33 anos, não foi a Guarda Real da Polícia completamente eficaz, primeiro por motivo da política estrangeira que dominava o País e que culminou com as invasões francesas (1807-1810) e, posteriormente com as lutas civis que se lhe seguiram e que, ao terminarem com a vitória dos Liberais, levaram à sua dissolução por D. Pedro, em 26 de Maio de 1834, em virtude da sua fidelidade a D. Miguel. Foi no entanto tão bem pensada a sua organização e teve tal prestígio na sua função que, nascendo e vivendo numa das épocas mais agitadas da nossa história e morrendo com um partido vencido e detestado pelos vencedores, foi sempre respeitada e considerada como um utilíssimo Corpo Militar. Ainda hoje são seguidas muitas das determinações do Plano, que acompanha o decreto que a instituiu. Em 1834 foi dissolvida a GRP e criada a Guarda Municipal de Lisboa.

Com a extinção da Guarda Real da Polícia, a pretexto de vinganças políticas contra os vencidos de ontem, o crime político e comum aumentou consideravelmente em Lisboa. A população vivia com insegurança e o próprio D. Pedro não se sentia suficientemente protegido do descontentamento popular e da ira da oposição perseguida. Assim se explica a necessidade urgente de, a menos de um mês da queda de D. Miguel, o regente do Reino, em nome da sua filha D. Maria II, assinar em Queluz, a 3 de Julho de 1834, o decreto criando a Guarda Municipal de Lisboa. Um ano mais tarde surge a Guarda Municipal do Porto. As duas Guardas Municipais ficam em 1868, subordinadas ao Comando Geral, sediado no Quartel do Carmo em Lisboa.

A Guarda Municipal herdou as funções primeiramente desempenhadas pelos Quadrilheiros e posteriormente pela Guarda Real da Polícia, mas muito mais ampliadas. Para desempenho destas funções dispunha a Guarda Municipal de Lisboa de um Estado Maior, 6 Companhias a pé e 3 a cavalo, num total de 15 oficiais, 24 sargentos, 36 cabos, 492 soldados e 132 cavalos, e a Guarda Municipal do Porto, inicialmente, de 1 Companhia de Infantaria, passando a dispor de 4 Companhias a partir de 24 de Janeiro de 1837. Com um efectivo tão reduzido e uma tarefa tão árdua, o recrutamento tinha forçosamente que ser exigente. Os oficiais eram nomeados pelo Governo; os restantes homens tinham que ser afiançados por pessoa idónea. As qualidades requeridas para Sargentos e Cabos da Guarda Municipal eram decência, fidelidade, sobriedade e robustez, sendo indispensável que soubessem ler e escrever devendo os sargentos, além disto, conhecer a contabilidade.

A característica de Corpo Militar, já afirmada na Guarda Real da Polícia, acentua-se nitidamente em todos os aspectos, na Guarda Municipal. Verifica-se que, embora desde o seu início a Guarda Municipal fosse considerada um Corpo de Segurança Pública subordinada ao

Ministério do Reino, houve sempre uma preocupação constante de a integrar no Exército. Aliás, por mais de uma vez a Guarda foi colocada na dependência directa do Ministro da Guerra. Em 20 de Abril de 1845, o Comando Geral da Guarda Municipal instalou-se no Carmo, onde ainda hoje permanece o Comando Geral da Guarda Nacional Republicana. Depois da revolução de 5 de Outubro e com a proclamação da República em 1910, extinguem-se as Guardas Municipais e surge a Guarda Republicana de Lisboa, bem como a Guarda Republicana do Porto. Na realidade, não houve qualquer alteração fundamental. A nova Guarda assentou sobre o esqueleto da anterior. O próprio pessoal da antiga Guarda, na sua grande maioria, transitou para a nova Guarda.

Posteriormente, em 1911, com o intuito de criar uma comissão para estudar a organização de um corpo de segurança pública em todo o país, é criada a Guarda Nacional Republicana. Esta guarda reestruturada, tem o seu posicionamento institucional afirmado através da publicação do seu Decreto Orgânico (DL 231/93), dos Estatutos dos Militares da Guarda Nacional Republicana (DL 265/93) e do Regulamento Geral do Serviço da GNR (Portaria 7.221/85).

Desde 2007 a GNR está a sofrer uma modernização profunda salvaguardada por novas leis e regulamentos, nomeadamente a reestruturação da Lei Orgânica da GNR pela Lei nº 63/2007, o Estatuto dos Militares da GNR Aprovado pelo Decreto-Lei nº 265/93, de 31 de Julho, com as alterações introduzidas pelos Decretos-Lei nºs 298/94 de 24 de Novembro, 297/98 de 28 de Setembro, 188/99, de 2 de Junho, 504/99 de 20 de Novembro, 15/02 de 29 de Janeiro, 119/04 de 21 de Maio, 159/2005, de 20 de Setembro, 216/2006, de 30 de Outubro e 194/2008, de 6 de Outubro. A Constituição, a Lei da Defesa Nacional e das Forças Armadas, a Lei da Segurança Interna e a Lei das Bases Gerais da Condição Militar, constituem as travesmeiras do enquadramento jurídico institucional em que a legislação da Guarda de hoje se integra. A GNR é definida como corpo de Segurança constituída por militares, organizados num corpo especial de tropas e depende, em tempo de paz, do Ministério da Administração Interna para efeitos de recrutamento, administração e execução do serviço decorrente da sua missão geral, e do Ministério da Defesa Nacional para efeitos de uniformização e normalização da doutrina militar, armamento e equipamento. Em caso de guerra ou em situação de crise, a GNR passa a estar subordinada ao chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas.

Sem prejuízo das competências atribuídas por lei, a Guarda tem por missões: Garantir, no âmbito da sua responsabilidade, a manutenção da ordem pública, assegurando o

exercício dos direitos, liberdades e garantias constitucionais; Manter e restabelecer a segurança dos cidadãos e da propriedade pública, privada e cooperativa, prevenindo ou reprimindo os actos ilícitos contra eles cometidos; Coadjuvar as autoridades judiciais, realizando as acções que lhe são ordenadas como órgão de polícia criminal; Velar pelo cumprimento das leis e disposições em geral, nomeadamente as relativas à viação terrestre e aos transportes rodoviários; Evitar, descobrir e reprimir as infracções fiscais, designadamente as previstas na lei aduaneira; Colaborar no controlo da entrada e saída dos cidadãos nacionais e estrangeiros no território nacional; Defender e preservar os bens que se encontram em situações de perigo, por causas provenientes da acção humana ou da natureza; Colaborar na execução da política da defesa nacional; Colaborar na prestação de Honras de Estado.

A GNR para cumprimento da sua missão conta com um Comandante Geral, um segundo Comandante Geral, Inspecção da Guarda, um Comando Doutrina e Formação responsável por toda a instrução na GNR, um Comando Operacional e um Comando de Administração e Recursos Internos. Organiza-se num Comando-Geral (sediado no Largo do Carmo), com os respectivos Comandos, Direcções, Órgãos e Serviços. Dependente o Comando Doutrina e Formação estão as Unidades de Instrução - Escola da Guarda, composta pelo Comando em Queluz, o Centro de Instrução da Figueira da Foz (CFFF) e Centro de Instrução de Portalegre (CIP) (unidades especialmente vocacionadas para a formação moral, cultural, física, militar e técnico-profissional dos oficiais, sargentos e praças e ainda para a actualização e valorização dos seus conhecimentos).

Dependentes do Comando operacional estão as Unidades Territoriais, os Comandos Territoriais unidades mistas de infantaria e cavalaria, de escalão Batalhão, que cumprem a missão geral da guarda nas respectivas zonas de acção, que compreendem um número variável de distritos da divisão administrativa. Estas unidades são constituídas pelos 20 Comandos Territoriais. As Unidades Especializadas são unidades a quem compete prioritariamente o cumprimento de uma missão específica da Guarda, sem prejuízo de actuação no âmbito de toda a missão geral, onde se situam a, Unidade de Controlo Costeiro (UCC) responsável pelo controlo de toda a costa portuguesa, Unidade Nacional de Transito (UNT), vocacionada para a fiscalização das disposições de viação terrestre e apoio ao utente das estradas e a Unidade de Acção Fiscal (UAF) prevenção, descoberta e repressão das infracções fiscais, designadamente à lei aduaneira.

Como Unidade de representação, protecção e segurança existe a Unidade de Segurança e Honras de Estado (USHE), que executa serviços de guarda ao Palácio Nacional

de Belém e à Assembleia da República, entre outros, e serviços honoríficos e de representação do Estado bem como a Banda de Música e a Charanga a Cavalos da GNR.

O Comando da Administração dos Recursos Internos (CARI) assegura o comando e direcção nas áreas dos recursos humanos, financeiros, logísticos e saúde e assistência na doença. Os respectivos Comandos que constituem o Comando Geral da GNR estão ligados à área do pessoal, assistência religiosa, justiça, saúde, veterinária, transmissões, material, intendência, obras, finanças, assistência na doença e informática. De forma genérica é assim que se organiza a GNR.

Como unidade de intervenção e reserva existe a Unidade de Intervenção (UI) em condições de intervir em qualquer ponto do território nacional vocacionada para a manutenção e restabelecimento da ordem pública, resolução e gestão de incidentes críticos, intervenção táctica em situações de violência concertada e de elevada perigosidade, segurança a instalações sensíveis e de grandes eventos, inactivação de engenhos explosivos, cinotécnica, protecção e socorro e aprontamento e projecções de forças para missões internacionais. É na unidade de Intervenção que se encontra a Subunidade Grupo de Intervenção Protecção e Socorro (GIPS).

Ainda ao nível internacional a GNR dispõe de forças destacadas, com variadas missões e efectivos no estrangeiro, nomeadamente em locais como: Angola, Bélgica, Bósnia, Congo, Espanha; França, Guiné, Holanda, Moçambique, Palestina e Timor.

2.3 - Grupo de Intervenção Protecção e Socorro

Os antecessores desta subunidade remontam a 1893, à Guarda Municipal de Lisboa que possuía um Serviço Policial das Guardas Municipais com a vertente de incêndios como se pode verificar pela seguinte citação da sua orgânica: *Capítulo 5º, Incêndios 156º - "Constando que n'uma estação que em qualquer casa do distrito se manifestou incêndio, o comandante fará logo prevenir a estação de incêndios mais próxima e a sua respectiva companhia, mandando dois soldados, ou saindo com toda a força, se esta não for guarda de edifício publico, para o local do sinistro."*

Em 1920, já na GNR, na Ordem de Serviço nº 64 do Comando Geral, 30 de Novembro de 1920 onde é feita referência ao Serviço de Bombeiros da GNR.

Foi projectado recentemente para responder à necessidade da existência de um corpo profissional de protecção civil, sendo criado na dependência do Comando-Geral da GNR,

com a missão específica de executar acções de prevenção e de intervenção de primeira linha em todo o Território Nacional. A sua existência foi oficializada em Comunicado do Conselho de Ministros Extraordinário de 29 de Outubro de 2005.

Em 2006 são atribuídas aos GIPS Missões de Protecção e Socorro, segundo o Decreto-Lei n.º 22/2006, de 02 de Fevereiro, o GIPS tem por missões a execução de acções ao nível da prevenção e de intervenção de primeira linha em todo o território nacional, em situações de protecção e socorro, designadamente nas ocorrências de incêndios florestais, de matérias perigosas, catástrofes ou acidentes graves.

O GIPS integra a UI, Unidade da GNR especialmente vocacionada para as missões de manutenção e restabelecimento da ordem pública, resolução e gestão de incidentes críticos, intervenção táctica em situações de violência concertada e de elevada perigosidade, complexidade e risco, segurança de instalações sensíveis e de grandes eventos, inactivação de explosivos, protecção e socorro e aprontamento e projecção de forças para missões internacionais.

O GIPS é a única força policial nacional de protecção e socorro com virtude militar. O efectivo humano neste momento é de 710 militares, submetidos a regras militares específicas que faz desta força singular no país.

O GIPS é uma subunidade da UI, com comando em Lisboa, um centro de comunicações e operações de socorro, as várias especialidades e oito companhias dispostas territorialmente.

O GIPS pela sua missão abarca um conjunto vago de especialidades, que são discriminadas pelo cenário de actuação. No entanto os candidatos ao GIPS têm uma formação base e transversal a todos os seus elementos, denominada de Curso de Primeira Intervenção em Protecção e Socorro. Só após a conclusão com sucesso é que os militares candidatos passam a integrar o GIPS, ficando assim qualificados para efectuarem operações de intervenção em primeira linha em situações de emergência de Protecção e Socorro e Catástrofes ou Acidentes Graves, podendo vir a integrar uma das especialidades e a devida formação específica.

Nos últimos anos o GIPS tem sido solicitado a intervir nos incêndios florestais pela incapacidade de resposta dos serviços de bombeiros e demais instituições que trabalham nesta área. O GIPS está responsável em permanência pela Protecção e Socorro de 11 dos 18 distritos portugueses com um grau de operacionalidade e sucesso de quase 100%.

Existe a especialidade de Matérias Perigosas/Nuclear Radiológico Biológico e Químico (MP/NRBQ) constituída por militares habilitados para o manuseamento com Matérias Perigosas, em caso de catástrofe ou para prevenção de uma possível ocorrência com este tipo de substâncias onde devido à sua inflamabilidade, eco toxicidade, corrosibilidade ou radioactividade, podem causar danos graves e irreversíveis visto que por meio de derrame, emissão incêndio ou explosão podem colocar em risco vidas humanas. Estes militares estão habilitados a trabalhar em ambientes Nucleares, Radiológicos, Biológicos e Químicos.

A Busca e Resgate em Estruturas Colapsadas (BREC) é uma especialidade constituída por militares que receberam toda a sua formação na área da recuperação e resgate em caso de estruturas colapsadas, ficando aptos a intervir em caso de catástrofes ou outros flagelos que impliquem a intervenção de unidades especializadas nesta área. Recuperações em edifícios destruídos, túneis que cederam, entre outras missões, permitem a esta unidade o salvamento de vidas e a manutenção do fornecimento de bens essenciais.

Face à especificidade de alguns locais onde é característica a conjugação da montanha e de um coberto extenso de vegetação ou neve foi criada a Base de Resgate de Montanha (BRM) da Serra da Estrela e do Gerês. Constituída por uma força com militares experientes neste tipo de ambiente, com uma formação muito intensiva e especializada, permite ao comando do GIPS garantir um socorro rápido e seguro onde quer que tenha de actuar.

O GIPS integra também a Unidade Especial de Operações Subaquáticas (UEOS), constituída por mergulhadores militares. Tem por missão efectuar buscas e resgates em meios aquáticos e de proceder à inspecção judiciária subaquática, (rios, barragens e mar), realiza inspecções judiciárias subaquáticas mantendo a preservação dos meios de prova e proceder à sua recolha, reflutuação de objectos, protecção e segurança subaquática.

Existe a Especialidade de Transmissões e Apoio que é responsável por manter e assegurar a exploração das comunicações do GIPS, garantidos as acções de comando e controlo Operacional.

Existem projectos nas áreas importantes de intervenção em catástrofes buscas e reconhecimento mas pela sua confidencialidade não serão aqui mencionados.

Por regra os militares do GIPS são submetidos semestralmente a provas de aptidão física e de aptidão médica, que poderão conduzir à exclusão do GIPS caso não sejam preenchidos os requisitos.

O GIPS concretiza-se como força que actua na base da sobrevivência militar e vê nos seus militares a fonte do sucesso. Durante o desempenho das suas funções e missões, é exigido aos seus elementos elevado profissionalismo e proficiência.

É este conceito de trabalho e organização que faz destes militares, uma força de elite helitransportada única. Estão em permanente treino, actualização técnica e tática, com uma actividade física bastante exigente.

Estes militares apresentam características únicas, que lhes confere a individualidade, são militares, com missão policial de protecção e socorro, actuam em cenários de catástrofes em qualquer parte do mundo.

2.4 - Missões de Protecção e Socorro

O GIPS apresenta um conceito de actuação inovador, uma força militar de segurança interna militar com capacidades de intervenção em cenários de catástrofe.

Correspondendo a uma necessidade sentida há muito de existência de um corpo especial nacional, no Estado, altamente treinado e motivado e com grande capacidade de projecção para todo o território nacional, de intervenção em operações de protecção civil, foi atribuído à GNR que GIPS.

Razões de racionalidade e eficiência económica, que desaconselhariam desde logo a criação de um serviço autónomo da Administração Pública, aliados à capacidade organizativa e à natureza militar da Guarda Nacional Republicana elegem esta força de segurança como a estrutura do Estado mais apta para formar e levantar, suportar administrativa e logisticamente e projectar com elevada prontidão para os locais de ocorrências, o Grupo de Intervenção de Protecção e Socorro.

Esta unidade é especialmente vocacionada para a prevenção e a intervenção de primeira linha em incêndios florestais e de matérias perigosas, inundações, sismos e outras catástrofes ou acidentes graves, actuando operacionalmente no quadro do Sistema Integrado de Operações de Protecção e Socorro.

Capítulo 3 - Método

3.1 - Objectivo do Estudo

Esta investigação tem como objectivo primordial compreender as correlações entre traços de personalidade e agressividade, por parte dos militares de protecção e socorro, considerando aspectos específicos da personalidade destes profissionais e a influência das suas funções e missões que tenham desempenhado.

Este estudo baseia-se numa investigação transversal com recurso a uma metodologia correlacional. Em relação à estrutura, um estudo transversal é semelhante à de um estudo de corte, no entanto, nos estudos transversais todas as medições são feitas num único "momento", não existindo, portanto, qualquer período de seguimento dos indivíduos. Este tipo de estudos é apropriado para descrever características das populações no que diz respeito a determinadas variáveis e aos seus padrões de distribuição.

O método é denominado de correlacional quando uma teoria científica requer a existência de uma correlação entre duas variáveis, que não podem ser testadas experimentalmente. Tendo em conta a revisão da literatura efectuada colocam-se as seguintes questões de investigação:

Questão I – Pretende-se verificar se os militares que desempenham missões de risco de protecção e socorro apresentam valores diferentes nos traços de personalidade e nos comportamentos agressivos relativamente aos militares que nunca desempenharam essas missões.

Questão II – Pretende-se verificar se os militares que desempenham missões internacionais em teatro de guerra apresentam valores diferenciados nos traços de personalidade e nos comportamentos agressivos, relativamente aos militares que desempenham missões em teatro de paz ou os militares que nunca desempenharam essas missões.

Questão III – Pretende-se verificar se a classe de Sargentos apresenta valores diferentes nos traços de personalidade e nos comportamentos agressivos, relativamente à classe de Praças.

Questão IV – Por fim, pretende-se verificar se a função desempenhada influencia significativamente os valores nos traços de personalidade e comportamentos agressivos.

3.2 – Descrição da Amostra

A amostra é constituída por 535 militares, das classes de Oficiais, Sargentos e Praças, devidamente enquadrados na estrutura hierárquica do GIPS, da UI, da GNR e está dispersa em todo o território de Portugal continental, nomeadamente nos distritos de Aveiro, Lisboa, Setúbal, Leiria, Coimbra, Viseu, Porto, Braga, Vila Real, Bragança, Faro, Castelo Branco. Cerca de 119 elementos acabaram o curso de intervenção protecção e socorro, sem qualquer contacto com a vida operacional, os restantes tem pelo menos duas épocas de incêndios florestais, e fizeram parte de equipas operacionais que compoem as bases de primeira intervenção helitranspostada do GIPS da GNR.

A idade dos militares variou entre os 20 e os 49 anos sendo a média de idades igual a 28 anos (DP = 4,4). O escalão etário mais representado é o escalão 26 -30 ano que compreende 52,7% dos militares como se pode verificar na Tabela 1.

Tabela 1 – Escalões Etários

	N	%
20 - 25	147,00	27,5%
26 - 30	282,00	52,7%
31 - 35	76,00	14,2%
36 - 40	21,00	3,9%
> 40	9,00	1,7%
Total	535,00	100,00

Cerca de 512 militares (95,7%) são do sexo masculino e apenas 23 (4,3%) do sexo feminino (ver tabela 2), contactando-se um grupo maioritariamente masculino.

Os militares solteiros estão largamente em maioria, segundo a tabela 2, representam mais de metade da amostra 295 participantes (55,0%). Os militares casados representam 152 participantes (29,0%). Cerca de 141 participantes (26,4%) afirma ter filhos, e destes 68% tem um filho e 26% dois filhos.

A análise da distribuição dos militares por classe indica-nos que as praças totalizam 483 participantes (90,3%), os sargentos 47 participantes (8,8%) e os oficiais apenas 5 participantes (0,9%). Já no que se refere à função, a maioria desempenha funções de execução operacional 387 participantes (72,3%), seguindo-se os comandantes de secção operacional 29 participantes (12,1%) e por fim, os administrativos 35 participantes (6,5%). (ver tabela 2)

No que se refere ao estatuto socioeconómico a classe média (46,8%) e a classe média baixa (38,4%), totalizam 85,2% dos inquiridos.

Tabela 2 – Caracterização sociodemográfica

	N	%	Mín.	Máx.	M	DP
Sexo						
Masculino	512	95,7				
Feminino	23	4,3				
Idade	535		20	49	28	4,4
Estado civil						
Solteiro/a	295	55,1				
Casado/a	152	28,4				
União de facto	53	9,9				
Divorciado/a	17	3,2				
Viúvo/a	1	0,2				
S/ Compromisso	17	3,2				
Filhos						
Sim	141	26,4				
Não	394	73,6				
Missões Internacionais						
Sim	133	24,9				
Não	401	75,1				
Missões Protecção e socorro						
Sim	119	22,2				
Não	416	77,8				
Classe						
Oficial	5	0,9				
Sargento	47	8,8				
Praça	483	90,3				
Função						
Comando Operacional	19	3,6				
Cmdt de Secção Op	29	5,4				
Chefe de Equipa Op	65	12,1				
Operacional (executante)	387	72,3				
Adm/Log/Tms	35	6,5				

Cerca de um quarto dos participantes já realizou missões internacionais, dos quais 7,9% em teatro de guerra e 17,0% em missão de paz.

Já no que se refere às missões de protecção e socorro, segundo a tabela 3, a maioria indica já ter estado envolvida 417 participantes (77,8%). Esses elementos, que não participaram em missões de protecção e socorro à data da avaliação, correspondem aos militares terminaram com sucesso o Curso de Primeira Intervenção em Protecção e Socorro 2010 com sucesso, os restantes tem pelo menos dois anos de experiência na intervenção em

catástrofes, e fizeram parte de equipas operacionais que compoem as bases de primeira intervenção helitranspostada do GIPS da GNR.

Tabela 3 - Missões de protecção e socorro

	Frequência	Percentagem
Nunca fez	119	22,2
Fez	416	77,8
Total	535	100,0

Segundo a tabela 4, Timor foi o destino mais frequente das missões internacionais 54 participantes (32,5%), seguindo-se depois a Bósnia 35 participantes (21,1%) e o Iraque 33 participantes (19,9%).

Tabela 4 – Destino das missões Internacionais

	N	%
Afeganistão	10	6,0
Iraque	33	19,9
Bósnia	35	21,1
Kosovo	27	16,3
Timor	54	32,5
Outros locais	7	4,2

Partindo do princípio que fazem parte de teatro de guerra as missões no Afeganistão e no Iraque e operações de paz as restantes, de acordo com a tabela 5, verificamos que um quarto dos militares inquiridos, 42 participantes (7,9%), já executou, dos quais em teatro de guerra e 91 participantes (17%) em missão de paz.

Tabela 5 – Missões de paz e guerra

	N	%	% Válida	% Acumulada
Missao de paz	91	17,0	17,0	17,0
Não fez missões	401	75,0	75,1	92,1
Teatro guerra	42	7,9	7,9	100,0
Total	534	99,8	100,0	
Missing	1	0,2		
Total	535	100,0		

Não existem estudos anteriores em militares de protecção e socorro, uma vez que é uma força bastante recente. Como já foi referido anteriormente, em todo o mundo existe apenas mais uma força desta natureza e com algumas diferenças: em Espanha a Unidade Militar de Emergência (UME) pertencente às Forças Armadas. O mundo está atento e a admirar os resultados positivos desta inovação Ibérica, iniciada em Portugal em 2005. Membros do governo do Chile, após visita a Portugal declararam vontade em criar uma força militar deste género. Ainda este ano várias delegações internacionais visitaram essa unidade de elite da GNR.

3.3 – Descrição dos Instrumentos de Avaliação

Com vista à recolha dos dados necessários à realização deste trabalho, foi construído um questionário referente aos dados demográficos (divididos em duas partes, a primeira onde se encontra o sexo, a idade, o estado civil, religião e classe social e uma segunda parte onde se encontram dados relativos à função dos militares do GIPS, com questões relativas à categoria na hierarquia militar, a função e as áreas de intervenção). Foram também usadas quatro medidas de avaliação que passarei a descrever de seguida.

O Questionário de Agressividade de Buss and Perry (BPAQ) é um instrumento que tem como base o Buss-Durkee Hostility Inventory (BDHI), desenvolvido por Buss e Durkee (1957). Foi um dos instrumentos mais utilizados em estudos entre 1960 e 1989, contando com 242 citações no *Social Science Citation Index* (Bushman; Cooper; Lemke, 1991). Uma das principais razões para sua popularidade foi a abordagem multidimensional da agressividade, reunindo sete escalas: ataque, agressão indirecta, irritabilidade, negativismo, ressentimento, desconfiança e agressão verbal, o que permitia saber o quanto agressiva a pessoa era e estimar como sua agressividade se manifestava. (Buss e Perry, 1992),

Quando este procedimento estatístico foi empregue, apenas dois factores surgiram: agressividade, que reuniu itens de ataque, agressão indirecta, irritabilidade e agressão verbal e hostilidade, a qual concentrou principalmente os itens ressentimento e desconfiança. Estes autores citam ainda a incongruência desta solução factorial em relação a outros estudos em que este instrumento foi considerado. A escala de resposta utilizada foi a do tipo verdadeiro-falso, que permite apenas estimativas de quais seriam as correlações, se os itens fossem pontuados numa escala tipo *Likert*. Essas limitações foram atribuídas ao facto de este instrumento ter sido construído nos anos 1950, quando os padrões e as tecnologias para a elaboração de questionários não eram os que hoje se dispõem.

A solução encontrada por Buss e Perry (1992) para superar as limitações do BDHI foi propor um novo instrumento de auto-relato, que mantivesse as mesmas vantagens, isto é, que tratasse a agressão como resultado de múltiplos factores, mas também que atendesse aos actuais padrões psicométricos. Surgiu, então, o Buss-Perry *Aggression Questionnaire* (BPAQ): um conjunto de 52 itens foi inicialmente formado, partindo-se do BDHI. Estes foram submetidos a uma Análise Factorial dos Eixos Principais (AFEP), contando inicialmente com as respostas de 1.253 jovens universitários (612 homens; 641 mulheres) do curso de Psicologia, com idades de 18 a 20 anos. Para a interpretação dos factores, adoptaram-se os seguintes critérios: o item deveria apresentar carga factorial de pelo menos 0,35 no seu factor correspondente e inferior a 0,35 nos demais factores. Quatro factores emergiram, tendo-se reunido um total de 29 itens: *agressão física* (9 itens), *agressão verbal* (5 itens), *irritabilidade* (7 itens) e *hostilidade* (8 itens). A amostra inicial foi dividida em três subamostras ($n_1 = 406$, $n_2 = 448$ e $n_3 = 399$), tendo sido repetidos os procedimentos estatísticos, isto é, foram feitas análises factoriais em cada amostra, procurando encontrar a estabilidade da estrutura factorial resultante. Sistemáticamente, embora com alguma variação, os resultados foram consistentes, sugerindo a presença dos quatro factores antes citados.

Uma Análise Factorial Confirmatória (AFC) foi ainda realizada para comprovar a adequação da estrutura factorial identificada, considerando os participantes da segunda subamostra ($n_2 = 448$). Três modelos alternativos foram comparados: (1) um factor geral de agressão, (2) quatro factores específicos de agressão, e (3) quatro factores específicos e um factor geral (segunda ordem) de agressão.

Considerando o “índice subjectivo” de adequação de ajuste ($c^2 / g.l$), observou-se que o primeiro modelo era menos adequado ($c^2 / g.l = 2,27$) do que o segundo ($c^2 / g.l = 1,94$) e o terceiro ($c^2 / g.l = 1,95$). Apesar de não haver razão estatística para a escolha de um dos dois últimos, o terceiro pareceu mais adequado para Buss e Perry (1992) por ser mais inclusivo: considerava tanto os quatro factores específicos da agressão como um factor geral, de ordem superior. Portanto, este foi o assumido para representar a estrutura do BPAQ. Reforçando a sua adequação, observou-se que os factores específicos e o geral se correlacionaram directa e significativamente ($p < 0,001$), independente do sexo do respondente, com três medidas com as quais teoricamente se associariam: *assertividade* (r médio = 0,36), *competitividade* (r médio = 0,37) e *impulsividade* (r médio = 0,37).

A precisão desse instrumento foi avaliada por dois indicadores: consistência interna e estabilidade temporal. No primeiro caso os coeficientes Alfas de Cronbach, tendo sido

observados os seguintes valores: *agressão física* ($\alpha = 0,85$), *agressão verbal* ($\alpha = 0,72$), *irritabilidade* ($\alpha = 0,83$) e *hostilidade* ($\alpha = 0,77$); o factor geral apresentou um Alfa de 0,89. Quanto ao segundo índice, um teste-reteste foi realizado no intervalo de nove semanas ($n = 372$), resultando nos seguintes coeficientes: *agressão física* ($r = 0,80$), *agressão verbal* ($r = 0,76$), *irritabilidade* ($r = 0,72$) e *hostilidade* ($r = 0,72$); para o factor geral, o coeficiente foi de 0,80.

O padrão de correlação dos quatro factores ($n = 1.253$) indicou que a *agressão física* e a *agressão verbal* estavam directamente correlacionadas entre si ($r = 0,45$), tendo ambas apresentado a mesma relação com o factor *irritabilidade* ($r = 0,48$). Esse factor correlacionou-se positivamente com *hostilidade* ($r = 0,45$), a qual apresentou correlações fracas com *agressão física* ($r = 0,28$) e *agressão verbal* ($r = 0,25$). Buss e Perry (1992) sugerem que este padrão de correlação foi devido, principalmente, à relação dos dois factores de agressão com o de irritabilidade. Assim, quando a *irritabilidade* foi estatisticamente controlada, demonstrou-se praticamente nula a correlação com *hostilidade*, a *agressão física* ($r = 0,08$) e com a *agressão verbal* ($r = 0,05$).

Pouco mais de uma década após a publicação do BPAQ, surgiu o interesse em adaptá-lo para diferentes culturas e grupos de pessoas. Nos Estados Unidos foi empregue em estudantes do Ensino Fundamental e universitário (Furlong; Smith, 1998; Houston and Stanford, 2001) e presidiários (Williams et al., 1996). Foram também realizados estudos de validação em outros países, tais como na Austrália (Bogle, 2004), Canadá (Tremblay; Ewart, 2005), Espanha (García-León et al., 2002) e Itália (Fossati et al., 2003).

No geral, os resultados descritos nos diversos estudos apoiam a existência dos quatro factores nomeados desta medida (Fossati et al., 2003; García-León et al., 2002; Williams et al., 1996), embora também sejam introduzidas observações a respeito da eventual redução do número de itens (Bryant; Smith, 2001) ou mesmo de factores (Williams et al., 1996). A sua consistência interna tem sido igualmente satisfatória: o factor *hostilidade* tem apresentado Alfas no intervalo de 0,68 (Fossati et al., 2003) a 0,83 (Bryant; Smith, 2001); *irritabilidade* apresentou o menor Alfa de 0,72 (Fossati et al., 2003) e o maior 0,83 (Bryant; Smith, 2001); *agressão verbal* variou de 0,53 (Fossati et al., 2003) a 0,75 (Bryant; Smith, 2001); e, finalmente, os Alfas para *agressão física* se situaram entre 0,81 (Fossati et al., 2003) e 0,86 (Bryant; Smith, 2001). Quantificar a agressão, diferenciando as suas facetas específicas, parece ser um passo fundamental no sentido de conhecer os factores que a potencializam ou reprimem, permitindo intervenções que minimizem as suas consequências. O BPAQ reúne

propriedades psicométricas que asseguram, no contexto em que foi desenvolvido, uma medida adequada da agressão. No que se refere ao presente estudo, os valores α de Cronbach encontrados são 0,796 para a agressividade física, 0,473 para a agressividade verbal, 0,809 para a irritabilidade, 0,829 para a hostilidade e por fim 0,910 para a agressividade total.

Relativamente ao Inventário de Personalidade NEO Revisto, a popularidade actual do modelo dos cinco factores deve-se, em grande parte, aos inúmeros trabalhos empíricos e publicações em torno do mesmo mas, também, às suas críticas (directas ao FFM ou indirecta à teoria dos traços). Apesar de não interferirem significativamente nos fundamentos, estas críticas apontam para um certo número de limitações reais.

Muitas destas críticas estão, como foi referido, pelo menos em parte ultrapassadas. No entanto, algumas continuam a requerer e a suscitar mais investigação e reflexão. Nomeadamente, o modelo beneficiária, para autores como Block (1995), da utilização de formas de análise mais complexas de estudar as pessoas, para além da análise factorial e a utilização de uma linguagem conceptual mais elaborada e consensual. Por outro lado, a aceitação do modelo não implica que nos cinjamos a ele. É importante que existam formas alternativas e criativas de estudar a personalidade.

Acresce que muitas das divergências (*e.g.*, interpretação e designação dos factores) são, em parte, fruto de condicionalismos históricos, nomeadamente, dos cinco factores terem sido encontrados em estudos lexicais e em investigações com questionários. Resultou dos primeiros o *big five model*, que se assume, sobretudo, como um modelo descritivo. Das segundas derivou o *five-factor model*, que se apresenta como um modelo explicativo, cujos traços são constructos hipotéticos com base biológica. É, sobretudo, defendido por Costa e McCrae, que sugerem que estes traços interagem com o meio, produzindo as adaptações características.

Muito embora Costa e McCrae (1995) e Goldberg e Saucier (1995) considerem que grande parte das apreciações críticas do FFM são leituras parciais e tendenciosas dos dados, eles próprios não defendem que o modelo seja inalterável. Um dos pontos fundamentais no estudo da personalidade foi o de Halverson, denominado de ponta do iceberg das diferenças individuais (1994), que atribuiu uma taxonomia adequada às necessidades duma jovem ciência (*a serviceable model, a taxonomy adequate for the needs of a young science*), Costa & McCrae, 1995, p. 217). Por conseguinte, “o modelo dos *big five* não está ainda completamente elaborado, nem é perfeita a evidência a seu favor. É, no entanto, o mais “compreensivo e parcimonioso...” (Goldberg & Saucier, 1995, p.221). Neste sentido, John (1990) elaborou um

significado lógico utilizando a metáfora de *ocean* que o modelo dos cinco factores abarca, chamando-lhe assim o oceano das dimensões da personalidade.

O Revised NEO Personality Inventory (Costa, R.R. McCrae, 1992) avalia os cinco domínios da personalidade (Neuroticismo, Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade e a Abertura à Experiência). Esta é um inventário de auto-avaliação, constituído por 240 itens, em que o formato de resposta é do tipo Lickert, variando de 1 a 5, em que 1 corresponde a uma resposta de “Discordo fortemente”, 2 corresponde a uma resposta de “Discordo”, 3 corresponde a uma resposta de “Neutro”, 4 corresponde a uma resposta de “Concordo” e 5 corresponde a uma resposta de “Concordo fortemente”.

Esta escala é constituída por 5 dimensões. A dimensão da Extroversão inclui as facetas de Assertividade, Acolhimento Caloroso, Gregariedade, Emoções Positivas, Procura de Excitação e Actividade. A dimensão da Abertura à Experiência inclui as facetas de Fantasia, Valores, Estética, Acções, Ideias e Sentimentos. A dimensão da Amabilidade inclui as facetas de Confiança, Complacência, Rectidão, Altruísmo, Sensibilidade e Modéstia. A dimensão da Conscienciosidade inclui as facetas de Competência, Obediência ao Dever, Autodisciplina, Ordem, Esforço de Realização e Deliberação, por último, a dimensão do Neuroticismo inclui as facetas de Ansiedade, Autoconsciência, Hostilidade, Impulsividade, Vulnerabilidade e Depressão.

Quanto à amplitude desta escala, varia entre 240 e 1200. No que concerne ao sentido de variação, esta escala apresenta um sentido directo.

Relativamente às qualidades psicométricas, quanto à fidelidade, esta escala apresenta uma consistência interna adequada, com um valor do alfa de Cronbach para as cinco dimensões que varia entre 0,796 e 0,864 e um valor de teste-reteste aceitável, apresentando valores para as cinco dimensões que variam entre 0,86 e 0,91. Quanto à estabilidade, apresenta uma estabilidade temporal adequada, tendo em conta um estudo que foi realizado por um período de sete anos, em que os coeficientes de estabilidade variaram entre 0,51 e 0,83. Quanto às correlações entre as dimensões e as suas correspondentes facetas, estas são positivas e significativas, apresentando um valor acima de 0,30. No que diz respeito à validade, esta escala de avaliação apresenta valores adequados, para a validade preditiva, de conteúdo, de constructo, convergente e discriminante.

No que diz respeito às correlações entre cada item e o total da escala, apenas na versão de 1998 é que foram alcançados resultados satisfatórios, visto que até então oito itens tinham um valor muito próximo de 0. No que concerne à validade, esta escala de avaliação,

apresenta valores adequados, nomeadamente para a validade preditiva, de conteúdo, de constructo, convergente e discriminante. Relativamente ao presente estudo os valores de α de Cronbach encontram-se dispostos na tabela seguinte (tabela 6):

Tabela 6 – Valores de α de Cronbach do Inventário de Personalidade NEO Revisto

	N	α
Neuroticismo	48	0,940
Ansiedade	8	0,616
Hostilidade	8	0,804
Depressão	8	0,823
Autoconsciência	8	0,657
Impulsividade	8	0,698
Vulnerabilidade	8	0,861
Extroversão	48	0,935
Acolhimento caloroso	8	0,847
Gregariedade	8	0,802
Assertividade	8	0,625
Actividade	8	0,657
Procura de excitação	8	0,614
Emoções positivas	8	0,817
Abertura à experiência	48	0,910
Fantasia	8	0,753
Estética	8	0,712
Sentimentos	8	0,708
Acções	8	0,671
Ideias	8	0,776
Valores	8	0,548
Amabilidade	48	0,942
Confiança	8	0,849
Rectidão	8	0,657
Altruísmo	8	0,876
Complacência	8	0,727
Modéstia	8	0,702
Sensibilidade	8	0,732
Conscienciosidade	48	0,966
Competência	8	0,844
Ordem	8	0,791
Obediência ao dever	8	0,877
Esforço de realização	8	0,824
Autodisciplina	8	0,882
Deliberação	8	0,791

Relativamente à Paulhus Deception Scales (PDS), de Delroy L. Paulhus, Ph.D. de 1998, esta medida, também conhecida como versão 7 do Inventário de Balanced Desirable Responding (BIDR), é um auto-questionário com 40 itens que foi concebido para medir a tendência de dar respostas socialmente aceitáveis ou desejáveis (SDR). É constituída por duas dimensões: Gestão da imagem e Auto-apresentação favorável.

A dimensão Desejabilidade social representa uma tendência de favorabilidade inconsciente, intimamente relacionada com o narcisismo (Paulhus & John, 1998), constituída pelos primeiros 20 itens (do item 1 ao item 20). A dimensão Gestão da imagem e Auto-apresentação favorável representa uma categoria bem conhecida de medidas de desejabilidade social, que têm em vista formas brutas de dissimulação, como é o caso do fingimento e da mentira, sendo constituída pelos restantes 20 itens, ou seja, do item 21 ao item 40.

No que diz respeito à amplitude desta escala de avaliação, esta varia entre 0 e 40, porque o valor das respostas padronizadas varia entre 0 e 1. Relativamente ao sentido de variação, esta escala é composta por três resultados, o somatório das respostas para cada dimensão e o somatório dos totais das duas dimensões, que nos dá o valor total da escala (PDS Total), logo, quanto mais alto for o valor para cada uma das dimensões, maior será o valor do PDS Total. Estes três resultados serão posteriormente transformados em resultados padronizados, ou seja, valores T, para então se proceder à análise do perfil, tendo sempre em conta se os valores são altos ou baixos para cada uma das dimensões. No que diz respeito ao sentido, esta escala apresenta um sentido directo. No âmbito das qualidades psicométricas, em relação à fidelidade, a consistência interna desta escala, apresenta um alfa de Cronbach de 0,83, o que representa um valor de fidelidade muito bom. Quanto à validade estrutural, é de referir que a correlação entre as dimensões constituintes desta escala de avaliação apresenta um valor muito baixo, sendo ele de 0,20.

Em relação às suas qualidades psicométricas, foi obtido relativamente à sua consistência interna resultados satisfatórios para as quatro amostras utilizadas. Para a dimensão Gestão da imagem os valores variaram entre 0,70 e 0,75. Para a dimensão Auto Apresentação Favorável variaram entre 0,81 e 0,86.

A subescala Gestão da Imagem apresenta uma correlação elevada com escalas de mentira como a EPI Lie Scale e a MMPI Lie Scale confirmando a sua validade convergente. Da mesma forma, a subescala Auto-Apresentação Favorável apresenta correlações significantes com medidas de defesa e coping, como o Defense Mechanisms Inventory e a Ways of Coping Scale, verificando-se a sua validade convergente (Paulhus, 1998).

No que se refere ao presente nosso estudo os valores α de Cronbach encontrados são 0,784 relativamente à escala de Auto-apresentação Favorável e 0,841 em relação à escala de Gestão da Imagem.

3.4 – Procedimento

Como já foi referido, foi solicitada a participação dos militares do GIPS pertencentes à UI da GNR e apresentado o objectivo da investigação ao comandante do GIPS da GNR, o mesmo considerou pertinente concedendo autorização para a sua realização. Foram contactados os Comandantes de Companhia deste Grupo, ao nível distrital, para informar sobre o estudo e combinar datas para a aplicação de testes. A informação foi recolhida através de um protocolo de investigação (ver Anexo I), constituído por um questionário de dados demográfico, um questionário de agressividade (Buss & Perry, 1992), por um questionário de procura de sensações por um questionário de desejabilidade social, Paulhus Deception Scale (Paulhus, 1998), Inventário de Personalidade NEO Revisto (Costa & McCrae, 1992).

Foi marcada uma reunião geral em Lisboa no dia 15 de Outubro de 2009, onde foi explicado nominalmente aos comandantes de companhia, que o objectivo deste estudo foi compreender os traços de personalidade e a agressividade dos militares do GIPS.

Após explicados os objectivos gerais, foram informados que era garantido a confidencialidade, a liberdade de participar e a possibilidade da desistência desde a fase explicativa até à devolução dos protocolos, aquando a sua aplicação. Nessa reunião foram delimitados dias nos respectivos distritos onde estariam sediadas as respectivas companhias do GIPS.

Para atingir o contexto de sala para todos os participantes ao longo do país foi necessário uma grande preparação ao nível logístico. Houve a necessidade de fazer contactos e coordenação local para solicitar espaços (sala de aula) para o preenchimento dos protocolos para que as condições fossem o mais semelhantes possível para os participantes.

Os próprios militares do GIPS cooperaram fornecendo contactos para o efeito. Como consequência, foram cedidas temporariamente, desde salas de aula ou instrução dos militares, salas de aula das escolas primárias, salas de instrução dos bombeiros, centro paroquial, até sala dos escuteiros foram utilizadas, pousada da juventude de Monchique, instalações de uma Câmara Municipal e algumas juntas de freguesia.

Foram por volta de dois mil e quinhentos quilómetros percorridos, e quinze dias intensivos, dedicados à aplicação e recolha de questionários. Para esse efeito foi executada,

dias antes, uma formação de testadores no Centro de Psicologia da GNR, que me deu alguma experiência na aplicação de testes em sala.

Este grande circuito de aplicação foi inaugurado em Lisboa, com destino inicial de Bragança seguindo Vila Real, Porto, Braga, Aveiro, Coimbra, Viseu, Leiria, Lisboa, Setúbal e Faro. Tendo sido a situação mais excêntrica mesmo a cerca de mil e novecentos metros de altitude, aquando do deslocamento à Serra da Estrela, em plena torre, onde se os militares da BRM preencheram os questionários.

Foi pedido aos voluntários, em todas as aplicações sucessivas, para participar num estudo científico que envolve o preenchimento anónimo de um questionário sobre traços de personalidade que deverá demorar o preenchimento volta de 20 a 40 minutos.

Foram explicados sempre os objectivos gerais, garantindo a confidencialidade, a liberdade de participar, a possibilidade da desistência desde a fase explicativa até à devolução dos protocolos, a participação foi inteiramente voluntária.

O questionário foi facultado aos participantes que em cada distrito, foram avaliados num só momento, com um protocolo de investigação constituído por um questionário (Anexo I). Dos militares disponíveis no momento no GIPS apenas 15 elementos não quiseram participar.

Não foi pedida qualquer identificação, não existindo assim qualquer forma de relacionar o questionário preenchido com o militar que preencheu. A informação anónima dos questionários foi transferida para uma base de dados informática. Os questionários encontram-se guardados em arquivo, no Centro de Psicologia e Intervenção Social da GNR, e serão destruídos passados 5 anos.

A análise estatística foi efectuada com o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 18.0 para Windows.

3.5 - Resultados

Na tabela 7, apresenta-se a estatística descritiva referente a cada uma das dimensões e respectivas facetas do Neo-PI-R.

Tabela 7 – Estatística descritiva: Neo-PI-R

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Neuroticismo	535	0	155	69,31	22,638
Ansiedade	535	0	31	13,98	3,931
Hostilidade	535	0	26	10,43	4,671
Depressão	535	0	29	10,08	4,946
Autoconsciência	535	0	24	13,01	4,320
Impulsividade	535	0	26	12,94	4,407
Vulnerabilidade	535	0	23	8,87	4,524
Extroversão	535	0	176	114,72	22,980
Acolhimento caloroso	535	0	32	21,79	5,006
Gregariedade	535	0	32	18,81	5,194
Assertividade	535	0	30	17,39	3,999
Actividade	535	0	30	17,00	3,874
Procura de excitação	535	0	32	18,70	4,601
Emoções positivas	535	0	32	21,02	5,264
Abertura à experiência	535	0	170	106,95	19,978
Fantasia	535	0	30	16,49	4,624
Estética	535	0	32	17,37	4,478
Sentimentos	535	0	30	18,60	4,228
Acções	535	0	32	17,45	4,151
Ideias	535	0	31	18,77	4,756
Valores	535	0	28	18,28	3,783
Amabilidade	535	0	180	116,93	23,639
Confiança	535	0	32	18,65	5,090
Rectidão	535	0	29	18,93	4,311
Altruísmo	535	0	32	21,98	5,279
Complacência	535	0	32	18,80	4,654
Modéstia	535	0	30	18,24	4,244
Sensibilidade	535	0	32	20,33	4,533
Conscienciosidade	535	0	183	128,52	27,667
Competência	535	0	32	21,84	4,894
Ordem	535	0	32	20,71	4,962
Obediência ao dever	535	0	32	23,09	5,397
Esforço de realização	535	0	31	21,16	4,857
Autodisciplina	535	0	32	21,83	5,328
Deliberação	535	0	32	19,88	4,895

Ao efectuar a análise da tabela 7 pode concluir-se que os militares de protecção e socorro obtêm os valores mais altos em conscienciosidade com um valor médio de 128,52 e um desvio padrão de 27,667, ao nível do neuroticismo os valores verificam-se bastante mais baixos onde a média atinge apenas 69,31 e o desvio padrão de 22,638.

Tabela 8 – Estatística descritiva: PDS

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Auto-apresentação Favorável	535	0	16	4,27	3,890
Gestão da Imagem	535	0	18	10,26	3,798
PDS total	535	0	32	14,53	6,449

Tendo em conta a tabela 8, relativa à estatística descritiva: PDS, verificou-se que os militares participantes obtêm valores mais elevados em Gestão de Imagem com uma média de 10,26 e um desvio padrão de 3,798 e ao nível da escala de auto-apresentação favorável os valores são mais baixos atingindo apenas uma média de 4,27 com um desvio padrão de 3,89. O valor global obtido foi uma média de 14,53 com um desvio padrão de 6,44.

Tabela 9 – Estatística descritiva AQ

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Agressividade Física	535	9	45	19,25	5,487
Agressividade Verbal	535	5	25	13,75	2,593
Irritabilidade	535	6	31	13,37	4,336
Hostilidade	535	7	40	17,61	5,107
Agressividade Total	535	35	141	63,98	14,584

No que diz respeito à tabela 9, podemos verificar que os valores obtidos pelos militares nas subescalas do questionário AQ (Aggression Questionnaire) demonstram os valores mais elevados na agressividade física com uma média de 19,25 com um desvio padrão de 5,487. Pode verificar-se também que a nível da irritabilidade os valores são os mais baixos com uma média de 13,37 com um desvio padrão de 4,336.

Com o intuito de comparar as várias dimensões da personalidade e a experiência em missões de protecção e socorro. A tabela 10 demonstra a comparação dos valores médios das dimensões da personalidade, agressividade e desejabilidade social com a execução de missões de missões de protecção e socorro, onde podemos encontrámos as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

Tabela 10 – Comparação dos valores médios das dimensões da personalidade, agressividade e desejabilidade social em função da execução de missões de missões de protecção e socorro

	Não fez		Fez		<i>t</i>	Sig.
	M	DP	M	DP		
Neuroticismo	59,95	21,96	71,99	22,13	-5,24	0,000 *
Ansiedade	13,14	3,482	14,21	4,02	-2,636	0,009 *
Hostilidade	8,32	4,198	11,04	4,63	-5,76	0,000 *
Depressão	8,39	4,603	10,56	4,94	-4,305	0,000 *
Autoconsciência	11,71	4,598	13,38	4,17	-3,779	0,000 *
Impulsividade	11,29	4,477	13,41	4,28	-4,711	0,000 *
Vulnerabilidade	7,1	4,269	9,38	4,47	-4,952	0,000 *
Extroversão	122,4	17,73	112,52	23,84	4,199	0,000 *
Acolhimento caloroso	23,84	4,341	21,2	5,03	5,196	0,000 *
Gregariedade	21,11	4,957	18,16	5,08	5,619	0,000 *
Assertividade	18,55	3,417	17,06	4,1	3,609	0,000 *
Actividade	17,5	3,432	16,86	3,98	1,574	0,116
Procura de excitação	19,16	4,092	18,57	4,73	1,234	0,218
Emoções positivas	22,25	4,457	20,67	5,43	2,910	0,004 *
Abertura à experiência	109,82	14,76	106,13	21,17	1,777	0,076
Fantasia	15,61	4,847	16,74	4,53	-2,344	,019 *
Estética	18,07	4,608	17,17	4,43	1,931	0,054
Sentimentos	18,98	3,39	18,5	4,44	1,111	0,267
Acções	18,47	4,084	17,16	4,13	3,07	0,002 *
Ideias	19,71	4,868	18,5	4,69	2,478	0,014 *
Valores	18,97	2,768	18,08	4,01	2,264	0,024 *
Amabilidade	129,18	17,84	113,43	23,94	6,669	0,000 *
Confiança	21,25	5,071	17,91	4,85	6,557	0,000 *
Rectidão	20,82	3,481	18,38	4,38	5,574	0,000 *
Altruísmo	24,24	4,401	21,33	5,33	5,451	0,000 *
Complacência	21,11	4,004	18,14	4,62	6,367	0,000 *
Modéstia	19,72	3,505	17,82	4,34	4,387	0,000 *
Sensibilidade	22,04	3,651	19,84	4,65	4,758	0,000 *
Conscienciosidade	141,32	21,87	124,85	28,07	5,904	0,000 *
Competência	23,87	4,094	21,26	4,95	5,248	0,000 *
Ordem	22,83	4,173	20,11	5,01	5,419	0,000 *
Obediência ao dever	25,06	4,658	22,53	5,47	4,594	0,000 *
Esforço de realização	23,08	3,759	20,61	5	5,018	0,000 *
Autodisciplina	24,11	4,306	21,18	5,42	5,427	0,000 *
Deliberação	22,37	4,102	19,17	4,88	6,526	0,000 *
Auto-apresentação Favorável	4,79	4,42	4,13	3,71	1,647	0,100
Gestão da Imagem	11,5	3,6	9,91	3,78	4,107	0,000 *
PDS total	16,29	7,08	14,03	6,17	3,409	0,001 *
Agressividade Física	17,83	4,58	19,66	5,65	-3,231	0,001 *
Agressividade Verbal	13,23	1,89	13,89	2,74	-2,487	0,013 *
Irritabilidade	11,75	3,61	13,84	4,41	-4,731	0,000 *
Hostilidade	15,64	4,9	18,17	5	-4,874	0,000 *
Agressividade Total	58,45	12,07	65,56	14,85	-4,791	0,000 *
Procura de Sensações	23,9	4,93	25,21	5,3	-2,379	0,018 *

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$

Como se pode constar através da análise da tabela 10, relativamente ao domínio Neuroticismo, ($t(533) = -5,240, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de

risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais altos com média igual a 59,95 com desvio padrão igual a 21,96. Por outro lado os militares que nunca desempenharam missões de protecção e socorro apresentam uma média de 71,99 com um desvio padrão de 22,13. Em relação à faceta Ansiedade, ($t(533) = -2,636, p=0,009$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais altos onde a média é 13,14 com um desvio padrão de 3,482. Os militares que nunca desempenharam missões de protecção e socorro apresentam uma média igual a 14,21 com um desvio padrão de 4,02. No que diz respeito à faceta Hostilidade, ($t(533) = -5,760, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais altos (8,32 versus 11,04). Quanto à faceta Depressão, ($t(533) = -4,305, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais altos (8,39 versus 10,56). No que reserva à faceta Autoconsciência, ($t(533) = -3,779, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais altos (11,71 versus 13,38). Ainda no domínio do neuroticismo, quanto à faceta Impulsividade, ($t(533) = -4,711, p=0,000$) os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais altos com uma média igual a 13,41 e um desvio padrão igual a 4,28. Por fim a faceta Vulnerabilidade, ($t(533) = -4,952, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais altos apresentando uma média de 9,38 e um desvio padrão de 4,47.

Tendo em conta ainda a análise da tabela 10, e relativamente ao domínio da Extroversão, ($t(533) = 4,199, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos com uma média de 112,52 e um desvio padrão de 23,84. Ainda neste domínio e relativamente à faceta acolhimento caloroso, ($t(533) = 5,196, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos apresentando uma média igual a 21,2 e um desvio padrão igual a 5,03. Quanto à faceta Gregariedade, ($t(533) = 5,619, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentando uma média igual a 18,16 e um desvio padrão igual a 5,08. A faceta assertividade, ($t(533) = 3,609, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos com uma média igual a 17,06 e um desvio padrão igual 4,1. Por fim e ainda dentro do

domínio da extroversão a faceta Emoções positivas, ($t(533) = 2,191, p=0,004$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos, com uma média igual a 20,67 e um desvio padrão de 5,43.

Dentro do domínio Abertura à experiência, os valores não são significativos, no entanto relativamente à faceta fantasia, ($t(533) = -2,344, p=0,019$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais altos com uma média igual a 16,74 e um desvio padrão igual a 4,53. Dentro do mesmo domínio e tendo em conta a faceta das acções, ($t(533) = 3,070, p=0,002$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos com uma média igual a 17,16 e um desvio padrão de 4,13. Quanto à faceta Ideias, ($t(533) = 2,478, p=0,014$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos com uma média igual a 18,5 e um desvio padrão de 4,69. A faceta valores, ($t(533) = 2,264, p=0,024$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos com uma média igual a 18,08 com um desvio padrão de 4,01.

O domínio da amabilidade, ($t(533) = 6,669, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos com uma média igual a 113,43 e um desvio padrão igual a 23,94. A faceta confiança, ($t(533) = 6,557, p=0,000$), demonstra que os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos apresentando uma média igual a 17,91 e um desvio padrão igual a 4,85. Para a faceta rectidão, ($t(533) = 6,669, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos com uma média igual a 18,38 e um desvio padrão igual a 4,38. Quanto à faceta altruísmo, ($t(533) = 5,451, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos com uma média igual a 21,3 e um desvio padrão igual a 5,33. Comparativamente a faceta complacência, ($t(533) = 6,367, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos com uma média igual a 18,14 com um desvio padrão igual a 4,62. A faceta modéstia, ($t(533) = 4,387, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos com uma média igual a 17,82 e um desvio

padrão igual a 4,34. Por fim e ainda dentro do domínio da amabilidade, a faceta *sensibilidade*, ($t(533) = 4,758, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos com uma média igual a 19,84 com um desvio padrão igual a 4,65.

Por fim o domínio da conscienciosidade, ($t(533) = 5,904, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos com uma média igual a 124,85 e um desvio padrão de 28,07. Quanto à faceta competência, ($t(533) = 5,248, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos (23,87 versus 21,26). Quanto à faceta ordem, ($t(533) = 5,419, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos (22,83 versus 20,11). Comparativamente, na faceta obediência ao dever, ($t(533) = 4,5944, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos (25,06 versus 22,53). Na faceta esforço de realização, ($t(533) = 5,018, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos (23,08 versus 20,61). Na faceta autodisciplina, ($t(533) = 5,427, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos (24,11 versus 21,18). Por fim e ainda no domínio da conscienciosidade, na faceta da deliberação, ($t(533) = 6,526, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos (22,37 versus 19,17).

Relativamente à desejabilidade social, encontraram-se diferenças na dimensão gestão da imagem, ($t(533) = 4,107, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais altos (11,5 versus 9,91). Quanto ao PDS total, ($t(533) = 3,409, p=0,001$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais altos (16,29 versus 14,03).

Com a finalidade de comparar as várias vertentes da agressividade pode verificar-se que na agressividade física, ($t(533) = -3,231, p=0,001$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos (17,83 versus 19,66). Na vertente da Agressividade verbal, ($t(533) = -2,487, p=0,013$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores

significativamente mais baixos (13,23 versus 13,89). Quanto à irritabilidade, ($t(533) = -4,731, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos (11,75 versus 13,84). Por fim na hostilidade, ($t(533) = -4,874, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos (15,64 versus 18,17). A agressividade total, ($t(533) = -4,791, p=0,000$), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos (58,45 versus 65,56).

A tabela 11 pretende fazer uma comparação dos valores médios e desvios padrão das dimensões da personalidade, agressividade e desejabilidade social com a classe hierárquica, relativamente às dimensões focadas, e verificou-se o seguinte:

Tabela 11 - Comparação dos valores médios e desvios padrão das dimensões da personalidade, agressividade e desejabilidade social em função da classe hierárquica

	Sargento		Praça		<i>t</i>	Sig.
	M	DP	M	DP		
Neuroticismo	64,3	23,475	69,69	22,52	-1,562	0,119
Ansiedade	13,47	3,69	14,00	3,95	-0,890	0,374
Hostilidade	9,15	4,69	10,55	4,67	-1,968	0,051
Depressão	9,17	5,11	10,15	4,93	-1,292	0,197
Autoconsciência	12,13	4,79	13,05	4,26	-1,402	0,161
Impulsividade	12,09	3,98	13,01	4,41	-1,382	0,168
Vulnerabilidade	8,30	4,52	8,93	4,54	-0,915	0,361
Extroversão	118,96	18,359	114,24	23,44	1,340	0,181
Acolhimento caloroso	22,77	4,52	21,68	5,06	1,418	0,157
Gregariedade	19,87	4,33	18,70	5,28	1,472	0,142
Assertividade	19,15	3,56	17,21	4,01	3,191	0,002 *
Actividade	17,53	3,21	16,94	3,95	0,990	0,323
Procura de excitação	18,32	3,67	18,71	4,70	-0,560	0,576
Emoções positivas	21,32	4,23	20,99	5,37	0,411	0,681
Abertura à experiência	107,66	13,551	106,87	20,57	0,259	0,796
Fantasia	16,26	3,98	16,52	4,69	-0,371	0,711
Estética	16,77	3,29	17,43	4,59	-0,965	0,335
Sentimentos	18,60	3,51	18,60	4,31	-0,007	0,994
Acções	18,53	3,79	17,34	4,19	1,870	0,062
Ideias	19,70	3,41	18,65	4,86	1,445	0,149
Valores	17,81	2,83	18,32	3,87	-0,887	0,375
Amabilidade	119,13	16,356	116,7	24,35	0,669	0,504
Confiança	20,17	4,13	18,47	5,17	2,189	0,029 *
Rectidão	18,98	4,19	18,92	4,34	0,096	0,923
Altruísmo	22,45	4,47	21,92	5,38	0,648	0,517
Complacência	19,68	3,17	18,72	4,78	1,352	0,177
Modéstia	17,60	4,04	18,31	4,27	-1,104	0,270
Sensibilidade	20,26	3,07	20,36	4,67	-0,151	0,880
Conscienciosidade	134,09	23,346	127,91	28,05	1,461	0,145
Competência	23,02	4,16	21,71	4,96	1,754	0,080
Ordem	21,74	3,69	20,61	5,05	1,497	0,135
Obediência ao dever	23,79	5,03	23,01	5,43	0,937	0,349
Esforço de realização	22,23	4,30	21,03	4,91	1,617	0,107
Autodisciplina	22,45	4,89	21,76	5,39	0,841	0,401
Deliberação	20,85	3,76	19,78	4,99	1,437	0,151
Auto-apresentação Favorável	4,15	4,038	4,3	3,89	-0,257	0,797
Gestão da Imagem	11,4	2,803	10,15	3,88	2,160	0,006 *
PDS total	15,55	5,897	14,45	6,52	1,113	0,266
Agressividade Física	18,6	5,038	19,33	5,55	-0,869	0,386
Agressividade Verbal	14,13	1,907	13,72	2,65	1,026	0,305
Irritabilidade	13,04	3,788	13,42	4,39	-0,572	0,567
Hostilidade	16,87	4,808	17,67	5,15	-1,025	0,306
Agressividade Total	62,64	12,562	64,14	14,82	-0,674	0,501

* $p \leq 0,05$

Tendo em conta os resultados apresentados na tabela 11 verificou-se que no domínio da personalidade extroversão, a faceta assertividade, ($t(528) = 2,191, p=0,002$), a classe de

sargentos obtêm valores significativamente mais elevados com uma média igual a 19,15 e um desvio padrão de 3,56 e a classe de praças atingiu valores inferiores com uma média igual a 17,21 com um desvio padrão de 4,01. Ainda nos domínios da personalidade, no domínio amabilidade quanto à faceta confiança, ($t(528) = 2,189, p=0,029$), os sargentos obtêm valores significativamente mais elevados nesta variável com uma média igual a 20,17 e um desvio padrão igual a 4,13 por outro lado a classe de praças apresenta uma média igual a 18,47 e um desvio padrão igual a 5,17.

Relativamente à gestão da imagem, ($t(528) = 2,160, p=0,006$), os sargentos obtêm valores significativamente mais elevados nesta variável apresentando uma média igual a 11,40 com um desvio padrão de 2,803 enquanto a classe de praças atinge valores mais baixos com uma média igual a 10,15 e um desvio padrão igual a 3,88.

Com a finalidade de comparar as várias dimensões em estudo em função do tipo de missão desempenhada, procedeu-se a uma análise de variância, cujos resultados são apresentados na tabela 12 para o desempenho em missões de paz, missões de guerra ou quem nunca esteve em missões internacionais.

Tabela 12 – Comparação das médias das dimensões da personalidade, agressividade e desejabilidade social em função do tipo de missão

	Missão Paz		Não		Teatro de guerra		F	Sig.
	M	DP	M	DP	M	DP		
Neuroticismo	116,52	21,64	114,4	22,22	116,52	26,9	4,849	0,008 *
Ansiedade	13,55	3,324	14,21	3,96	13,00	4,17	2,598	0,075
Hostilidade	9,63	4,807	10,81	4,53	8,83	5,04	5,227	0,006 *
Depressão	9,05	5,324	10,44	4,74	9,14	5,47	3,807	0,023 *
Autoconsciência	12,31	4,197	13,30	4,24	12,10	4,71	3,090	0,046 *
Impulsividade	12,60	4,482	13,22	4,24	11,31	5,03	4,039	0,018 *
Vulnerabilidade	8,19	4,700	9,15	4,38	7,90	5,11	2,803	0,062
Extroversão	108,04	18,56	106,88	19,4	107,79	22,07	0,441	0,643
Acolhimento caloroso	22,41	5,226	21,67	4,74	22,02	6,00	0,857	0,425
Gregariedade	18,74	4,816	18,83	5,14	19,31	5,82	0,194	0,824
Assertividade	18,11	3,834	17,19	3,88	18,14	4,40	2,789	0,062
Actividade	17,22	3,454	17,04	3,84	16,62	4,22	0,357	0,700
Procura de excitação	18,74	4,626	18,68	4,48	19,17	5,16	0,214	0,808
Emoções positivas	21,31	5,206	20,99	5,15	21,26	5,64	0,177	0,838
Abertura à experiência	118,91	22,71	116,33	22,56	121,12	28,56	0,156	0,856
Fantasia	16,22	4,685	16,61	4,52	16,29	4,87	0,325	0,722
Estética	17,52	4,562	17,34	4,35	17,79	4,86	0,232	0,793
Sentimentos	18,55	3,908	18,66	4,16	18,62	4,68	0,027	0,973
Ações	17,64	3,498	17,34	4,13	18,45	4,71	1,482	0,228
Ideias	19,30	4,658	18,64	4,69	19,31	4,78	1,004	0,367
Valores	18,82	3,708	18,30	3,64	17,33	4,19	2,353	0,096
Amabilidade	133,23	27,39	127,45	26,26	131,5	33,53	1,134	0,322
Confiança	19,19	4,924	18,44	4,93	19,98	5,98	2,318	0,100
Rectidão	19,32	4,394	18,85	4,12	19,26	4,99	0,572	0,565
Altruísmo	22,66	5,296	21,82	5,08	22,57	5,98	1,236	0,291
Complacência	18,76	4,627	18,69	4,49	20,36	5,20	2,539	0,080
Modéstia	18,45	3,775	18,24	4,21	18,26	4,71	0,095	0,909
Sensibilidade	20,54	4,246	20,30	4,36	20,69	5,66	0,224	0,799
Conscienciosidade	4,9	4,19	3,98	3,68	5,71	4,75	1,922	0,147
Competência	22,47	4,852	21,67	4,66	22,62	5,88	1,580	0,207
Ordem	21,65	4,863	20,51	4,80	21,14	5,60	2,174	0,115
Obediência ao dever	23,75	5,167	22,97	5,20	23,43	6,56	0,875	0,418
Esforço de realização	22,22	4,772	20,95	4,66	21,36	5,58	2,676	0,070
Autodisciplina	22,59	5,222	21,68	5,15	22,17	6,16	1,200	0,302
Deliberação	20,55	4,750	19,69	4,73	20,79	5,70	1,931	0,146
Auto-apresentação Favorável	9,99	4,43	10,26	3,62	10,79	4,01	5,321	0,005 *
Gestão da Imagem	14,89	7,09	14,23	6,12	16,5	7,72	0,633	0,532
PDS total	19,03	5,95	19,28	5,39	19,05	4,82	2,536	0,08
Agressividade Física	13,51	2,86	13,82	2,55	13,52	2,46	0,098	0,906
Agressividade Verbal	13,09	4,39	13,56	4,38	12,12	3,68	0,720	0,487
Irritabilidade	16,97	4,99	17,93	5,03	16	5,76	2,349	0,096
Hostilidade	62,59	15,01	64,59	14,52	60,69	13,77	3,613	0,028 *
Agressividade Total	24,78	5,83	24,94	5,08	25,03	5,74	1,841	0,160

* $p \leq 0,05$

Na tabela 12 verificam-se diferenças significativas ao nível da do domínio da personalidade neuroticismo quem fez missões internacionais apresenta valores mais elevados de que quem nunca fez missões internacionais. Missões de Paz ($M = 116,52$; $DP = 21,64$), missões que guerra ($M = 116,52$; $DP = 26,9$) e por fim com valores mais baixos quem nunca fez missões internacionais ($M = 114,4$; $DP = 22,2$).

Ao nível do auto apresentação favorável verificam-se diferenças significativas, quem fez missões internacionais de paz apresenta valores mais baixos ($M = 9,9$; $DP = 4,43$) de que quem nunca fez missões internacionais ($M = 10,26$; $DP = 3,62$). Apresenta valores mais altos quem fez missões de guerra ($M = 10,79$; $DP = 4,01$).

Relativamente à agressividade verificam-se diferenças significativas aos nível da hostilidade em que manifesta valores mais baixos de hostilidade os militares que participaram em missões de guerra ($M = 60,69$; $DP = 13,77$), seguidos os militares que estiveram em missões de paz ($M = 62,59$; $DP = 15,01$) e por fim manifestam valores mais elevados os militares que nunca estiveram em missões internacionais ($M = 64,59$; $DP = 14,52$).

Relativamente aos domínios da personalidade, o neuroticismo, ($F(2, 531) = 4,849$, $p=0,008$), na tabela 13, os testes de comparação múltipla a posteriori indicam que as diferenças significativas se encontram entre os militares que já desempenharam internacionais em teatro de guerra e os que nunca desempenharam estas missões, sendo que os primeiros apresentam valores mais baixos nesta variável (62,29 vs. 71,12).

Tabela 13 – Teste de Tukey - Neuroticismo

Missões	Subset for alpha = 0.05		
	N	1	2
Teatro Guerra	42	62,29	
Missão de paz	91	65,33	65,33
Não	401		71,12
Sig.		0,688	0,258

Dentro do domínio neuroticismo, a faceta Depressão, ($F(2, 531) = 3,827$, $p=0,023$), as diferenças significativas, segundo a tabela 14 encontram-se entre os militares que já desempenharam internacionais em teatro de paz e os que nunca desempenharam estas missões, sendo que os primeiros apresentam valores mais baixos nesta variável (9,05 vs. 10,44).

Tabela 14 – Teste de Tukey - Depressão

Missões	Subset for alpha = 0.05		
	N	1	2
Missão de paz	91	9,05	
Teatro Guerra	42	9,14	9,14
Não	401		10,44
Sig.		0,204	0,234

Relativamente à faceta autoconsciência do domínio da personalidade, ($F(2, 531) = 3,090$, $p=0,046$), as diferenças significativas encontram-se entre os militares que já desempenharam internacionais em teatro de guerra e os que nunca desempenharam estas missões, sendo que os primeiros, segundo a tabela 15, apresentam valores mais baixos nesta variável (12,10 vs. 13,30).

Tabela 15 – Teste de Tukey - Autoconsciência

Missões	Subset for alpha = 0.05		
	N	1	2
Teatro Guerra	42	12,10	
Missões de paz	91	12,31	12,31
Não	401		13,30
Sig.		0,204	

Relativamente à faceta Impulsividade, do domínio da personalidade neuroticismo, ($F(2, 531) = 4,039$, $p=0,018$), as diferenças significativas encontram-se entre os militares que já desempenharam internacionais em teatro de guerra e os que nunca desempenharam estas missões, sendo que, segundo a tabela 16, os primeiros apresentam valores mais baixos nesta variável (11,31 vs. 13,22).

Tabela 16 – Teste de Tukey – Impulsividade

Missões	Subset for alpha = 0.05		
	N	1	2
Teatro Guerra	42	11,31	
Missão de paz	91	12,60	12,60
Não	401		13,22
Sig.		0,169	0,669

Relativamente à Auto-apresentação favorável, ($F(2, 531) = 5,321$, $p=0,005$), as diferenças significativas encontram-se entre os militares que já desempenharam internacionais

em teatro de guerra e os que nunca desempenharam estas missões, sendo que, tendo em conta a tabela 17, os primeiros apresentam valores mais baixos nesta variável (3,98 vs. 5,71).

Tabela 17 – Teste de Tukey - Auto-apresentação favorável

Missões	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Não	401	3,98	
Missão de paz	91	4,90	4,90
Teatro guerra	42		5,71
Sig.		0,315	0,411

Tendo em conta o factor de agressividade que demonstrou significância, a hostilidade, ($F(2, 531) = 5,227, p=0,005$), as diferenças significativas encontram-se entre os militares que já desempenharam internacionais em teatro de guerra e os que nunca desempenharam estas missões, segundo a tabela 13, sendo que os primeiros apresentam valores mais baixos nesta variável (8,83 vs. 10,81).

Tabela 18 – Teste de Tukey - Hostilidade

Missões	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
Teatro Guerra	42	8,83	
Missão de paz	91	9,63	9,63
Não	401		10,81
Sig.		0,553	0,269

Com a finalidade de comparar as várias dimensões em estudo em função do desempenho operacional, procedeu-se a uma análise de variância, cujos resultados são apresentados na tabela 19, para as várias funções, Comandante de Secção Operacional (CSO), Chefe de Equipa Operacional (CEO); Operacional (OP), Administrativo – Logístico – Transmissões – Apoio (ADM) e por fim Comando Operacional (CO).

Tabela 19 – Comparação das médias das dimensões da personalidade, agressividade e desejabilidade social em função do desempenho

	CSO		CEO		OP		ADM		CO			
	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	F	Sig.
Neuroticismo	67,8	22,1	60,2	21,9	72,6	20,9	69,0	23,3	74,5	17,8	2,026	0,089
Ansiedade	14,6	3,5	12,9	3,3	14,3	3,2	13,9	4,1	14,5	3,6	0,859	0,489
Hostilidade	9,6	4,2	8,5	4,7	11,6	4,8	10,3	4,6	12,0	4,6	3,523	0,008
Depressão	9,6	4,2	7,9	4,6	10,7	5,6	10,1	4,9	10,8	4,5	1,928	0,104
Autoconsciência	13,7	4,6	11,5	4,5	13,4	3,3	13,0	4,5	13,5	3,8	1,216	0,303
Impulsividade	12,5	5,1	11,8	4,2	13,5	3,8	12,9	4,5	14,0	3,7	1,227	0,298
Vulnerabilidade	7,7	4,0	7,6	4,4	9,3	4,7	8,9	4,6	9,7	3,7	1,334	0,256
Extroversão	117,2	22,7	121,3	18,6	118,7	16,4	113,7	24,5	111,9	17,3	1,469	0,210
Acolhimento caloroso	22,2	5,6	23,4	4,4	21,9	3,8	21,7	5,3	21,4	4,0	0,907	0,460
Gregariedade	19,1	5,5	20,6	4,7	19,5	4,2	18,7	5,4	16,8	4,6	2,479	0,053
Assertividade	19,8	3,7	18,6	3,8	18,6	2,9	16,9	4,1	17,6	3,7	5,803	0,000*
Actividade	17,3	4,0	17,9	2,9	17,5	3,3	16,8	4,0	17,5	4,2	1,078	0,367
Procura de excitação	18,6	4,2	18,3	4,0	19,7	3,8	18,6	4,8	18,6	4,5	0,823	0,511
Emoções positivas	21,4	5,6	21,4	4,2	21,6	4,4	21,0	5,5	20,1	4,7	0,524	0,718
Abertura à experiência	109,5	15,4	107,8	13,3	109,3	12,3	106,3	21,9	107,8	16,0	0,434	0,784
Fantasia	17,0	5,1	16,3	4,0	17,3	4,0	16,4	4,8	16,4	4,3	0,610	0,655
Estética	17,8	2,7	16,2	3,7	17,3	3,4	17,4	4,8	18,4	4,0	0,982	0,417
Sentimentos	18,9	3,1	18,6	3,4	18,8	3,1	18,6	4,5	18,5	4,1	0,063	0,993
Acções	17,8	2,7	18,8	4,3	18,3	3,1	17,3	4,4	16,8	3,6	1,860	0,116
Ideias	20,0	4,1	19,7	3,2	19,2	3,7	18,5	5,1	19,2	3,5	1,076	0,367
Valores	18,0	4,0	18,1	2,4	18,5	2,7	18,3	4,0	18,5	3,9	0,107	0,980
Amabilidade	115,8	17,3	123,0	17,6	117,2	16,0	116,9	25,5	112,0	21,5	0,865	0,485
Confiança	19,8	3,9	20,7	4,2	18,5	3,4	18,6	5,4	17,5	4,8	1,971	0,098
Rectidão	18,4	4,1	20,1	4,5	18,7	3,5	19,0	4,5	18,1	3,7	0,980	0,418
Altruísmo	21,5	5,7	23,5	4,3	22,2	4,3	21,9	5,5	21,3	4,6	0,813	0,517
Complacência	19,0	3,4	20,1	3,3	18,7	3,2	18,8	5,0	18,0	4,6	0,860	0,488
Modéstia	17,3	3,4	17,3	4,6	18,4	3,4	18,4	4,4	17,8	4,2	0,784	0,536
Sensibilidade	19,9	3,6	21,3	2,8	20,7	3,5	20,3	4,9	19,4	3,8	0,811	0,519
Conscienciosidade	134,6	25,3	138,1	21,7	129,0	21,7	127,7	29,4	125,6	21,1	1,300	0,269
Competência	22,7	4,8	23,6	3,9	22,0	3,9	21,7	5,2	21,6	3,7	1,290	0,273
Ordem	22,0	4,9	22,3	3,8	20,5	4,3	20,6	5,2	20,3	3,7	1,252	0,288
Obediência ao dever	24,7	4,4	24,6	4,4	23,2	4,3	22,9	5,7	22,8	4,8	1,177	0,320
Esforço de realização	22,0	4,5	23,0	3,9	21,5	3,9	21,0	5,1	20,8	4,5	1,437	0,220
Autodisciplina	23,0	4,5	23,3	4,6	22,0	4,4	21,7	5,6	21,1	5,0	1,028	0,392
Deliberação	20,3	5,0	21,2	3,8	19,8	4,0	19,9	5,1	19,0	5,3	0,859	0,488
Auto-Apres. Favorável	4,4	4,0	4,7	3,6	4,3	4,3	4,3	3,9	3,8	3,0	0,191	0,943
Gestão da Imagem	11,2	2,2	11,6	3,1	9,5	3,5	10,3	3,9	10,1	3,5	1,849	0,118
PDS total	15,6	5,3	16,2	5,6	13,8	6,5	14,5	6,7	13,9	5,0	0,928	0,447
Agressividade Física	19,6	6,1	18,0	5,2	19,2	5,3	19,3	5,4	19,5	6,6	0,421	0,793
Agressividade Verbal	13,7	2,4	14,5	2,1	13,7	3,0	13,6	2,5	14,4	3,1	1,265	0,283
Irritabilidade	12,5	3,4	13,1	4,1	13,4	4,2	13,3	4,4	15,2	4,5	1,895	0,110
Hostilidade	18,4	4,0	16,1	4,6	17,3	5,4	17,5	5,1	19,7	5,0	2,288	0,059
Agressividade Total	64,3	13,4	61,7	13,2	63,7	14,4	63,8	14,6	68,8	16,3	1,156	0,329

* $p \leq 0,05$

Tendo em conta a tabela 19, verificou-se significância apenas ao nível dos domínios da personalidade extroversão, faceta Assertividade, ($F(2, 530) = 5,803, p=0,000$), as diferenças significativas encontram-se entre os militares operacionais e comandantes de secção operacional, sendo que, segundo a tabela 20, os primeiros apresentam valores mais baixos nesta variável (16,94 vs. 19,76).

Tabela 20 – Teste de Tukey - Assertividade

Função	Subset for alpha = 0.05		
	N	1	2
Operacional	387	16,94	
Administrativo/Logístico/Secretaria	35	17,57	17,57
Chefe de Equipa Operacional	65	18,57	18,57
Comando Operacional	19	18,58	18,58
Comandante de Secção Operacional	29		19,76
Sig.		0,519	0,217

Calculou-se, na tabela 21, as correlações entre as cinco dimensões da personalidade e a auto-apresentação favorável e a gestão de imagem, bem como a correlação entre os factores referidos e a desejabilidade social através do coeficiente de Pearson.

Tabela 21 – Correlação entre dimensões e facetas do Neo-PI-R e factores da PDS

	Auto-apresentação Favorável	Gestão da Imagem	PDS total
Neuroticismo	-0,469**	-0,506**	-0,581**
Ansiedade	-0,321**	-0,303**	-0,372**
Hostilidade	-0,384**	-0,479**	-0,514**
Depressão	-0,460**	-0,470**	-0,554**
Autoconsciência	-0,363**	-0,361**	-0,432**
Impulsividade	-0,364**	-0,439**	-0,478**
Vulnerabilidade	-0,465**	-0,489**	-0,568**
Extroversão	0,201**	0,172	0,222**
Acolhimento caloroso	0,280**	0,307**	0,350**
Gregariedade	0,123**	0,142**	0,158**
Assertividade	0,231**	0,168**	0,239**
Actividade	0,104*	0,056	0,095*
Procura de excitação	0,032	-0,052	-0,011
Emoções positivas	0,208**	0,194**	0,240**
Abertura à experiência	0,151**	0,086	0,142**
Fantasia	-0,026	-0,126**	-0,090*
Estética	0,086*	0,092*	0,106*
Sentimentos	0,092*	0,086*	0,106*
Ações	0,179**	0,048	0,136**
Ideias	0,230**	0,193**	0,252**
Valores	0,137**	0,108*	0,147**
Amabilidade	0,239**	0,357**	0,354**
Confiança	0,202**	0,316**	0,308**
Rectidão	0,218**	0,359**	0,343**
Altruísmo	0,280**	0,351**	0,376**
Complacência	0,189**	0,342**	0,315**
Modéstia	0,096*	0,166**	0,156**
Sensibilidade	0,201**	0,249**	0,268**
Conscienciosidade	0,332**	0,372**	0,419**
Competência	0,320**	0,325**	0,384**
Ordem	0,234**	0,285**	0,309**
Obediência ao dever	0,342**	0,400**	0,442**
Esforço de realização	0,282**	0,293**	0,342**
Autodisciplina	0,369**	0,359**	0,434**
Deliberação	0,260**	0,365**	0,372**

* $p \leq 0,05$ ** $p \leq 0,01$

Inicialmente ao analisar-se as correlações entre os factores de personalidade e a gestão de imagem, segundo a tabela 21, encontram-se correlações significativas. Relativamente ao domínio da personalidade neuroticismo, verificaram-se correlações

negativas, moderadas e significativas com Auto-apresentação Favorável ($r = -0,469, p \leq 0,01$), gestão da imagem ($r = -0,506, p \leq 0,01$) e PDS total ($r = -0,469, p \leq 0,01$).

Ao nível do domínio Extroversão, verificaram-se correlações positivas e fracas com Auto apresentação Favorável ($r = 0,201, p \leq 0,01$) e PDS total ($r = 0,222, p \leq 0,01$). Relativamente ao domínio abertura à experiência, verificaram-se correlações positivas e muito fracas com Auto apresentação Favorável ($r = 0,151, p \leq 0,01$) e PDS total ($r = 0,142, p \leq 0,01$).

Ainda relativamente à personalidade, no domínio amabilidade, demonstrou-se existir correlações positivas e fracas com Auto apresentação Favorável ($r = 0,239, p \leq 0,01$), gestão da imagem ($r = 0,357, p \leq 0,01$) e PDS total ($r = 0,354, p \leq 0,01$).

Por fim no domínio conscienciosidade, verificam-se correlações positivas e fracas com Auto apresentação Favorável ($r = 0,332, p \leq 0,01$) e gestão da imagem ($r = 0,372, p \leq 0,01$) e moderada com PDS total ($r = 0,419, p \leq 0,01$).

Calculou-se, na tabela 22, as correlações entre as cinco dimensões da personalidade e os factores da agressividade através do coeficiente de Pearson:

Tabela 22 – Correlação entre dimensões e facetas do Neo-PI-R e factores do AQ

	Agressividade Física	Agressividade Verbal	Irritabilidade	Hostilidade	Agressividade Total
Neuroticismo	0,382**	0,144**	0,526**	0,521**	0,508**
Ansiedade	0,170**	0,061	0,314**	0,358**	0,294**
Hostilidade	0,451**	0,204**	0,558**	0,502**	0,547**
Depressão	0,344**	0,100*	0,481**	0,513**	0,470**
Autoconsciência	0,213**	0,072	0,347**	0,388**	0,332**
Impulsividade	0,353**	0,174**	0,452**	0,396**	0,437**
Vulnerabilidade	0,375**	0,111*	0,484**	0,462**	0,466**
Extroversão	-0,181**	0,079	-0,224**	-0,239**	-0,204**
Acolhimento caloroso	-0,325**	-0,035	-0,362**	-0,321**	-0,348**
Gregariedade	-0,199**	0,043	-0,219**	-0,274**	-0,228**
Assertividade	-0,096*	0,082	-0,183**	-0,220**	-0,153**
Actividade	-0,036	0,104*	-0,043	-0,037	-0,021
Procura de excitação	0,046	0,189**	0,002	-0,041	0,037
Emoções positivas	-0,227**	0,033	-0,249**	-0,236**	-0,236**
Abertura a experiência	-0,155**	0,031	-0,145**	-0,123**	-0,139**
Fantasia	0,041	0,034	0,020	0,048	0,044
Estética	-0,135**	-0,019	-0,089*	-0,054	-0,100*
Sentimentos	-0,047	0,127**	-0,052	-0,062	-0,032
Acções	-0,125**	-0,019	-0,158**	-0,173**	-0,158**
Ideias	-0,251**	0,038	-0,197**	-0,181**	-0,210**
Valores	-0,201**	-0,023	-0,204**	-0,160**	-0,196**
Amabilidade	-0,452**	-0,153**	-0,438**	-0,355**	-0,452**
Confiança	-0,389**	-0,126**	-0,402**	-0,423**	-0,437**
Rectidão	-0,400**	-0,162**	-0,376**	-0,303**	-0,397**
Altruísmo	-0,401**	-0,087*	-0,410**	-0,338**	-0,407**
Complacência	-0,463**	-0,245**	-0,420**	-0,307**	-0,450**
Modéstia	-0,308**	-0,098*	-0,297**	-0,169**	-0,281**
Sensibilidade	-0,307**	-0,059	-0,289**	-0,222**	-0,290**
Conscienciosidade	-0,362**	-0,047	-0,384**	-0,325**	-0,372**
Competência	-0,292**	-0,031	-0,328**	-0,287**	-0,313**
Ordem	-0,316**	-0,051	-0,286**	-0,216**	-0,289**
Obediência ao dever	-0,336**	-0,031	-0,371**	-0,312**	-0,351**
Esforço de realização	-0,279**	0,018	-0,306**	-0,275**	-0,289**
Autodisciplina	-0,349**	-0,040	-0,382**	-0,353**	-0,376**
Deliberação	-0,407**	-0,126**	-0,422**	-0,332**	-0,417**

* correlações significativas para $p \leq 0,05$

** correlações significativas para $p \leq 0,01$

Ao serem analisadas as correlações entre os factores de personalidade e a agressividade encontram-se as seguintes correlações significativas: no domínio neuroticismo, verificaram-se correlações positivas e moderadas com agressividade física ($r = 0,382$,

$p \leq 0,01$), irritabilidade ($r = 0,526$, $p \leq 0,01$), hostilidade ($r = 0,521$, $p \leq 0,01$), agressividade total ($r = 0,508$, $p \leq 0,01$) e muito fraca com agressividade verbal ($r = 0,144$, $p \leq 0,01$).

Ao nível do domínio extroversão, verificaram-se correlações negativas e fracas com agressividade física ($r = -0,181$, $p \leq 0,01$), irritabilidade ($r = -0,224$, $p \leq 0,01$), hostilidade ($r = -0,239$, $p \leq 0,01$) e agressividade total ($r = -0,204$, $p \leq 0,01$).

Relativamente à Abertura à experiência, verificaram-se correlações negativas e fracas com agressividade física ($r = -0,155$, $p \leq 0,01$), irritabilidade ($r = -0,145$, $p \leq 0,01$), hostilidade ($r = -0,123$, $p \leq 0,01$) e agressividade total ($r = -0,139$, $p \leq 0,01$).

Quanto ao domínio da personalidade amabilidade, apuraram-se correlações negativas e moderadas com agressividade física ($r = -0,452$, $p \leq 0,01$), irritabilidade ($r = -0,438$, $p \leq 0,01$), hostilidade ($r = -0,355$, $p \leq 0,01$) e agressividade total ($r = -0,452$, $p \leq 0,01$) e fraca com agressividade verbal ($r = -0,153$, $p \leq 0,01$).

Ao nível do domínio conscienciosidade, apuraram-se correlações negativas e moderadas com agressividade física ($r = -0,362$, $p \leq 0,01$), irritabilidade ($r = -0,384$, $p \leq 0,01$), hostilidade ($r = -0,325$, $p \leq 0,01$) e agressividade total ($r = -0,372$, $p \leq 0,01$).

3.6 – Discussão dos Resultados

A interpretação dos resultados da investigação efectuada permite a elaboração de algumas considerações, uma vez que o objectivo inicial deste trabalho foi cumprido, não existindo meio de comparação que possa evidenciar uma possível verificação de resultados.

No que diz respeito à estatística em geral, podemos constatar que os militares de protecção e socorro demonstram valores elevados nos domínios da personalidade. Os valores mais altos foram atingidos no domínio da conscienciosidade e os valores mais baixos ao nível do domínio do neuroticismo. Por outro lado, ao nível da desejabilidade social os militares participantes obtiveram resultados mais elevados na dimensão Gestão da imagem e mais baixos na dimensão de Auto apresentação favorável. Por fim, relativamente à agressividade constatou-se que os militares de protecção e socorro apresentam níveis de agressividade física bastante elevados e níveis de irritabilidade mais baixos.

Relativamente à primeira questão de investigação, pretendeu-se verificar se os militares que desempenham missões de risco de protecção e socorro apresentam valores diferentes nos traços de personalidade e nos comportamentos agressivos relativamente aos militares que nunca desempenharam essas missões.

Sendo a missão de protecção e socorro considerada de risco, exige rigor e elevado profissionalismo. Relativamente aos militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro ao nível da personalidade no domínio Neuroticismo e facetas (ansiedade, hostilidade, depressão, impulsividade e vulnerabilidade), apresentam valores significativamente mais elevados que aos militares que nunca desempenharam missões deste género.

Desta forma e tendo em conta o estudo de Russel (1997), consideramos que no meio militar predominam dois tipos de personalidade: tipo B (ligeiramente anti-sociais ou narcisistas) e tipo C (sobretudo variantes dos estilos obsessivo-compulsivos ou personalidade dependente). De acordo com as suas características, os indivíduos tendem a preferir missões de paz (tipo C) ou cenários de guerra (tipo B). Segundo Costa & McCrae (1992), o neuroticismo dentro de outras características é consequência da preocupação e insegurança emocional. Os militares de protecção e socorro vivem em constante interacção com o factor surpresa nas suas missões de risco elevado. Segundo McCrae e Costa (1996) as adaptações das características da personalidade apresentam um grau de maleabilidade, podendo modificar-se em resposta às modificações do meio ambiente. Essa constante interacção pode

causar algum desconforto. O militar quando inicia o seu período de serviço nunca sabe qual vai ser a missão, nem quando vai para missão (Não sabe quem, nem onde, nem quando, nem como, nem porquê), o seu dia é uma incógnita de extremos. Podemos concluir desta forma que o meio ambiente pode influenciar as características de personalidade uma vez que estes militares vivem num ambiente que proporciona a constante insegurança, preocupação com o que irá acontecer a seguir. Além disso, pelas características do serviço, estes militares têm tendência clara a experienciar afectos negativos, nomeadamente a tristeza (por viverem longos períodos de afastamento do suporte social) e o medo (medo do helicóptero cair durante uma missão), segundo McCrae & Costa (1992) esta é uma característica deste domínio.

Relativamente ao domínio Extroversão e suas facetas (acolhimento caloroso, gregariedade, assertividade, emoções positivas), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos. Segundo Langelaan (2006) a Extroversão é impulsionadora de bem-estar, e inversamente proporcional ao neuroticismo, à medida que os valores do neuroticismo aumentam, os valores da extroversão tendem a diminuir. O militar experimenta conforto ou desconforto consoante a situação que está a viver (Watson, 2000). No nosso estudo os militares de protecção e socorro foram avaliados no momento em que já teriam experienciado inúmeras situações traumáticas daí os presentes resultados, uma vez que os por outro lado os militares que nunca executaram missões de protecção e socorro demonstram valores contrários.

Comparativamente ao domínio Abertura à experiência e facetas (acções, ideias e valores), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos, em relação aos militares que nunca experienciaram missões de protecção e socorro. Podendo assim verificar-se que são indivíduos mais conservadores e convencionais, preferindo ficar pelo que já conhecem, sem muito interesse em explorar o desconhecido (McCrae, 1993). O domínio abertura à experiência, segundo Costa & McCrae (1992) é o mais importante para o estudo da cognição, emerge como um factor que se correlaciona com a dimensão procura de experiências (Zuckerman, 2003). Ainda dentro do domínio abertura à experiência, a faceta fantasia é excepção uma vez que os resultados apresentando pelos militares com experiência em missões de protecção e socorro são mais elevados, podemos concluir que têm uma imaginação activa criando assim um mundo mais rico e criativo (Costa & McCrae, 1992).

Quanto ao domínio Amabilidade e facetas (confiança, rectidão, altruísmo, complacência modéstia e sensibilidade), os militares que já desempenharam missões de risco

em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos, que estão associados a distúrbios anti-sociais, narcísicos e paranóides da personalidade (Costa & McCrae, 1990). Estes valores confirmam um estudo de Russel (2000), que considera o meio militar característico à predominância de dois tipos de personalidade: tipo B (ligeiramente anti-sociais ou narcisistas) e tipo C (sobretudo variantes dos estilos obsessivo-compulsivos ou personalidade dependente).

Por fim, no domínio conscienciosidade e facetas (competência, ordem, obediência ao dever, esforço de realização, autodisciplina e deliberação), militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos, revelando baixo nível de ambição, pouca força de vontade, despreocupação, negligência, não sendo vinculativo a falta de princípios (Costa & McCrae, 1992).

Tendo em conta as vertentes relativas à desejabilidade social, podemos constatar que se encontraram diferenças na dimensão gestão da imagem, onde os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais altos. Quanto ao PDS total, os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais altos. Segundo estes resultados altos podemos concluir que existe uma tendência de favorabilidade inconsciente, intimamente relacionada com o narcisismo (Paulhus & John, 1998).

Quanto aos resultados sobre os factores da agressividade (agressividade física, agressividade verbal, irritabilidade, hostilidade), podemos verificar que das várias vertentes da agressividade os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos comparativamente aos militares que nunca desempenharam este tipo de missões. Por fim, os resultados da agressividade total, para os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro, os valores apresentados são significativamente mais baixos relativamente aos militares que nunca desempenharam missões de risco em protecção e socorro.

Alguns estudos em militares relacionados com a agressividade demonstraram que foram definidos perfis relacionados com narcisismo, perturbação narcísica da personalidade, psicopatologia geral e dependência de substâncias, foram descritas e explicadas no contexto da violência doméstica, contribuindo para esclarecer aspectos importantes no diagnóstico, tratamento e prevenção da violência doméstica por militares (Rothschild, 1997). Outro estudo por outro lado evidencia a irritabilidade como uma manifestação de psicopatologia não específica (ansiedade, humor depressivo, sintomas de stress pós-traumático) e que a eventual

relação entre irritabilidade e função cognitiva é provavelmente mediada pela depressão. (Hull, Farrin, Unwin, Everitt, David, 2001)

Mais recentemente, no ano de 2007, Sisto e os seus colaboradores, num estudo de agressividade em jovens, evidenciam uma relação estreita com os traços de personalidade, sendo a Escala de Agressividade um instrumento aparentemente confiável para esta avaliação (Sisto & Oliveira; 2007). Apesar do estudo de Sisto e os seus colaboradores não ter como amostra militares de protecção e socorro merece a nossa atenção por se tratar de instrumentos que avaliam a agressividade.

Seguidamente a segunda questão de investigação pretende verificar se os militares que desempenham missões internacionais em teatro de guerra apresentam valores diferenciados nos traços de personalidade e nos comportamentos agressivos, relativamente aos militares que desempenham missões em teatro de paz, comparando ainda os militares que nunca estiveram em missões internacionais missões.

As diferenças significativas constatarem-se ao nível do domínio da personalidade neuroticismo, sendo que quem fez missões internacionais (teatro de guerra e paz) apresenta valores mais elevados de que os militares que nunca fizeram missões internacionais. Segundo McCrae & Costa (1992), estes valores revelam maior dificuldade em controlar os impulsos, bem como lidar com o stress. Ainda dentro do domínio neuroticismo (as facetas ansiedade, hostilidade, autoconsciência e impulsividade) as diferenças significativas encontram-se entre os militares que já desempenharam internacionais em teatro de guerra, que apresentam valores mais baixos em relação aos que nunca desempenharam estas missões (paz e os que nunca realizaram missões internacionais), ou seja os militares que já estiveram em teatro de guerra, segundo McCrae & Costa (1992), revelam ser mais calmos com temperamento moderado, estáveis, maior capacidade para controlar e resistir as tentações, mais seguros de si e socialmente mais adequados.

Ao nível da auto-apresentação favorável, verificaram-se diferenças significativas, os militares que estiveram presentes em missões de guerra apresentam os valores mais altos relativamente a militares que estiveram em missões de paz ou que nunca participaram em missões internacionais. Os militares que fizeram missões de paz apresentam os valores mais baixos. Desta forma os militares que estiveram em teatro de guerra tem maior propensão para a favorabilidade inconsciente que está intimamente relacionada com o narcisismo (Paulhus & John, 1998).

Ao nível da agressividade verificam-se diferenças significativas. O factor hostilidade manifesta valores mais baixos para os militares que participaram em missões de guerra, seguidos dos militares que estiveram em missões de paz e por fim manifestam valores mais elevados os militares que nunca estiveram em missões internacionais. Um estudo elaborado por Hull e os seus colaboradores (2001), concluíram que um outro factor da agressividade, a irritabilidade, parece ser uma manifestação de psicopatologia não específica (ansiedade, humor depressivo, sintomas de stress pós-traumático) e que a eventual relação entre irritabilidade e função cognitiva é provavelmente mediada pela depressão.

Por outro lado Russell e seus colaboradores, deram conta de que se considera que no meio militar predominam dois tipos de personalidade: tipo B (ligeiramente anti-sociais ou narcisistas) e tipo C (sobretudo variantes dos estilos obsessivo-compulsivos ou personalidade dependente). De acordo com as suas características, os indivíduos tendem a preferir missões de paz (tipo C) ou cenários de guerra (tipo B). Russel defende que os dois tipos de personalidade devem coexistir em ambas as forças e que não deve ser favorecida a sua dissociação ou separação. Ressalva ainda que a exigência da vida militar e a flexibilidade que implica, faz com que indivíduos com perturbações da personalidade não consigam prosperar neste meio. Em geral, as forças militares são compostas por indivíduos saudáveis e eficientes (Russel, 2000).

No que concerne à terceira questão pretendeu-se verificar se a classe hierárquica de Sargentos apresenta valores diferentes nos traços de personalidade e nos comportamentos agressivos, relativamente à classe hierárquica de Praças.

Os resultados das dimensões da personalidade, agressividade e desejabilidade social, constatarem que a classe de sargentos, relativamente à classe de praças, obtém valores significativamente mais elevados no domínio de extroversão e em especial na faceta assertividade. Desta forma a classe de sargentos apresenta valores altos ao de extroversão, que reflecte a intensidade e a qualidade das interacções interpessoais, do nível de actividade, da capacidade para exprimir alegria e da necessidade de estimulação (Costa & McCrae; 1992). Podemos ainda referir que a assertividade é evidenciada em indivíduos dominantes, com força de vontade, decididos e confiantes, que não hesitam e que tomam frequentemente o papel de líder Costa & McCrae (1992). No caso da classe de sargentos essa evidência foi clara, além dos valores estatísticos, a orgânica e o estatuto da instituição militar confere essa liderança obrigando a que quem ocupe aquela classe tenha as características que verificámos. Podemos ainda retirar um paralelismo e afirmar que se a liderança for uma premissa para a classe de

sargentos, a selecção nesta instituição militar está a ser bem executada, uma vez que a amostra da classe de sargentos evidenciou indícios dessa mesma característica através dos valores do domínio da extroversão (faceta assertividade).

Ainda relativamente à personalidade e no domínio amabilidade, faceta confiança, a classe de sargentos obtêm valores significativamente mais elevados relativamente à classe de guardas. Estes resultados revelam ascendência na produção de imagem, bem como da constituição das atitudes sociais e da filosofia de vida (Costa & McCrae, 1990).

Relativamente à gestão da imagem, a classe de sargentos obtêm valores significativamente mais elevados que a classe de praças, revelando maior propensão para uma tendência de favorabilidade inconsciente, intimamente relacionada com o narcisismo (Paulhus & John, 1998).

Relativamente à última questão de investigação, pretendeu-se verificar a influência da função desempenhada relativamente aos traços de personalidade e comportamentos agressivos. Os resultados significativos resumem-se aos militares que desempenham a função de comandantes de secção operacional, que apresentam valores mais elevados ao nível da personalidade, no domínio da extroversão (faceta assertividade), relativamente aos operacionais de outras funções. Os comandantes de secção operacional, ao possuírem esses valores mais elevados, reflectem positivamente a intensidade, a qualidade das interacções interpessoais, o nível de actividade, a capacidade para expressão de alegria e a necessidade de estimulação (Costa & McCrae; 1992). Podemos ainda constatar, que valores altos de assertividade, são característicos de indivíduos dominantes, com força de vontade, decididos e confiantes, que não hesitam e que assumem frequentemente o papel de líder (Costa & McCrae, 1992). No caso dos comandantes de secção operacional, a própria função, favorece a experiência de liderança. Segundo Langelaan (2006) a extroversão é um factor impulsionador do bem-estar, e um estado óptimo aumenta com o aumento da extroversão.

Conclusão

A elaboração desta investigação permitiu chegar a um conjunto de novas constatações relacionadas com este novo conceito de ter militares a desempenhar funções policiais de protecção e socorro.

Relativamente à realização de missões de protecção e socorro e ao nível da personalidade, no domínio neuroticismo e facetas (ansiedade, hostilidade, depressão, impulsividade e vulnerabilidade), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais elevados do que os militares que nunca desempenharam missões deste género. Relativamente ao domínio Extroversão e suas facetas (acolhimento caloroso, gregariedade, assertividade, emoções positivas), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos. Comparativamente no domínio Abertura à experiência e facetas (acções, ideias e valores), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos, em relação aos militares que nunca experienciaram missões de protecção e socorro. Quanto ao domínio Amabilidade e facetas (confiança, rectidão, altruísmo, complacência modéstia e sensibilidade), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos. Por fim, quanto ao domínio conscienciosidade e facetas (competência, ordem, obediência ao dever, esforço de realização, autodisciplina e deliberação), os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos.

Quanto aos resultados relativos aos factores da agressividade (agressividade física, agressividade verbal, irritabilidade, hostilidade), podemos verificar que nas várias vertentes da agressividade os militares que já desempenharam missões de risco em protecção e socorro apresentam valores significativamente mais baixos comparativamente aos militares que nunca desempenharam este tipo de missões.

Tendo em conta quem cumpriu missões em teatro de paz (Bósnia, Kosovo, Timor, missões em teatro de guerra (Afeganistão e Iraque) ou simplesmente quem nunca esteve em missões internacionais, ao nível da personalidade, dentro do domínio neuroticismo, militares que fizeram missões internacionais (teatro de guerra e paz) apresenta valores mais elevados de que os militares que nunca fizeram missões internacionais. Ainda dentro do domínio

neuroticismo, facetas, ansiedade, hostilidade, autoconsciência e impulsividade, as diferenças significativas encontram-se entre os militares que já desempenharam missões internacionais em teatro de guerra, que apresentam valores mais baixos em relação aos que nunca desempenharam estas missões.

Ao nível da agressividade verificam-se diferenças significativas, o factor hostilidade manifesta valores mais baixos para os militares que participaram em missões de guerra, seguidos os militares que estiveram em missões de paz.

No que concerne à comparação de classes (sargentos e praças) constatamos que a classe de sargentos, relativamente à classe de praças, obtém valores significativamente mais elevados no domínio de extroversão e em especial na faceta assertividade. Ainda relativamente à personalidade e no domínio amabilidade, faceta confiança, a classe de sargentos obtém valores significativamente mais elevados. Relativamente à gestão da imagem, a classe de sargentos obtém também valores significativamente mais elevados que a classe de praças.

Ao nível da comparação de funções podemos concluir que os militares que desempenham a função de comandantes de secção operacional, apresentam valores mais elevados no domínio da extroversão (faceta assertividade), relativamente aos operacionais de outras funções.

Tendo em conta que o Grupo de Intervenção Protecção e Socorro tem uma eficiência e uma eficácia de aproximadamente 99%, este estudo oferece-nos a possibilidade de conhecer a relação existente entre os traços de personalidade e a agressividade para que seja mantido o ritmo tão elevado desta força de elite no desempenho de missões.

Durante a realização deste estudo, encontramos algumas dificuldades, referentes à especificidade da amostra em causa, a todos os níveis. Dificuldades físicas e geográficas, devido ao deslocamento e logística associada. Especificamente uma das maiores dificuldades foi mesmo conseguir cumprir os prazos tendo em conta que foram aplicados 535 protocolos em 10 locais diferentes do país.

Além disso, uma dificuldade ainda maior foi mesmo o suporte teórico específico relacionado com os militares de protecção e socorro, que é praticamente nulo, nomeadamente no tema da agressividade, o que a certa altura nos obrigou a recorrer a suporte literário que não está directamente relacionado com a nossa amostra.

De qualquer forma num futuro próximo e uma vez que o contexto é Ibérico, pensamos que seria pertinente um estudo comparativo entre os militares da UME espanhola e a sua

congénere portuguesa. Outro estudo bastante interessante e complementar ao presente, seria sobre stress pós traumático nestes militares. Além disso propõe-se também que sejam efetuadas mais investigações por forma a aprofundar a personalidade e tentar definir um perfil ligado à função do militar de protecção e socorro.

Em qualquer instituição a componente humana é o pilar base sustentação. Assim, concluída esta investigação, acabamos por conhecer mais um pouco sobre as características destes militares.

Os militares de protecção e socorro são simplesmente um grupo de portugueses, que a certa altura das suas vidas deram o paço em frente, para começar a construir algo com base em nada, numa altura em que Portugal sofria uma verdadeira catástrofe devido aos incêndios florestais. Hoje o GIPS da GNR é uma realidade consolidada e de sucesso, traduz a eficiência e eficácia dos seus homens e mulheres que desde o primeiro dia de existência do GIPS conseguiram resultados invejáveis, servindo de referência a instituições nacionais e internacionais.

Serve o momento actual, de tanta austeridade e agressão internacional contra a boa imagem de Portugal, para ressurgirmos como pioneiros e inovadores. Relembrando assim, a áurea e o espírito guerreiro do povo Lusitano, servindo mais uma vez de exemplo ao mundo com a criação desta unidade e os seus resultados que nos trazem orgulho.

Bibliografia

- Allport, G. (1961). *Pattern and Growth in Personality*. Harcourt College
- Allport, G.W. e Kramer, B.M. (1946). Some roots of prejudice. *Journal of Psicology*, 22: 9-39.
- Allport, G. W., & Vernon, P.E. (1933). *Studies in expressive movement*. New York; Haffner
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). *Human aggression*. Annual Review of Psychology, 53, 27-51
- Anderson, C. A., & Dill, K. E. (2000). Video games and aggressive thoughts, feelings, and behavior in the laboratory and in life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78, 772-790.
- Avia, M. D. (1997). *Personality and positive emotions*. European Journal of Personality, 11, 1, 35-56.
- Aylward, J. (1985). Psychological testing and police selection. *Journal of Police Science and Administration*, 13, 201-210.
- Bandura, A. (1973). *Agression: A social learning analysis*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall
- Bandura, A., and Cervone, D. (1983). Self-evaluative and self-efficacy mechanisms governing the motivational effects of goal systems. *J. Personal Social Psychol.* 45: 1017-1028.
- Bandura, A., Ross, Dorothea, & Ross, Sheila A. (1961). Transmission of aggression through imitation of aggressive models. *7. abnorm. soc. Psychol.* 575-582.
- Bandura, A., & Walters, R. H. (1959). *Adolescent aggression*. New York: Ronald
- Bandura, A., & Walters, R. H. *The social learning, of deviant behavior: A behavioristic approach to socialization*. New York: Holt, Rinehart, & Winston, in press.
- Beck, A. T. (2000). *Prisoners of hate: the cognitive basis of anger, hostility and violence*. Nova York: Perennial
- Beck, A., & Freeman, A. (1993). *Terapia cognitiva dos transtornos de personalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Berkowitz, L. (1984). Some effects of thoughts on anti- and prosocial influences of media events: *A cognitive neoassociation analysis*. *Psychological Bulletin*, 95, 410-427.

- Berkowitz, L. (1993). *Aggression: its causes, consequences, and control*. Nova York: McGraw-Hill.
- Berkowitz, L. (1998). Affective aggression: the role of stress, pain, and negative affect. In R. G. Geen & E. Donnerstein (Orgs.), *Human aggression: Theories, research, and implications for social policy* (pp. 49-72). San Diego: Academic Press
- Block, J. (1995). A contrarian view of the five-factor approach to personality description. *Psychological Bulletin*, 117, 187-215
- Briggs, S. R. (1992). Assessing the Five-Factor Model of personality description, Special Issue The Five- Factor Model: Issues and applications. *Journal of Personality*, 60 (2), 253-293.
- Bryant, F. B., Smith, B. D. (2001). Refining the architecture of aggression: A measurement model for the Buss-Perry Aggression Questionnaire. *Journal of Research in Personality*, v. 35, p. 138-167.
- Buss, A.H., & Durkee, A. (1957). An inventory for assessing different kinds of hostility. *Journal of Consulting Psychology*, 21, 343-349.
- Buss, A.H., & Perry, M. (1992). The Aggression Questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 452-459.
- Bushman, B., Baumeister, R., & Stack, A. (1999). Catharsis, aggression, and persuasive influence: Self-fulfilling or self-defeating prophecies? *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 367-376
- Bushman, B. J., & Anderson, C. A. (2001). Is it time to pull the plug on the hostile versus instrumental aggression dichotomy? *Psychological Review*, 108, 273-279
- Bushman, B. J.; Cooper, H. M.; Lemke, K. M. (1991). Meta-analysis or factor-analysis – An illustration using the Buss-Durkee Hostility Inventory. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 17, p. 344-349.
- Byrne, B. M. (2001). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Crick, N. R., & Dodge, K. A. (1994). A review and reformulation of social information-processing mechanisms in children's social adjustment. *Psychological Bulletin*, 115, 74-101.

- Constituição da República Portuguesa de 2 de Abril de 1976, Revista pelas Leis Constitucionais n.ºs 1/82, de 30 de Setembro, 1/89, de 8 de Julho, 1/92, de 25 de Novembro, 1/97, de 20 de Setembro e 1/2001, de 12 de Dezembro, 1/2004, de 24 de Julho e 1/2005, de 12 de Agosto.
- Costa, P.T. & McCrae, R.R. (1990). Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality, *Journal of Personality Disorders*; 4 (4), 362-371.
- Costa, P.T. Jr. & McCrae, R. R. (1995). 'Domains and facets: Hierarchical personality assessment using the Revised NEO Personality Inventory', *Journal of Personality Assessment*, 64.
- Costa, P.T., Jr., McCrae, R.R., & Dye, D.A. (1991). Facet scales for agreeableness and conscientiousness: A revision of the NEO Personality Inventory. *Personality and Individual Differences*, 12, 887-898.
- Costa, P.T., & McCrae, R.R. (1992). *NEO PI-R. Professional manual*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources, Inc.
- Cupertino, Luis (1985). *Deontologia Militar*, Academia Militar
- Cunha Rodrigues, J. N. (1998). Para um novo conceito de Polícia. *Revista Portuguesa de Ciência Criminal*, 8, 399-408.
- Damásio, A. (2004). *O sentimento de si: o corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Darwin, C. (1872). *The expression of the emotions in man and animals* (3a ed., organizada por Paul Ekman - 1998). Londres: Oxford University Press. (trabalho originalmente publicado em 1872)
- Decreto de criação da Guarda Real da Polícia de 10 de Fevereiro de 1801
- Decreto Lei nº 22 de 2006 - N.º 24—2 de Fevereiro de 2006 Diário da República Série-A, 785-787 – Criação do Grupo de Intervenção Protecção e Socorro
- Desrichard, O. & Denarié, V. (2005). Sensation Seeking and Negative Affectivity as Predictors of Risky Behaviors: a distinction between occasional versus frequent risk-taking. *Addictive Behaviors*, 30, 1449-1453
- Digman, J.M. (1990). Personality structure: Emergence of the five factor model. *Annual Review of Psychology*, 41, 417-440.
- Dodge, K. A., & Coie J. D. (1987). Social information processing factors in reactive and proactive aggression in children's peer groups. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 1146-1158

- Dollard, J., Doob, L. W., Miller, N. E., Mower, O. H., & Sears, R. R. (1939). *Frustration and aggression*. New Haven: Yale University Press.
- Eber, H.W. (1991). *Good cop includes bad cop: A supplementary concept of police brutality*. Paper presented at the annual meeting of the Society of Multivariate Experimental Psychology, Albuquerque, NM.
- Ekman, P. (1992). Facial expression of emotion: New findings, new questions. *Psychological Science*, 3, 34-38.
- Erikson, E. (1971). *Infância e sociedade* (G. Amado, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1950)
- Eysenck, H. J. (1993). The structure of phenotypic personality traits: Comment. *American Psychologist*, 48 (12), 1299-1300.
- Ferreira, A. B. de H. (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Fossati, A.; Maffei, C.; Acquarini, E.; Di Ceglie, A. Multigroup confirmatory component and factor analyses of the Italian version of the Aggression Questionnaire. *European Journal of Psychological Assessment*, v. 19, p. 54-65, 2003
- Furlong, M. J.; Smith, D. C. Raging risk to tranquil Tom: An empirically based multidimensional anger typology for adolescent males. *Psychology in the Schools*, v. 35, p. 229-245, 1998.
- García León, A.; Reyes, G.; Vila, J.; Pérez, N.; Robles, H.; Ramos, M. M. (2002). The Aggression Questionnaire: A validation study in student samples. *The Spanish Journal of Psychology*, v. 5, p. 45-53.
- Goldberg, L. R. (1981). Language and individual differences: the search for universals in personality lexicons. in L. Wheeler (Ed.), *Review of personality and social psychology* (Vol.2, 141-165). Beverly Hills, CA: Sage.
- Goldberg, L. R., & Saucier, G. (1995). *The adjectives check list manual*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Geen, R. G. (1998). Processes and personal variables in affective aggression. In R. G. Geen & E. Donnerstein (Orgs.), *Human aggression: theories, research, and implications for social policy* (pp. 1-21). San Diego, California: Academic
- Grisso, T. (1996). Society's retributive response to juvenile violence: A developmental perspective. *Law and Human Behavior*, 20, 229-247.

- Gross, J. (1999). Emotion and Emotion Regulation. In L.A. (Pervin (Ed.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 525-552). New York: Guilford Press.
- Grupo de Intervenção Protecção e Socorro, (2010). Actividade Operacional In <http://www.gnr-gips.org/>. Acedido em 21 de Abril de 2010 em <http://www.gnr-gips.org/>.
- Haller, J.; Kruk, M.R., (2006). Normal and abnormal aggression: human disorders and novel laboratory models. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews* 30, 292-303
- Halverson Jr. et al. (eds.) (1994). *The developing structure of temperament and personality from infancy to adulthood*. New York: Lawrence Erlbaum Ass.
- Hampson S. E. (1988). *The construction of personality: An introduction*. (Revised 2nd edition). London: Routledge.
- Harris, M. B., (1996). Aggression, gender, and ethnicity. *Aggression and Violent Behavior*, v. 1, p. 123-146, 1996.
- Higgins, E. T. (1990). Personality, social psychology, and person-situation relations: standards and knowledge activation as a common language. In L. Pervin (Org.), *Handbook of personality: theory and research* (pp. 301- 338). Nova York: Guilford
- Homant, R. J. & Kennedy, D. B. (1993). Sensation seeking as a factor in police pursuit. *Criminal Justice and Behavior*, 20, 293-305.
- Houaiss, A., Villar, M. de S., & Franco, F. M. de M. (Orgs.). (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva
- Houston, R. J.; Standford, M. S. Mid-latency evoked potentials in self-reported impulsive aggression. *International Journal of Psychophysiology*, v. 40, p. 1-15, 2001.
- Huesmann, L. R. (1988). An information processing model for the development of aggression. *Aggressive Behavior*, 14, 13-24.
- Huesmann, L. R. (1998). The role of social information processing and cognitive schema in the acquisition and maintenance of habitual aggressive behavior. In R. G. Geen & E. Donnerstein (Orgs.), *Human aggression: theories, research, and implications for social policy* (pp. 73-109). San Diego, California: Academic.
- Huesmann, L. R., Moise, J., Podolski, C. L., & Eron, L. D. (1997). The roles of normative beliefs and fantasy rehearsal in mediating the observational learning of aggression [Resumo]. In M. Haug & N. G. Simon (Org.), *XII World Meeting of the International Society for Research on Aggression* (p.28). Estrasburgo, França: Autor

- Hull, L., Farrin, L., Unwin, C., Everitt, B., David, A., (2001). Anger, psychopathology and cognitive inhibition: *a study of UK servicemen* - *Pers Individ Dif.*2003;35:1211-26.
- Hungtinton, S. (1957). *The Soldier and the State: The Theory and Politics of Civil-Military Relations*. Belknap Press.
- Izard, C. E. (1989). *Human Emotions*. New York: Plenum Press.
- Izard, C. E. (1991). *The psychology of emotions*. New York: Plenum Press.
- John, O. P. (1990). The «Big-Five» factor taxonomy: Dimensions of personality in the natural language and in questionnaires. In L. Pervin (Ed.), *Handbook of personality theory and research*. New York: Guilford.
- Kristensen, C. H., Lima, J. S., Ferlin, M., Flores, R. Z., & Hackmann, P. H. (2003). Fatores etiológicos da agressão física: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, 8, 175-184.
- Langelaan, S., Bakker, A. B., Van Doornen, L. J. P. & Schaufeli., W. B. (2006). Burnout and work engagement: do individual differences make a difference? *Personality and Individual Differences*, 40, 521-532.
- Lei n.º 63/2007 de 6 de Novembro - Aprova a orgânica da Guarda Nacional Republicana
- Lima, J. S., Ferlin, M., Stangherlin, F., & Kristensen, C. H. (2000). O modelo de processamento de informação social na aquisição e manutenção do comportamento agressivo. *Resumos das Comunicações – Exponha-se* (pp. 194-195). São Leopoldo: Unisinos
- Loeber, R., & Hay, D. (1997). Key issues in the development of aggression and violence from childhood to early adulthood. *Annual Review of Psychology*, 48, 371-410.
- Lorenz, K. (1966). *On aggression*. Nova York: Hartcourt, Brace & World
- McCrae, R. (2006). O que é personalidade? in C. Flores-Mendoza & R. Colom-Marañón (Orgs.). *Introdução à Psicologia das Diferenças Individuais* (pp. 203-218). Porto Alegre: Artmed.
- McCrae, R., & Costa, P. (1986). Personality, coping, and coping effectiveness in an adult sample. *Journal of Personality*, 54, 385-405.
- McCrae, R. & John, O. P. (1992). An introduction to the Five-factor model and its applications. *Journal of Personality*, 60 (2), 175-216.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1995). Trait explanations in personality psychology. *European Journal of Personality*, 9, 231-252

- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1996). Toward a new generation of personality theories: theoretic contexts for the five-factor model. In J. S. Wiggins (Ed.), *The Five-Factor Model of Personality – Theoretical perspectives*. New York: The Guilford Press.
- McCrae, R. R. & Costa, P. T. (1999). A five-factor theory of personality. In, L. A. Pervin (Ed.) *Handbook of Personality: theory and research* (pp. 133-145). New York: The Guilford Press.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T., Jr. (1989). The structure of interpersonal traits: Wiggins's circumplex and the five-factor model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 586-595.
- Miller, N. E., Sears, R. R., Mowrer, O. H., Doob, L. W., & Dollard, J. (1941). The frustration-aggression hypothesis. *Psychological Review*, 48, 337-342.
- Mischel, W. (1981). *Introduction to personality*. New York: CBS College Publishing.
- Niehoff, D. (1999). *The biology of violence*. Nova York: Free Press.
- Oliveira, J. P. (2002). O Exame psicológico no contexto forense. *Sub Judice / Ideias*, No. 22, pp. 49-58.
- Oliveira, J. P. (2007). *Sensation seeking and aggression among psychopaths*. In “*Working Together: Interdisciplinarity in Forensic Mental Health*”. Montreal: IAFMHS.
- Oliveira, J. P. (2008). *Personalidade e avaliação do risco de violência: propostas conceptuais e metodológicas* (no prelo).
- Oliveira, J. P. (2010). Sensation seeking and aggressiveness among security professionals . In *Personality Assessment*. San Francisco, CA: SPA.
- Oliveira, J. P., Anciães A., & Faria, M. (1999). *Agressividade e psicopatia: contribuição compreensiva*. *Avaliação Psicológica - Formas e Contextos*, No. VII, pp. 934-950.
- Oliveira, J. P., & Queirós, C. (2008). *Traços de personalidade e burnout em polícias: uma revisão dos estudos* (no prelo).
- Oliveira, J. P., & Queirós, C. (2009). *O estudo empírico do burnout na Polícia de Segurança Pública portuguesa* (no prelo).
- Oliveira, J. P., & Queirós, C. (2010). Burnout, impulsividade e procura de sensações em polícias. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 11, 23.
- Paulhus, D. (1998). *Paulhus Deception Scales (PDS): The Balanced Inventory of Desirable Responding-7*. New York: Multi Health Systems Inc.

- Rest, J. (1979). Revised manual for the Defining Issues Test: *An objective test of moral judgement*. Minneapolis: Minnesota Moral Research Project.
- Rodrigues, C. & Pina-Cabral, J. (1985). *Motivação, conceito, aspectos fundamentalmente inatos*. Porto: Contraponto.
- Roqueplo, J. C. (1979). Le statut des militaires, Paris, *La Documentation Française*, p. 86
- Rothschild, B., Carlyn, D., Ragnar, S., and Clapp, L. (1997). Personality Profiles of Veterans Entering - Treatment for Domestic Violence - *Journal of Family Violence*, Vol. 12, No. 3
- Russel, M., (2000). Personality Styles of the effective soldiers – *Military Review US Army – January February – 2000*
- Singer, J. (1984). *The Human Personality*. San Diego: Harcount Brace Jovanovich Publishers
- Silva, R., Schlottfeldt, C., Rozenberg, M., Santos, M. & Lelé, A. (2007). Replicabilidade do Modelo dos Cinco Grandes Fatores em Medidas de Personalidade. *Mosaico*. Vol. I. nº 1, p. 37-49.
- Sisto, F. F., Oliveira, A. F., (2007). Traços de personalidade e agressividade: um estudo de evidência de validade - PSIC - *Revista de Psicologia da Vetor Editora*, v. 8, nº 1, p. 89-99, Jan./Jun. 2007 89
- Spielberger, C.D. (1979). *Police selection and evaluation: Issues and techniques*. New York: Praeger Publishers.
- Surís, A. M., Lind, L. M. and Kashner, M. T., (2005). Aggression and Impulsivity Instruments: An Examination in Veterans - *Military Psychology*, 2005, nº 17, 283–297
- Tedeschi, J. T., & Felson, R. B. (1994). *Violence, aggression, and coercive actions*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Warr, P. (1999). Well-being and workplace. In D. Kahneman, E. Diener & N. Schwarz (Eds.), *Well-being: The Foundations of hedonic psychology*. New York: Russell Sage Foundation Press.
- Watson, D. (2000). *Mood and temperament*. New York: Guilford
- Watson, D., & Tellegen, A. (1985). Toward a consensual stricture of mood. *Psychological Bulletin*, 98, 219-235.
- Williams, T. Y.; Boyd, J. C.; Cascardi, M. A.; Poytheress, N. Factor structure and convergent validity of the aggression questionnaire in an offender population. *Psychological Assessment*, v. 8, p. 398-403, 1996

- Zaleski, Z. (1984). Sensation seeking and risk taking behavior. *Personality and Individual Differences*, 5, 5, 607-608
- Zimerman, D. E. (2001). *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed
- Zuckerman, M. (1994). *Behavioral expressions and biosocial bases of sensation seeking*. New York: Cambridge University Press.
- Zuckerman, M. (2003). Biological bases of personality. In T. Millon & M. J. Lerner (Eds.). *Handbook of Psychology*, vol. 5, *Personality and Social Psychology*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, Inc.